

Carolina Cardinal Duarte Campaña Maia

# A TRANSMISSÃO DOS CUIDADOS MATERNOS

Do rádio às mídias digitais



# A TRANSMISSÃO DOS CUIDADOS MATERNOS

*CONSELHO EDITORIAL*

André Luiz V. da Costa e Silva

Cecilia Consolo

Dijon De Moraes

Jarbas Vargas Nascimento

Luís Augusto Barbosa Cortez

Marco Aurélio Cremasco

Rogério Lerner

A TRANSMISSÃO  
DOS CUIDADOS MATERNOS  
Do rádio às mídias digitais

Carolina Cardinal Duarte Campaña Maia  
*Organizadora*

2023

*A transmissão dos cuidados maternos: do rádio às mídias digitais*

© 2023 Carolina Cardinal Duarte Campanha Maia (org.)

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Andressa Lira

*Produção editorial* Aline Fernandes

*Diagramação* Joyce Rosa

*Revisão de texto* Luana Negraes

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* iStockphoto

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

**contato@blucher.com.br**

**www.blucher.com.br**

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

A transmissão dos cuidados maternos: do rádio às mídias digitais / organizado por Carolina Cardinal Duarte Campanha Maia. - São Paulo : Blucher, 2023.

142 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5550-193-3 (impresso)

1. Maternidade – Aspectos psicológicos 2. Winnicott, D. W. (Donald Woods), 1896-1971 3. Comunicação 4. Tecnologia I. Maia, Carolina Cardinal Duarte Campanha

23-3118

CDD 155.6463

Índices para catálogo sistemático:

1. Maternidade – Aspectos psicológicos

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.*

*Fernando Pessoa*

*A obra original é a de 1934 e a consultada, a de 2021.*



# DEDICATÓRIA

À minha avó materna, Júlia, por ter me ensinado a curiosidade de saber.

Aos meus pais, também professores, Manoel e Thelma, que sempre me inspiraram a persistir nos momentos difíceis.

Ao meu marido e parceiro de vida, Felipe, por estar ao meu lado e me incentivar em todos os meus projetos.

Aos meus filhos Matheus e Marina, que me ensinam o que são os cuidados maternos todos os dias.



# AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Rosa Tosta, pelos ensinamentos e pelo convívio durante todo o mestrado.

Aos profs. drs. Alfredo Farah Neto e Gabriel Zaia Lescovar pelas contribuições que acrescentaram ao meu trabalho.

Aos meus colegas da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do grupo LABÔ por todas as trocas e experiências compartilhadas.

À leitura e à revisão de texto de Evelise Paulis, que me auxiliou tão prontamente desde o primeiro contato.

À prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Danit Zeava Falbel Pondé, à dr.<sup>a</sup> Patrícia Quaglierini Ribeiro, à Patricia Gennari e à Daria de Macedo por exercerem o cuidado tão winnicottianamente!



# CONTEÚDO

<b>DEDICATÓRIA</b>	<b>7</b>
<b>AGRADECIMENTOS</b>	<b>9</b>
<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>15</b>
COMO TUDO COMEÇOU...	15
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>17</b>
A TEORIA DE WINNICOTT	17
ENTENDENDO O TERMO “CUIDADO”	19
O “CUIDAR” E AS MÍDIAS DIGITAIS	20
O “CUIDAR” E A ACELERAÇÃO DAS COISAS	21
RÁDIO <i>VERSUS</i> MÍDIAS DIGITAIS	23
MÉTODO	23
ABORDA	24

---

<b>1. A CULTURA DO RÁDIO NA INGLATERRA NA ÉPOCA DO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL</b>	<b>27</b>
<b>2. A CULTURA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA HIPERMODERNIDADE</b>	<b>33</b>
2.1 A CULTURA HIPERMODERNA E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO	33
2.2 O FUNCIONAMENTO DAS NOVAS MÍDIAS	37
2.3 A CORPOREIDADE NA ERA DIGITAL	44
2.4 O SABER DAS MÍDIAS DIGITAIS	47
2.5 <i>DIGITAL MOMS</i>	53
<b>3. PALESTRAS RADIOFÔNICAS DE WINNICOTT</b>	<b>61</b>
3.1 MATERNAGEM SATISFATÓRIA	65
3.2 SUSTENTAÇÃO/SEGURANÇA	71
3.3 CONFIABILIDADE	75
3.4 DEPENDÊNCIA	80
3.5 SOBREVIVÊNCIA	81
3.6 REPARAÇÃO DOS DANOS	84
3.7 RESPONSABILIDADE	85
3.8 HUMANIDADE/FALIBILIDADE	87
3.9 VERDADE	88
3.10 MORALISMOS	89
3.11 GRATIDÃO	91
<b>4. O GRUPO DE MÃES DO FACEBOOK</b>	<b>93</b>
4.1 SENTIMENTO DE CULPA	94
4.2 AMOR MATERNO	99
4.3 <i>BURNOUT</i> MATERNO – O ESGOTAMENTO DA MATERNIDADE	101
4.4 INSEGURANÇA, CRÍTICAS E JULGAMENTO	109
4.5 SENSIBILIDADE A CRÍTICAS E JULGAMENTO	112
4.6 FRUSTRAÇÃO	117
4.7 CIÚMES	119
4.8 INTUIÇÃO	121

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>125</b>
QUANTO AO TIPO DE ÉTICA	125
QUANTO AO TIPO DE COMUNICAÇÃO COM AS MÃES	126
QUANTO AO TEMPO	127
QUANTO À EXPRESSÃO DA MULHER	127
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>131</b>



# APRESENTAÇÃO

*As coisas mais difíceis de falar são as  
que nós mesmos não conseguimos entender.*

*Elena Ferrante, A filha perdida*

## COMO TUDO COMEÇOU...

Esta pesquisa nasceu da minha experiência pessoal como mãe ao me deparar com as dificuldades que ninguém conta. Infelizmente, o universo da maternidade esbarra, ainda no século XXI, em idealizações e romantizações que só prejudicam as mães.

Antes de ter meu primeiro filho, muito desejado e planejado, fiz todo o pré-natal, como se deve, além de: hidroginástica para gestantes, curso para pais, curso de *shantala* para bebês, leitura de livros sobre maternidade e cuidados com o bebê.

Na época, era comum o uso do aplicativo *BabyCenter*, que informava o que acontecia com o bebê a cada semana no ventre materno. A princípio, era interessante, pois ficava imaginando o que estava acontecendo com o bebê dentro da minha barriga. Com o passar dos meses, pude perceber que estava “viciada” no aplicativo e que todos os dias dava uma olhadinha para ver se algo novo havia mudado em meu bebê. Fui ficando cada vez mais ansiosa com a proximidade do parto, mas também com a inquietação de a cada dia querer saber mais sobre o que o aplicativo iria me contar sobre o meu bebê.

Quando meu primeiro filho nasceu, imaginei que me tornaria mãe automaticamente e que tudo seria muito natural, afinal ter um filho faz parte da vida. Mal sabia

eu que ter um filho não faz nascer uma mãe, pois isso nem sempre acontece, por ser um encontro de dois seres estranhos e uma construção para a vida inteira. Aí começaram as minhas dificuldades, dentre elas, a amamentação. Meu bebê era voraz, faminto, eu tinha pouco leite, meu peito rachou, sangrou, tive mastite, sofri muito. A privação de sono me deixava irritada, e ficava angustiada quando estava sozinha em casa, não me sentindo capaz de cuidar do meu filho.

Além disso, como psicanalista, notei que muitas analisandas mães fazem uso das mídias digitais diariamente, sobretudo as mães de primeiro filho, visando a busca de dicas sobre como maternar e o compartilhamento de informações para amenizar suas angústias.

Em certa ocasião, uma de minhas analisandas relatou que se sentia culpada por não conseguir dar conta de tantos papéis a serem exercidos como mulher, mãe, profissional, filha. Contou-me que estava exausta física e psiquicamente diante de tantas demandas e que não sabia o que poderia fazer para conciliar seus desejos com as responsabilidades esperadas. Sentia que não estava presente na vida dos filhos o suficiente, pois seu filho sempre reclamava que ela usava muito as mídias digitais. Sua agenda não cabia dentro do tempo, que passava depressa demais para ver seus filhos crescerem.

Outro caso também chamou minha atenção: uma mãe adquiriu um curso de treinamento de sono online para fazer o filho de 2 anos dormir a noite inteira; essa paciente vivia exausta desde a gravidez. Além de padecer de problemas de sono, não conseguia estabelecer uma rotina de sono para seu filho, o que lhe causava grande sofrimento.

A experiência que tive no atendimento desses casos despertou-me o interesse em analisar a cultura dos cuidados maternos na contemporaneidade veiculada nas mídias digitais e, mais tarde, no decorrer da pesquisa, surgiu a inspiração de investigar a cultura do cuidado materno veiculada nas palestras do médico inglês Donald Woods Winnicott (1896-1971) no rádio no pós-guerra e a cultura do cuidado materno veiculada pela mídia digital a partir de um grupo de mães do Facebook<sup>1</sup> sobre maternidade.

---

1 Em observância às normas da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD), de forma a garantir o anonimato das usuárias e do grupo de discussão analisado, tanto os nomes das usuárias quanto a identificação do grupo foram suprimidos ou modificados.

# INTRODUÇÃO

## A TEORIA DE WINNICOTT

Como pediatra, Winnicott realizou milhares de atendimentos de crianças em hospitais e em seu consultório privado. Ao ler um texto de Freud, resolveu se analisar e estudar psicanálise. Fez análise com James Beaumont Strachey (1887-1967) durante dez anos e depois com Joan Riviere (1883-1962). Tornou-se um grande psicanalista e participou ativamente das duas grandes guerras mundiais. Na Primeira Guerra, Winnicott atuou como enfermeiro na marinha (WINNICOTT, 1965/1983). Na Segunda Guerra, participou do plano geral de evacuação de crianças, incluindo em suas funções os cuidados e sua manutenção (WINNICOTT, 1984/2012).

Winnicott (1988/1990) conceitua a natureza humana como resultante da interrelação da psique e do soma, sendo a mente uma ordem à parte – a natureza humana é psicossomática. Concebe o ser humano a partir de sua dimensão temporal: em suas palavras, “o ser humano é uma amostra-no-tempo da natureza humana” (WINNICOTT, 1988/1990, p. 29). O processo de singularização do homem se faz no tempo, de acordo com o seu amadurecimento emocional, diferentemente da psicanálise tradicional, que ressalta o conteúdo do psiquismo, o que corrobora Safra (1999, p. 92): “é no tempo e com o tempo que se dá o acontecer do homem”.

Ao tratar de adultos psicóticos, de bebês e de suas mães, Winnicott constatou que o modelo edípico freudiano não era adequado para esses tipos de pacientes, sendo necessário pensar em um estado primitivo de dependência como o do início da vida (LOPARIC, 2013). Considerando isso, Winnicott criou a teoria do amadurecimento pessoal, na qual o indivíduo está em constante crescimento, com tendência à integração numa unidade para tornar-se uma pessoa total, capaz de estabelecer relações com o mundo externo e cuidar de si.

Segundo Winnicott, as bases da personalidade humana são construídas a partir da relação do bebê com sua mãe por meio do vínculo inicial, no corpo a corpo, projetando no futuro os relacionamentos daquele indivíduo com os outros. Para ele, o indivíduo só se realizaria no mundo se houvesse um ambiente facilitador (mãe, família, grupo social) que o auxiliasse a continuar a ser, ser criativo e ter uma vida que faz sentido. Assim, o foco de seu estudo sempre foi a natureza humana em sua dimensão intersubjetiva, o ser humano na relação com o outro.

A psicanálise winnicottiana tem como princípio a intersubjetividade na constituição da subjetividade humana. Isso significa dizer que o sujeito resulta sempre de uma relação com o outro que o precede e o determina, havendo um mundo intersubjetivo no qual ele está inserido. Essa perspectiva foi influenciada pelas contribuições filosóficas de Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) sobre a genealogia da intersubjetividade (AYOUCH, 2012). Parafraçando Winnicott (1988/1990, p. 29), “não existe uma mãe sem um bebê”, porque ser humano é supor estar em relação com o outro.

Ainda na perspectiva winnicottiana, o indivíduo é um estado a ser conquistado pelo desenvolvimento maturacional que tende à integração, uma tendência à integração numa unidade. Esse processo se dá com o auxílio dos cuidados ambientais para que o eu seja constituído (WINNICOTT, 1988/1990).

A escolha da teoria winnicottiana se justifica pelo fato de Winnicott ter abordado em sua obra a maternidade, destacando o papel da mãe no desenvolvimento emocional humano, o que nos interessa tratar na presente pesquisa ao abordarmos os cuidados maternos. Seu conceito de saúde está moldado de acordo com o que é esperado em termos de maturidade emocional para determinada idade quando o indivíduo está com uma provisão de cuidados suficientemente boa do ambiente (WINNICOTT, 1988/1990). A conquista de um estado de unidade também é um sinal de saúde no desenvolvimento emocional de todo ser humano.

A provisão ambiental consiste nos cuidados mais básicos que a mãe dedica ao seu bebê desde o início da vida para atender às suas necessidades instintuais ou corporais. Conforme a mãe vai se identificando com as necessidades do bebê, as necessidades corporais vão se transformando em necessidades do ego. As identificações da mãe podem ser conscientes ou inconscientes. Se há afinidade entre mãe e bebê, essa relação permite a ele perceber que a mãe é uma pessoa presente (WINNICOTT, 1956/2000). Esses cuidados dispensados ao bebê e, mais tarde, à criança devem ser suficientemente bons para que possam crescer, sentir satisfações, lidar com conflitos em cada etapa da vida.

Em termos de psicopatologia, Winnicott considerava que os distúrbios se apresentavam quando algo deveria ter acontecido, mas não aconteceu em relação aos cuidados do indivíduo.

*Os distúrbios são interrupções na continuidade do ser, cuja origem está nas falhas ambientais e nas reações do bebê a essas falhas, que acabam constituindo organizações defensivas mais ou menos rígidas. (LOPARIC, 2016)*

É a partir do texto “A cura” (1970/2011) que Winnicott inaugura uma nova ética, a ética do cuidado, diferentemente de Freud, que propôs uma ética da autonomia (LOPARIC, 2013).

Winnicott (1970/2011) afirma que o lema de sua profissão é “cuidar-curar”, destacando o cuidado e o crescimento do paciente em relação ao tratamento e à cura da doença:

*Em termos de doença social, o “cuidar-curar” pode ser mais importante para o mundo do que a “cura-tratamento” e do que todo diagnóstico e prevenção que acompanham aquilo que geralmente se denomina abordagem científica.*

*Num contexto profissional, dado o comportamento profissional apropriado, pode ser que o doente encontre uma solução pessoal para problemas complexos da vida emocional e das relações interpessoais; o que fizemos não foi aplicar um tratamento, mas facilitar o crescimento. (pp. 113-114, grifos nossos)*

## ENTENDENDO O TERMO “CUIDADO”

O cuidado assume dois significados: provisão ambiental suficientemente boa e responsabilidade pessoal do indivíduo de cuidar do ambiente e de seu dependente. O cuidado também se traduz na responsabilidade dos pais, da família, das instituições e da sociedade em geral de manter os cuidados maternos de acordo com as necessidades do indivíduo ao longo do processo de amadurecimento. Esses tipos de cuidadores devem garantir os cuidados suficientemente bons da mãe, promovendo estabilidade, previsibilidade e adaptação ativa à situação dos dependentes (LOPARIC, 2013).

Loparic (2013), ao tratar do sentido ético do cuidado em Winnicott, afirma que o cuidado materno está na esfera do dever ser, e não do poder ser. Isso quer dizer que uma mãe ao gestar e gerar um filho assume a responsabilidade por sua existência no mundo. Cabe à mãe proporcionar ao filho uma experiência de contato e de confiança para que ele se sinta real e possa se relacionar no mundo.

O dever de cuidar da mãe diz respeito a seus modos de ser, sua disponibilidade de se relacionar, de estar com o outro, para que esse comece a ser, continuar sendo, constituir-se como uma unidade, sentir-se vivo, espontâneo, real. Faz parte também do dever de cuidar da mãe sobreviver às agressões da criança, para que ela possa continuar sendo, e ajudá-la a assumir e reparar os danos causados.

No período de 1939 a 1965, Winnicott realizou cerca de cinquenta palestras radiofônicas na BBC de Londres, apresentando temas relacionados aos cuidados maternos. Com exceção de uma das palestras, as demais foram proferidas após o término da Segunda Guerra Mundial, momento em que a Inglaterra estava arrasada pela guerra.

Essa situação de exceção afetou de modo traumático as relações humanas, e aqui destacamos as das mães e de seus filhos.

Algumas crianças que estavam em alojamentos civis na Inglaterra foram resgatadas por suas mães, outras foram abandonadas. As famílias estavam destruídas diante de tantas perdas e lutos. Era preciso reconstruir a nação, começando pela valorização da família, ou seja, pela valorização da mãe e de seus cuidados.

Nessa época do pós-Segunda Guerra, o rádio teve uma imensa importância na vida das mulheres e das mães. Era o meio de comunicação mais usado por elas, e a maioria dos programas era feminina. O rádio tornou-se um veículo de expressão feminina muito significativo e, de certa forma, propagador da psicanálise, pois a partir dele Winnicott compartilhava seus conhecimentos de forma muito acessível às mães.

Em suas palestras, Winnicott auxiliava as mães a criar seus filhos, com o intuito de que compreendessem o que faziam, sem censurá-las. As orientações de Winnicott eram simples e apostavam na sensibilidade e no saber intuitivo das mães, encorajando-as ao exercício da maternidade.

## O “CUIDAR” E AS MÍDIAS DIGITAIS

Já na contemporaneidade, as mães recorrem às mídias digitais em busca de apoio, informação, orientação, ajuda e conversa devido à facilidade e à rapidez desse meio. Desejam saber como cuidar dos filhos, técnicas para o dia a dia, buscam empatia e alívio para suas angústias com outras mães em grupos das plataformas digitais.

O advento das mídias digitais promoveu relevantes transformações no psiquismo e nas dinâmicas das relações humanas, trazendo discussões acerca das repercussões de seu uso na experiência da maternidade.

Lipovetsky (2004) denomina hipermodernidade a era digital, inaugurada na década de 1980, quando teve início a globalização da internet e a disseminação das mídias digitais. Segundo o autor, vivemos um tempo marcado pelos excessos: hiperconsumo, hipernarcisismo, hiperindividualismo e, por que não, *hipertecnologia*, considerando o fato de essas mídias terem se tornado uma nova necessidade básica humana.

É tamanha a intensidade de reverberação das inovações tecnológicas que existe a ideia corrente de que essas mídias seriam um agente externo e que atuariam, por conta própria, sem a ação humana. A esse respeito, Levy (2010) esclarece que a expressão “impacto das mídias digitais” na verdade é inadequada, já que estas são uma invenção, não havendo, portanto, como separar o elemento humano do elemento material (tecnologia). Em outras palavras, é impossível pensar as mídias digitais sem considerar que há sempre uma subjetividade operando.

Isso se reflete na clínica com queixas frequentes das mães sobre dificuldades nos cuidados e na educação dos filhos. Somado a isso, nota-se no discurso social e nas falas das analisandas uma confusão de saberes, informações contraditórias e incoerentes com a realidade da vida de cada uma, resultando em angústias por não conse-

guirem atender satisfatoriamente às demandas dos seus filhos, da família, do social e, principalmente, de si mesmas.

Os obstáculos encontrados na maternagem, como a idealização da maternidade e o excesso de demandas das mídias, da família e do social, têm gerado diversos tipos de adoecimentos psíquicos nas mães. Vê-se, assim, que a maternidade sempre foi e continua sendo uma condição feminina de muitos desafios e tabus.

As novas mídias apresentam inúmeras plataformas digitais relacionadas à maternidade, propiciando o acesso à informação de forma rápida e imediata. Contudo, apesar de proporcionar ajuda, suporte e interação, o contato com as mídias digitais não é inofensivo. Ao mesmo tempo que facilitam a vida humana, também podem provocar hiperconexão, hiperexcitação, vício, dispersão, excesso e confusão de informações. Os usuários têm acesso simultaneamente a informações contraditórias e de fontes diversas. Nas palavras de Han (2018b), os indivíduos estão imersos e submetidos ao *exame digital*,<sup>1</sup> afastando-se cada vez mais, também, de si mesmo.

Por outro lado, as mídias digitais também podem ser um novo espaço potencial para as mães partilharem angústias, dúvidas, informações sobre cuidados de filhos, principalmente em momentos da vida em que o encontro presencial não é possível.

## O “CUIDAR” E A ACELERAÇÃO DAS COISAS

Diferentemente do que se possa pensar, a agitação em que vivemos hoje não é um estado novo de coisas. De acordo com dados históricos, há escritos anteriores à Revolução Industrial e à Revolução Francesa que noticiam a percepção de uma aceleração do tempo e da história (ROSA, 2019).

O mundo acelerado está em contínua velocidade até o presente, definindo as estruturas temporais da sociedade (ROSA, 2019). Com certa frequência, ouvimos em todos os ambientes que “a vida está passando muito rápido”, “o tempo está voando”, “não vi o ano passar”, indicando conflitos associados à nossa relação com o tempo.

Com a Revolução Digital, iniciada a partir da segunda metade do século XX, essa aceleração tem se mostrado mais intensa, devido ao processo de globalização e ao próprio funcionamento das mídias digitais, que provoca inúmeros estímulos e excitações por meio das telas. Isso nos leva de volta a Winnicott (1988/1990), que descreve estado excitado como o período em que há o predomínio de um impulso instintivo da criança; e o estado tranquilo como aquele que supõe a satisfação desse impulso, proporcionando um relaxamento da criança, fundamental para sua constituição e seu desenvolvimento.

---

1 “O exame digital não é nenhuma massa porque, nele, não habita nenhuma alma [*Seele*], nenhum espírito. [*Geist*]. Os indivíduos se fundem em uma nova unidade, na qual eles não têm mais nenhum perfil próprio. [...] O exame digital, diferentemente da massa, não é em si mesmo coerente. Ele não se externa como uma voz. Também falta ao *Shitstorm* a uma voz. Por isso ele é percebido como *barulho*.” (HAN, 2018b, p. 27, grifos do original)

Ora, esse estado de relaxamento tão necessário à constituição psíquica não combina com a temporalidade digital. O bombardeio sensorial emanado das telas tem convocado a uma compulsão digital, saturando o sistema perceptivo e capturando a subjetividade humana: o corpo está presente, mas psiquicamente o indivíduo está ausente (JERUSALINSKY, 2017).

Temos observado que essa compulsão digital provoca mais ansiedade nas mães, manifestando em seu comportando automático no cuidado com os filhos ou na sua indisponibilidade física ou emocional para ser para o outro.

Kerckhove (2009) sustenta que cada mídia tem suas características específicas que interferem na psicologia humana, em como as pessoas se relacionam e na realidade em geral. Dessa forma, o uso da tecnologia digital pode influenciar diretamente como as informações são percebidas pelas pessoas e como elas se relacionam com a realidade exterior.

A digitalização da vida já é uma realidade que cada vez mais aproxima o homem da máquina, abolindo os limites entre ambos e expandindo as formas de estar e agir no mundo. As distâncias geográficas são anuladas mediante a presença virtual e a telepresença (SIBILIA, 2015).

É incontestável que a sociedade contemporânea vive permanentemente exposta a estímulos de toda ordem. A grande maioria das pessoas vive conectada aos seus *gadgets*, como se estes integrassem o próprio corpo – a exemplo disso, os smart watches, que fazem parte da vida de uma parcela mais significativa da população.

Lipovetsky e Serroy (2015, pp. 402-403) afirmam que “o digital gera uma existência abstrata, descorporizada, sem laço tátil com o outro”, que “vivemos num momento em que agir por agir substitui as volúpias sensoriais; a velocidade, o sonho; o virtual, o sensível”. Nessa linha, propõem que a sociedade contemporânea vive uma “desencarnação dos prazeres”, na medida em que a experiência do corpo está distanciada da vivência do prazer.

Outro entendimento é o de Le Breton (2018), que afirma o desaparecimento do corpo em várias situações contemporâneas, dentre elas, as relações digitais, onde há um desalojamento do sujeito, uma presença imaterial do indivíduo, sem voz e sem rosto. É comum o indivíduo ser capturado pelos chamados do virtual, esquivando-se do seu real papel social e se tornando indiferente ao que ocorre no seu entorno.

As mães contemporâneas convivem com um excesso de telas. Há um convite permanente das telas que clama a atenção delas (*always on*) em simultaneidade com as demandas infinitas de seus filhos. O uso das mídias digitais tem a função de captura de atenção e de arrebatamento, de modo que o indivíduo termina por ausentar-se de si mesmo. Se grande parte das mães está constantemente conectada aos seus aparelhos eletrônicos, é de se pensar que a experiência dos cuidados maternos se transformou significativamente com essa nova mediação tecnológica.

Ora, assim como o rádio foi o meio de comunicação que possibilitou que Winnicott divulgasse seus conhecimentos sobre cuidados maternos e orientasse as mães na

criação dos filhos, as mídias digitais atualmente são o veículo de comunicação que também transmite uma cultura, a cibercultura sobre os cuidados maternos.

Diante do exposto, que mudanças foram observadas entre os cuidados maternos veiculados no rádio na Inglaterra no pós-guerra e os contidos nas mídias digitais na contemporaneidade no Brasil?

## **RÁDIO VERSUS MÍDIAS DIGITAIS**

Retornando o objetivo, nossa ideia nesta pesquisa é comparar a cultura dos cuidados maternos veiculada no rádio na Inglaterra do pós-Segunda Guerra Mundial por meio das palestras radiofônicas proferidas por Winnicott na rádio BBC de Londres e a cultura dos cuidados maternos das mídias digitais da contemporaneidade no Brasil por meio de um recorte da mídia digital: um grupo de mães no Facebook.

A perspectiva teórica utilizada foi a psicanálise, especialmente as contribuições de Donald Woods Winnicott e as de outros autores, como Zeljko Loparic, Leopoldo Fulgencio, Elsa Dias e Gilberto Safra.

No primeiro capítulo, descrevemos a cultura do rádio na Inglaterra à época do pós-guerra.

Já no segundo capítulo abordamos alguns aspectos da cultura das mídias digitais, como a cultura da hipermodernidade e sua relação com o tempo, o modo de funcionamento das novas mídias digitais, a corporeidade na Era Digital, o saber das novas mídias e as *Digital Moms*.

No terceiro capítulo, apontamos a ética do cuidado contida nas palestras radiofônicas de Winnicott.

Em seguida, no quarto capítulo, discutimos os dados coletados na mídia digital sobre os cuidados maternos.

Finalizamos a pesquisa comparando as duas culturas em relação aos cuidados maternos: a do rádio na Inglaterra no pós-Segunda Guerra e a das mídias digitais na contemporaneidade brasileira.

## **MÉTODO**

As novas tecnologias digitais têm sido utilizadas com maior intensidade e frequência desde 2007, com o surgimento do iPhone e a propagação dos dispositivos *touch screen*. Desde então, o nosso viver se transformou, e as relações, o encontro com outro e tudo o que diz respeito ao cuidado e à saúde foram afetados significativamente.

Nesse cenário, as mães passaram a utilizar as mídias digitais como ferramentas facilitadoras da comunicação em geral e como um meio para obter informações, fazer trocas e compartilhar experiências sobre o cuidado com seus filhos, que merece um olhar mais real, humano e menos idealizado. A cultura na contemporaneidade tem

apresentado novos desafios no tocante aos cuidados maternos, o que já justificaria a escrita deste livro. A seguir, apresentamos dois exemplos retirados da ficção contemporânea.

Transportando-nos para o universo das séries, que capta o que há de mais atual no momento, o episódio “Arkangel” (2017) da série *Black Mirror* retrata uma mãe preocupada com a segurança de sua filha (uma criança de 3 anos) que instala em seu cérebro um dispositivo, sincronizado com seu tablet, capaz de detectar sinais vitais da criança, sua localização e eventuais indícios de estresse ou medo. Esse caso parece revelar um cuidado paranoico da mãe em relação à filha.

Já na minissérie *Years and Years* (2019), Bethany é uma adolescente que se identifica como “trans” (transumana) e é obcecada por isso. Vive se escondendo por trás de máscaras virtuais de *emojis* e só se comunica por meio delas. Pretende desfazer-se de seu corpo e transformar-se em dados, em algoritmos, e viver para sempre, ser eterna (ter sua versão digital), de acordo com a promessa vendida por uma empresa russa por alguns dólares. Trata-se de um caso em que a mãe, apesar de atenciosa, não consegue cuidar da filha adolescente de acordo com suas necessidades nesse momento de vida.

Além disso, falar sobre cuidados maternos é também falar de saúde mental, pois a mãe é a peça fundamental para a estruturação psíquica de todo ser humano. E Winnicott (1986/2011, p. 119) reconhece a importância da mãe, ao afirmar que:

*todo homem ou mulher sadios, todo homem ou toda mulher que tem o sentimento de ser uma pessoa no mundo, e para a qual o mundo significa alguma coisa, toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher.*

Assim, considera-se que o tema aqui abordado é de grande relevância para o campo da psicanálise, visto que se trata de uma temática importante que merece atenção por suas repercussões no indivíduo, na família e na sociedade; o material coletado se refere a um período recente, de 2019 a 2021, sendo, portanto, bastante atual, contendo falas de mães na contemporaneidade; a pesquisa pode contribuir com novas reflexões para os estudiosos da parentalidade e para a área da psicanálise.

## ABORDA

O método psicanalítico está presente, seja pela escolha bibliográfica, seja pela teoria winnicottiana, que propõe pensar a pesquisa do ponto de vista relacional, ou seja, a experiência do pesquisador faz parte de todo o percurso desta pesquisa e serve como instrumento para o método, devendo ser compreendido, por isso, como um trabalho único, uma experiência única.

No texto “Pediatria à psicanálise” (1948/2000, p. 234), Winnicott considera alguns pontos sobre fazer pesquisa em psicanálise:

*há um ponto de partida subjetivo em todo processo de pesquisa. A objetividade surge mais tarde, através do trabalho planejado e da comparação entre as observações realizadas a partir de vários ângulos.*

Tosta (2019, p. 300) nos lembra que, “assim como no tratamento analítico, pesquisador e pesquisado vivem juntos uma experiência, pois a pesquisa assim como a análise tem um caráter relacional”.

No tocante ao material de pesquisa psicanalítica, Winnicott (1986/2011, p. 174) é claro ao definir que é o ser humano “sendo, sentindo, agindo, relacionando-se e contemplando”.

Esta é, portanto, de uma pesquisa em psicanálise em que há a análise de duas culturas e de duas mídias: a do rádio na Inglaterra no pós-guerra e a das mídias digitais na contemporaneidade brasileira.

A produção deste trabalho consistiu na pesquisa bibliográfica sobre o tema, na análise das palestras radiofônicas de Winnicott dirigidas às mães no pós-guerra e no recorte de um grupo de mães do Facebook, a fim de comparar as culturas dos cuidados maternos. O procedimento ocorreu da maneira descrita a seguir.

Inicialmente, as palestras radiofônicas de Winnicott foram selecionadas a partir de suas seguintes obras: *Privação e delinquência* (1984/2012), *Conversando com os pais* (1993/1999), *A família e o desenvolvimento individual* (1965/2011) e *O bebê e suas mães* (1987/2020). Essa escolha se justifica pelo fato de a maioria das palestras ter sido realizada após o término da Segunda Guerra Mundial, período a ser investigado nesta pesquisa.

Em seguida, elaboramos categorias de acordo com a ética do cuidado proposta por Winnicott no texto “A cura” (1970/2011) e selecionamos os trechos das palestras radiofônicas em que identificamos essa ética.

Já a mídia digital foi escolhida como material por ser reconhecidamente um confessionário dos usuários, sendo possível encontrar lá relatos espontâneos das pessoas, o que a torna algo de grande interesse para o campo da psicanálise e para esta pesquisa.

Fidalgo (2015) reforça essa ideia, afirmando que nas mídias sociais as pessoas agem de forma espontânea, para manifestarem seu descontentamento e sua revolta com relação a situações de exploração, opressão e injustiça social e econômica. Ainda segundo ele,

*temos de reconhecer que as mídias sociais dão azo a espontaneidades e especificidades, de que as mídias tradicionais, enquanto servidoras de agendas e interesses bem específicos, são incapazes. Todos têm direito ao uso da palavra e, à medida que esse uso se generaliza, os usos individuais deixam de ser mur-*

*múrios que mal se ouvem e, juntando-se, ganham uma dimensão de clamor que os ouvidos mais obtusos não poderão deixar de ouvir. A diversidade de vozes e de mensagens não obsta a que o clamor coletivo se torne bem explícito e claro nas suas reivindicações. (p. 30)*

Essa espontaneidade que perpassa os usuários das mídias digitais permite uma comunicação mais solta e livre, fazendo-nos pensar que os *posts* e comentários das mães no grupo do Facebook correspondem à vontade das participantes.

Assim, a mídia digital selecionada para esta pesquisa foi um grupo de mães no Facebook cujo objetivo é o estudo da maternidade. Trata-se de um grupo criado em 14 de outubro de 2019 na rede social Facebook, contando, até novembro/2021, com 14,5 mil seguidores, tendo cerca de cinco publicações diárias.

É certo que as mães acessam diversas plataformas digitais em seu cotidiano, sendo o Facebook uma das redes sociais mais acessadas<sup>2</sup> em todo o mundo. Por essa razão, escolhemos essa rede social com o intuito de coletar o material necessário à pesquisa.

O grupo é composto em sua maior parte por mulheres-mães brasileiras, porém há alguns membros homens que são pais. Para os fins deste trabalho, serão utilizados apenas os *posts* e comentários de algumas mulheres-mães.

Foram escolhidos *posts* feitos no período de 2019 a 2021 com temas relacionados aos cuidados maternos também mencionados por Winnicott em suas palestras radiofônicas entre 1939 e 1965. Para isso, pesquisamos na mídia digital referida *posts* com esses temas a partir de palavras-chave, como “sentimento de culpa”, “amor materno”, “*burnout* materno”, “insegurança”, “sensibilidade a críticas e julgamento”, “frustração”, “ciúmes”, “intuição”.

As palavras-chave mencionadas foram escolhidas a partir de palavras que se repetiam nos textos de Winnicott, exceto “*burnout* materno”, expressão contemporânea que aparecia nos textos winnicottianos como “cansaço”, que seria o termo aproximado, já que a expressão não existia na época.

Os comentários aos *posts* foram selecionados atentando para o critério da diversidade, compreendendo conteúdos desde o senso comum até aqueles mais especializados, datando do final de 2019 até 2021.

---

2 Sobre as plataformas digitais mais acessadas no mundo, ver <https://www.weforum.org/agenda/2019/03/what-happens-in-an-internet-minute-in-2019/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

## CAPÍTULO 1

# A CULTURA DO RÁDIO NA INGLATERRA NA ÉPOCA DO PÓS-SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

*No momento em que celebra o seu septuagésimo quinto aniversário, é com grande prazer que envio os meus melhores votos aos ouvintes e a todos os associados à Hora da Mulher. Durante esse tempo, vocês testemunharam e desempenharam um papel significativo na evolução do papel das mulheres em toda a sociedade, tanto aqui como no mundo todo. Neste notável ano de aniversário, desejo-lhes sucesso contínuo neste importante trabalho como amiga, guia e defensora das mulheres em todos os lugares.*

*Mensagem da Rainha para o programa Hora da Mulher em 7 de outubro de 2016, BBC Radio 4,<sup>1</sup> tradução nossa*

---

<sup>1</sup> Texto original: “As you celebrate your 75th year, it is with great pleasure that I send my best wishes to the listeners and all those associated with Woman’s Hour. During this time, you have witnessed and played a significant part in the evolving role of women across society, both here and around the world. In this notable anniversary year, I wish you continued success in your important work as a friend, guide and advocate to women everywhere”. MURPHY, K. (2016). *75 Years of Celebrating Woman’s Hour*. Disponível em: <https://www.bbc.com/historyofthebbc/research/womans-hour-75>. Acesso em: 27 out. 2021.

No período entre as duas grandes guerras mundiais, houve muitas transformações sociais e econômicas, tornando as famílias inglesas mais caseiras e reservadas. Nesse contexto, o rádio passou a ser uma importante fonte de prazer, companhia e relaxamento (SKOOG, 2010).

Na década de 1920, o homem da família controlava o aparelho sem fio (rádio), que era considerado um *gadget*. Por outro lado, as mulheres ouviam com frequência o rádio no ambiente doméstico, o que demandava sua atenção. Segundo colonistas da *Wireless Magazine*, em 1925, “para as mulheres é uma alegria, uma distração, uma companhia ou uma excitação; mas isso nunca é o mesmo que é para o homem – um brinquedo” (SCANNELL; CARDIFF, 1991, p. 358, tradução nossa).<sup>2</sup>

Na década seguinte, 1930, essa situação passa a mudar; as donas de casa e mães passam a ser o centro da casa e o público principal de audiência do rádio. O rádio torna-se, então, um meio de comunicação feminino que conecta a mulher ao mundo externo, viabilizando a democratização da sociedade e integrando-a no espaço público, além de lhe ser útil quando está sozinha em casa. No rádio, eram abordados temas como trabalho, maternidade, responsabilidade cívica, gestão doméstica e técnicas de puericultura.

Podia-se dizer que a Inglaterra era governada pelas mulheres, pois elas é que conduziam os lares particulares. O rádio estimulava ainda mais essa relação entre a mulher e a nação, sendo ela a responsável pelo bem-estar físico e moral de seu marido e de seus filhos. Bailey (2009) acredita que a BBC ajudou a regular a organização da vida familiar inglesa, reforçando as demarcações entre público e privado.

Logo após o início da guerra, em 1939, civis foram evacuados da cidade para o campo em 48 horas. Nessa época, John Bowlby (1907-1990), Donald Woods Winnicott (1896-1971) e Anna Freud (1895-1982) afirmaram que a evacuação de crianças e a separação física da mãe eram uma tragédia, constituindo um fator maléfico para os relacionamentos futuros.

O trabalho apresentado por John Bowlby, *Cuidados maternos e saúde mental* (WINNICOTT, [1951/1953]2005) colaborou para reforçar a grande importância das mulheres-mães, na medida em que a separação abrupta da criança de sua mãe é capaz de deixar vários registros prejudiciais ao desenvolvimento emocional do indivíduo.

Na sequência, o cenário da Inglaterra no pós-Segunda Guerra Mundial era terrível, assim como o das demais nações envolvidas na guerra. Famílias, casas e comunidades foram destruídas, e mais de 450 mil soldados e civis britânicos foram mortos. O término da guerra não significou o retorno imediato à normalidade. Era preciso um processo de readequação do indivíduo e da comunidade à nova realidade (JACKSON, 2016).

Jackson (2016) comentou que a psicanalista húngara Therese Benedek (1902-1977) alertou os veteranos de guerra e suas famílias que as dificuldades enfrentadas no pós-guerra para lidar com a paz implicavam reajustar a adaptabilidade do indivíduo tão

2 Texto original: “to women wireless is a joy, a distraction, a companion, or an excitement; but it is never what it is to men – a toy”.

desgastada, submetendo-o a um novo estresse. Para ela, era necessário um cuidado com as famílias para se restabelecerem em diversos níveis da vida, com senso de proteção, segurança, saúde e produtividade.

Richardson (2016) afirma que nos anos seguintes ao fim da guerra os aborrecimentos da vida cotidiana pessoal eram mais estressantes que os eventos da vida como a guerra e a perda de algo ou alguém. Isso demonstra o quanto o ser humano se adapta a todas as formas de estresse, tanto na guerra como na paz, apesar de muitas famílias apresentarem dificuldades em lidar com o estresse. Com os traumas decorrentes da guerra, os indivíduos apresentavam muita dificuldade em se relacionar com os outros como era antes da guerra, tornando custosa a reconstrução da família.

Ainda nessa Inglaterra no pós-guerra, no período de 1945 a 1955 vigorava uma cultura muito ambígua no que dizia respeito à mulher. Havia uma confusão de discursos: um discurso que sustentava a ideia do retorno da mulher à casa, disposta a se dedicar ao marido e aos filhos, e outro discurso que pregava pensamentos mais modernos e feministas, propondo a reconstrução da nação com a ajuda das mulheres no mercado de trabalho (SKOOG, 2010).

Após a guerra, era preciso reconstruir a nação, e uma das propostas do governo britânico foi a implantação do *welfare state* e a eleição do Partido Trabalhista do Reino Unido em 1945; o *welfare state* tinha como base pensão familiar, serviço de saúde nacional e pleno emprego para todos.

É importante lembrar que a partir da Segunda Guerra Mundial o trabalho das mulheres passa por transformações, na medida em que surgem novas possibilidades de trabalho, como nas fábricas, nos escritórios, nas lojas. As mulheres de classe média começam a se desinteressar pela vida doméstica e buscar o trabalho pago ou conciliar as duas situações. As mulheres eram consideradas importantes como consumidoras, votantes, mães e esposas. Elas eram a espinha-dorsal da nação e da família, afinal ajudariam a reconstruir uma sociedade destruída pela guerra, desempenhando seus variados papéis.

Em 1941, a BBC iniciou na rádio a transmissão de palestras de especialistas da área da saúde, convidando o doutor Donald Winnicott para falar com as mães. Nesse mesmo ano, ele atuou como consultor para auxiliar no programa de evacuação de crianças, assumindo trabalhos com funções sociais. Diante dessa perspectiva, construiu conceitos como tendência antissocial e objetos e fenômenos transicionais e escreveu diversos textos a partir da guerra, influenciando diretamente sua teoria (DIAS, 2021).

Winnicott se comunicava com as mães com o intuito de resgatar a importância do lar comum, que havia sido perdido durante a guerra, e fortalecer o papel das mães na família. A partir das transmissões na rádio, Winnicott popularizou suas contribuições psicanalíticas sobre a maternidade, resultando na formação da cultura popular britânica e no rechaço dos conselhos dos especialistas (COWAN, 2018).

Nicholas (1999) afirma que a partir de 1941 há registros de programas<sup>3</sup> na rádio BBC destinados às mulheres que trabalham fora de casa e com temáticas que vão além da rotina doméstica, como salário igual para trabalho igual, carreiras para mulheres. A BBC também era um canal de comunicação que promovia uma função social, no sentido de fornecer um importante papel aos cidadãos como membros importantes da grande comunidade.

No entanto, essa contribuição inovadora da BBC não teve efeitos duradouros, haja vista que os programas do rádio pós-Segunda Guerra voltaram a ter representações estereotipadas da mulher, retomando temas como moda, celebridades e lar.

Nota-se, portanto, que no período entre guerras os programas de rádio tiveram um cunho social e colaborativo, ao passo que no pós-guerra passaram a ser domésticos e individuais. De acordo com McKibbin (1998), o programa de rádio chamado *The Light Programme* foi um sucesso da BBC com dois terços dos ouvintes frequentemente. Os programas *Housewives Choice*<sup>4</sup> (1946), *Woman's Hour* (1946) e *Mrs. Dales Diary*<sup>5</sup> (1948) eram tipicamente femininos, mas não inovadores.

Os programas de rádio destinados às mulheres eram transmitidos durante o dia, enquanto as donas de casa e mães realizavam seus afazeres domésticos e os cuidados com os filhos.

Segundo consta na tese de Skoog (2010), *Woman's Hour* era o programa de rádio favorito das mulheres no período pós-guerra e existe até os dias atuais.<sup>6</sup> Seu conteúdo não se diferenciava daquele das revistas femininas, que também transmitia uma ideologia sobre a vida doméstica e familiar, evitando questões importantes como emprego no pós-guerra, habitação precária, desigualdade salarial, salários baixos, violência doméstica, contracepção, aborto etc. Todavia, nas décadas 1940 e 1950, *Woman's Hour* discutiu temas como relações sexuais, menopausa, parto e violência doméstica.

O rádio representava um importante meio de comunicação para as mulheres assimilarem as informações com mais facilidade do que lendo os jornais. No pós-guerra na Inglaterra, a cultura das mulheres foi inserida na BBC de forma mais ampla com palestras educativas, informações sobre cidadania, política e consumo, conferindo maior visibilidade às mulheres.

A partir de 1945, eram propagados vários estilos de cuidados maternos e jeitos de exercer a maternidade nas mídias de massa. Havia uma valorização da mãe moderna, que adotava um modelo parental mais liberal, autoconfiante e assertivo, menos dependente das ideias e opiniões alheias.

---

3 Programas como *Mostly for Women* (a partir de meados de 1942), *Women's Page* (1943), *The Kitchen Front* (1940) e *Woman's Hour* (1948)

4 *Classic Theme Radio BBC – Housewives Choice* (1946). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qqsp413SXuQ>. Acesso em: 18 out. 2021.

5 É possível ouvir o episódio 1 de *Mrs. Dales Diary* em (1948). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Br5tVtS9W3A>. Acesso em: 18 out. 2021.

6 *Woman's Hour*. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/b007qlvb>. Acesso em: 18 out. 2021.

Cowan (2018) argumenta que menos pais acolhiam as sugestões e opiniões de amigos, parentes e médicos na criação de seus filhos nessa época. Essa mudança de comportamento dos pais em relação a criação e educação dos filhos foi possível devido ao aprimoramento dos serviços públicos de saúde britânicos e ao crescimento dos meios de comunicação de massa. Por meio do uso da tecnologia da época, o rádio, Donald Winnicott transmitia suas ideias sobre cuidados maternos, contribuindo para a formação da cultura materna de cada mãe.

No entanto, os pais se rotulavam como tradicionais e modernos. Ao que consta, os pais inventavam esses termos para se autoneomarem, mas poderiam ter vários significados. Os pais tradicionais eram aqueles que seguiam métodos mais conservadores, como costumes locais, medicamentos e punição corporal. No vernáculo, parentalidade “moderna” está associada à modernidade para discernir e refletir, mas não aceitar as ideias dos outros; isso quer dizer que parentalidade moderna significa escolher o conselho que seja mais adequado às necessidades do próprio filho independentemente de onde venham. Era uma abordagem crítica e autorreflexiva dos conselhos dos outros (COWAN, 2018).

Nesse período pós-guerra, os especialistas começavam a ser consultados pelos pais para dar aconselhamento a respeito de cuidados, criação e educação dos filhos. Contudo, não havia um consenso entre os especialistas sobre parentalidade moderna.

De acordo com Cowan (2018), algumas mulheres adotavam as recomendações dos especialistas, pois esse saber era científico, tinha credibilidade. Havia outras, porém, que não se sentiam influenciadas pelos especialistas e que exerciam uma maternidade de forma pessoal e autônoma. No entanto, o que foi verificado é que as mães que seguiam os conselhos dos especialistas só o faziam quando confirmavam suas próprias crenças, convicções e preconceitos.

O rádio também era um meio importante de inserção da mulher no mundo da política e dos direitos sociais e, como foi dito, no programa *Woman's Hour*<sup>7</sup> eram abordadas questões destinadas às mulheres inteligentes. Isso demonstrava que os interesses das mulheres abrangiam outros assuntos além de vida doméstica e familiar, novelas, moda etc. Além disso, o programa mantinha uma proximidade com o público feminino, o que facilitou a veiculação de propagandas políticas que contavam com os votos das mulheres.

É importante ressaltar que a BBC possuía uma ética de melhorar o conhecimento, os gostos e as maneiras de uma classe média ideal, diferentemente do que era veiculado nas revistas femininas que viam as mulheres como consumidoras (SKOOG, 2010).

O rádio foi responsável por vários avanços na sociedade inglesa: com a ajuda das mulheres, seja como transmissoras ou como ouvintes, viabilizou o processo de modernização e democratização da Inglaterra e a popularização da psicanálise a partir das palestras de Winnicott sobre responsabilidade parental. Além disso, Winnicott

7 Disponível em: <https://www.bbc.com/historyofthebbc/100-voices/pioneering-women/womens-programmes/>. Acesso em: 21 out. 2021.

sublinhou a importância do vínculo mãe-bebê na dinâmica familiar que, por sua vez, garante a cidadania democrática para o futuro (SHAPIRA, 2013).

Durante a Segunda Guerra, o indivíduo buscava uma cidadania coletiva que implicava fazer sacrifícios pela nação. Terminada a guerra, o foco passou a ser uma cidadania doméstica, que contribuía com a nação como resultado de uma casa e de uma família estáveis. Assim,

*Ser um bom cidadão agora significa cuidar de uma família e da próxima geração de crianças. Por meio das transmissões de rádio, a psicanálise alcançou os corações e as mentes de milhões de britânicos e ajudou-os a formá-los cidadãos domésticos. Analistas ligaram cidadania, casa e a noção de criança com o futuro cidadão cujas saúde mental estável, normalidade e habilidade para colaborar democraticamente com outros eram dependentes de boa parentalidade e de dinâmicas familiares. (SHAPIRA, 2013, p. 113, tradução nossa)<sup>8</sup>*

A partir de 1946, houve um *baby boom* após a guerra e um novo culto à maternidade e à família tradicional. No entanto, eram evidentes os resquícios da guerra: laços familiares frágeis, inseguros e instáveis, aumento dos níveis de ansiedade e dos índices de divórcio, mudanças nos padrões de trabalho das mulheres. Houve também um aumento no número de jovens delinquentes devido à ausência dos pais durante a guerra e às horas de trabalho fora de casa das mães.

No pós-guerra, a saúde mental das mulheres-mães estava bem comprometida. Apresentavam quadros de depressão, estresse e ansiedade pelos desafios enfrentados diariamente para atender às necessidades dos filhos e pela separação de seus maridos, que partiram para a guerra. Além disso, muitas mulheres tinham que conciliar o trabalho fora de casa com o trabalho doméstico. Durante o momento crítico da guerra, em que mais precisavam de seus maridos, as mulheres não contavam com essa presença para diminuir a ansiedade. Quando os maridos retornavam da guerra, não tinham interesse em retomar a intimidade com eles (RICHARDSON, 2016).

De modo geral, começou a ocorrer um mal-estar na sociedade com o adoecimento das mulheres casadas e das mães, pois se sentiam insatisfeitas com a vida que levavam. Havia uma inquietação coletiva de se questionarem se a vida se resumia apenas à dedicação ao marido, aos filhos, à casa e ao trabalho externo, ou se havia algo além disso que pudesse dar sentido à existência.

Avançando algumas décadas, chegamos ao século XXI, na Era Digital, que será o assunto do próximo capítulo.

---

8 Texto original: “Being a good citizen now meant taking care of one’s family and the next generation of children. Through radio broadcasting, psychoanalysis reached the hearts and minds of millions of British people and helped to shape domestic citizenship. Analysts linked citizenship, home, and the notion of the child as a future whose stable mental health, ‘normalcy’, and ability to collaborate democratically with others were dependent on good parenthood and family dynamics.”

## CAPÍTULO 2

# A CULTURA DAS MÍDIAS DIGITAIS NA HIPERMODERNIDADE

*É improvável que enfrentemos uma rebelião de robôs nas próximas décadas, mas poderíamos ter que lidar com hordas de bots que sabem, melhor do que nossas mães, como manipular nossas emoções e usar essa misteriosa habilidade para tentar nos vender alguma coisa – seja um carro, um político ou toda uma ideologia. (HARARI, 2018, p. 100)*

### 2.1 A CULTURA HIPERMODERNA E SUA RELAÇÃO COM O TEMPO

Desde o início da idade contemporânea (a partir de 1789), há notícias de uma percepção de aceleração do tempo e da história que advém do aumento do ritmo da vida e das experiências humanas. Essa aceleração persiste até os dias atuais e tem se intensificado ainda mais a partir dos anos 1970, com a Revolução Digital.

Dentro dessa aceleração, temos o que Rosa (2019) propôs como o conceito de aceleração social, em que a aceleração é inerente à experiência de modernização e é o traço marcante da modernidade, trazendo significativas transformações nas estruturas temporais. Os processos de aceleração e seus respectivos efeitos temporais modificaram a história, a cultura, a sociedade, a velocidade da vida e as relações das pessoas com o tempo e com as outras pessoas.

Os fenômenos de aceleração romperam os modos anteriores da passagem do tempo para instalarem um movimento de aceleração contínua em todos os âmbitos da vida. Dessa forma, vê-se surgir uma nova temporalidade.

Ao se referir à Segunda Modernidade, Charles Lipovetsky (2019) a define como hipermodernidade, por se tratar da era do *hiper*, marcada pelo signo do excesso e pela lógica do “sempre mais” em todos os setores da vida. A hipermodernidade é caracterizada pelo enfraquecimento das instituições coletivas, pelo desaparecimento das tradições e pela globalização. Desregulações econômicas, consumo desregrado, avanços tecnocientíficos buscam a rápida hipermodernização do mundo. Para o autor, a hipermodernidade possui três paradigmas: o mercado, a eficácia técnica e o indivíduo.

O capitalismo ganha mais expressividade nessa nova era, impulsionando a mercantilização com a maximização das atividades comerciais e a individualização humana. A *performance* e a inovação técnica passaram a integrar a linguagem da hipermodernidade.

A sociedade contemporânea vivencia uma aceleração das operações econômicas e da circulação de capital que ocorrem em tempo real, de forma presencial ou virtual, em nível global. Esses hipermercados exigem, cada vez mais, uma vigilância da sociedade, pois o excesso e a infiltração em vários segmentos podem gerar ações criminosas.

O hipercapitalismo reforçou o individualismo, tornando o homem “legislador de si mesmo” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 58), seja quando é prudente, seja quando é desequilibrado, ficando assujeitado à lógica dos extremos.

A hipermodernidade exige do indivíduo a obrigação do movimento, ditada pela exigência de eficácia e pela necessidade de sobrevivência, impossibilitando outras vias de crescimento e eliminando os ideais. “A mitologia da ruptura radical foi substituída pela cultura do mais depressa e do sempre mais: mais rentabilidade, mais performance, mais flexibilidade, mais inovação”. (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 60) [/cit]

A *performance* esperada em vários âmbitos da vida do indivíduo pressupõe cumprimento de tarefas de curto prazo, produção máxima no menor tempo possível e agir depressa.

O excesso de demandas que se apresenta em todos os lugares engendra o espírito competitivo e o de hiperprodutividade, pois o tempo é sempre escasso para dar conta de tantas atividades. Desta feita, há o “reino da urgência”, é preciso “correr contra o tempo”, porém, “quanto mais depressa se anda, menos tempo se tem” (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 82). A relação dos sujeitos com o tempo é tão acelerada que o tempo é “sem esperas” próprio da “Era da Pre(s)sa”, expressão criada por Fazzio (2019).

O ser humano começa a ter outra relação com o tempo passado e o tempo futuro, concentrando-se especialmente no presente, no aqui e agora, o que é designado presenteísmo, a experiência do tempo “em que o presente se impõe como o único horizonte” (HARTOG, 2013, p. 9), achatado em seus sentidos e significados.

Inúmeros fatores colaboraram para o deslocamento da preocupação com o futuro para o foco no presente, como a mundialização neoliberal e a revolução das tecnolo-

gias da informação a partir da década de 1980, especialmente na década de 1990. Daí em diante, as novas tecnologias eletrônicas e de informática contribuíram para o sentimento crescente de contração do tempo e a imposição de imediatividade e simultaneidade no fazer e no acontecer.

Na sociedade hipermoderna, o tempo é vivido com uma preocupação constante, na medida em que exerce uma pressão sobre o modo de viver das pessoas. Essa contração do tempo torna os eventos da vida imediatos, criando um fluxo de aceleração intensa, substituindo o vínculo humano e prejudicando a qualidade de vida. Para Charles e Lipovetsky (2019), as relações próximas e reais são substituídas pelas relações virtuais, criando uma cultura hiperativa, que compromete a sensorialidade e a busca do prazer.

Todavia, esse não é o entendimento da psicanalista Lia Pitliuk (2020), cujas experiências clínicas apontam em outra direção. Segundo a autora, o que pôde vivenciar com seus pacientes em atendimento-linha (atendimentos por telefone e internet) são comunicações que vão além dos recursos verbais e que têm efeitos sobre os afetos e o corpo. Seguindo esse raciocínio, sensorialidade não deixa de existir em sede de relações virtuais.

Muito embora vários grupos da população estejam à margem da aceleração por estarem em condições menos privilegiadas no meio social, como desempregados, doentes, marginalizados ou privados de direitos, é possível afirmar que “a aceleração é uma característica definidora da modernização” (ROSA, 2019, p. 55) nos grandes centros urbanos. Esses grupos são menos afetados pelo fenômeno da aceleração, na medida em que a passagem do tempo para eles ocorre de outra forma, mais lenta.

Observa-se, assim, ao longo da nossa era, um descompasso na percepção do tempo. Por um lado, os processos aceleratórios difundiram-se com enorme velocidade. Em contrapartida, surgiram os fenômenos de dessincronização do novo tempo ou fenômenos de desaceleração. Essas contratendências surgem como reação aos processos de aceleração ou efeito colateral da aceleração (ROSA, 2019). A título de exemplos, temos os movimentos de *slow life* (vida leve), que é uma filosofia de vida que orienta hábitos e práticas de uma vida cotidiana mais saudável e desacelerada, como o *mindfulness* (atenção plena), o *detox* (desintoxicação) digital e o monitoramento do tempo de uso das redes sociais.

Todavia, para nós, essas contratendências também são absorvidas pela lógica do mercado porque não propõem, de fato, uma transformação do indivíduo, mas são oferecidas como uma tarefa a mais a ser cumprida. Na realidade, as pessoas seguem ocupando o tempo com algo em que tenham de ser produtivos, evitando a experiência do nada fazer ou do fazer menos e devagar. Assim, as atividades de desaceleração tornam-se um compromisso e uma exigência a mais na agenda semanal.

Han (2017b) utiliza o termo “desaceleramento” para designar a diminuição do tempo de trabalho, afirmando se tratar de um reflexo do tempo de trabalho acelerado. Na sua concepção, o denominado desaceleramento se define como uma alteração do tempo de trabalho, e não a transformação em outro tempo. Para o autor, o homem

deixou de ser explorado pelas máquinas da época industrial para ser explorado pelos aparatos digitais de maneira mais eficiente e ininterrupta, haja vista que esses dispositivos são móveis e carregados facilmente para qualquer lugar.

Anteriormente a Rosa, Charles e Lipovetsky (2019) já afirmavam que a hipermodernidade instituiu a cultura da hiperatividade, do fluxo agitado, da ausência de sensorialidade e da prevalência de intercâmbios virtuais. Todavia, também salientaram o crescimento da indústria do bem-estar, o cuidado estético, a erotização da sexualidade feminina, a estetização em massa dos prazeres como características de nossa era.

Ambas as tendências coexistem:

*Uma acelera as velocidades que tendem à desencarnação dos prazeres; a outra, pelo contrário, leva à estetização dos deleites, à felicidade dos sentidos, à busca da qualidade do momento. Por um lado, um tempo comprimido, “eficaz”, abstrato; por outro, um tempo de focalização no qualitativo, nas volúpias corporais, na sensualização do instante. (CHARLES; LIPOVETSKY, 2019, p. 86)*

Com a hiperinformação, a hipercomunicação e a digitalização da vida, a sociedade contemporânea se torna cada vez mais positiva e transparente, conforme pensamento de Han (2017c). A circulação veloz de informações fomenta o movimento para uma exterioridade total, uma comunicação sem limites (HAN, 2018c), contrapondo-se ao retraimento, à reserva e à interioridade, que são próprios da negatividade.

A transparência, por sua vez, torna a sociedade uniformizada, de modo a não ser possível oferecer resistência e divergência. Ela nega a alteridade e elimina o outro ou o estranho, suprimindo a singularidade das coisas. O tempo transparente (HAN, 2017c, p. 10) é um tempo submetido à lógica operacional de cálculo, governo e controle, sem sentido, do que se depreendem indícios de opressão ou totalitarismo do igual. Essa transparência impede o planejamento de ações de lento e longo prazo, não permitindo que algo tenha um processo de maturação.

Isso implica dizer que no século XXI estamos inseridos em uma temporalidade digital, na qual há a prevalência do presente imediato e as informações produzidas, enviadas e recebidas não se submetem à intervenção de terceiros. Essa temporalidade se caracteriza pela hiperpresença de pessoas e informações de forma ininterrupta e permanente, justificando a afirmativa de Han (2018b, p. 35) de que “a mídia digital é uma mídia da presença”.

Nota-se um excesso de presença do digital na vida cotidiana do indivíduo e uma convocação à ação imediata inerente à abundante quantidade de estímulos. Nesse sentido, as novas mídias digitais garantem um permanente estado excitado no indivíduo, provocando enorme pressão na vida dos homens e das mulheres, especialmente destas quando têm uma vida ativa com filhos, visto que ainda hoje as mulheres são mais sobrecarregadas com a administração do lar (ROSA, 2019).

A aceleração do tempo reduz a complexidade da comunicação, dada a rapidez das informações que circulam nas mídias digitais. Com muito mais razão, compromete a comunicação sensorial, tendo em vista que os sentidos exigem acuidade e demora.

Na obra *Psicanálise do sensível*, Fontes (2010) retoma a teoria de Julia Kristeva sobre o empobrecimento da vida interior nos dias de hoje e cita a existência de uma atrofia do psiquismo, pois frequentemente se verificam na clínica dificuldades de representação psíquica. Daí inferimos uma linguagem artificial e robotizada, sem a ancoragem no corpo, impossibilitando o processo de simbolização. Menciona o tempo sensível como aquele associado às nossas memórias subjetivas e que remetem a sensações, como o tempo proustiano que busca infinitamente o tempo perdido.

A noção de tempo para o ser humano é a condição ontológica do psiquismo. Segundo Winnicott, o ser humano é um fenômeno de temporalização: é no tempo e com o tempo que ele se constitui, num processo maturacional que nunca termina. É definido como “uma amostra-no-tempo da natureza humana” (1988/1990, p. 29), com tendência inata à integração numa unidade, que é a conquista básica para a saúde mental.

Nossa psique não está pronta para acompanhar a aceleração social. O psiquismo humano exige um tempo de elaboração mais lento para realizar os trabalhos psíquicos. A aceleração social inerente à hipermodernização conduz os usuários das novas mídias a uma redução da compreensão, visto que está na contramão da temporalidade psíquica.

Kerckhove (2009), em sua obra *A pele da cultura*, cita a expressão “colapso do intervalo”<sup>1</sup> ao se referir à TV como propiciadora da diminuição do intervalo entre o estímulo e a reação, e também o tempo que a informação leva para ser processada no nosso consciente.

Muito embora Rosa e Lipovetsky entendam que a aceleração é um processo que vem acontecendo desde a Idade Moderna, Han (2018b) sustenta que as tecnologias digitais instituíram uma nova temporalidade: a digital. Essa temporalidade digital, dada a velocidade com que a informação e a comunicação são processadas, não permite um planejamento longo e uma maturação das ideias. Essa temporalidade das novas mídias é contrária ao conceito de constituição do psiquismo na perspectiva winnicottiana.

## 2.2 O FUNCIONAMENTO DAS NOVAS MÍDIAS

Desde o surgimento do primeiro iPhone, em 29 de junho de 2007, e do primeiro iPad, em 3 de abril de 2010, as mídias digitais vêm aumentando progressivamente a conectividade e a cultura do *touch screen*. Tem sido observado cada vez mais frequentemente nas famílias o uso das novas tecnologias pelas mães, notadamente as que estão vivendo a maternidade pela primeira vez.

---

1 Expressão criada pelo comunicólogo Edward Renouf Sloupek (KERCKHOVE, 2009, p. 28).

Navegar no ciberespaço atualmente é uma atividade que expõe o ser humano a uma avalanche de informações de todo tipo, acenando para uma centena de possibilidades, o que facilmente provoca distrações. Tanto é assim que corriqueiramente as pessoas não conseguem dar continuidade a uma atividade escolhida, pois isso implica a fantasia de renunciar às demais opções e talvez perder outras boas oportunidades.

A prática do *zapping* (HAN, 2017c) tem sido comum e pode ser definida como

*uma sucessão de saltos sem um rumo aparente ou pré-determinado, uma modalidade de consumo da televisão, do início do século XX, [...] possibilitados pela tecnologia do controle remoto e pela profusão de ofertas de canais tanto via cabo como pelo ar. (PRESTES, 2010, p. 3, tradução nossa)<sup>2</sup>*

A princípio, o *zapping* se referia à troca constante de canal de TV pelo controle remoto; porém, com a digitalização, o termo passou a ser empregado também como o deslizamento superficial nas mídias digitais sem leitura crítica e reflexão profunda. Trata-se da mudança rápida de tela (imagem) que minimiza o conteúdo e dispersa a atenção. Há uma aglomeração de imagens e informações, impossibilitando a pausa contemplativa (HAN, 2015).

Essa massificação e essa velocidade do fluxo de informações diárias no campo digital têm promovido a homogeneização do pensamento e a diminuição do senso crítico dos usuários. A sociedade da informação não tolera pausas nem intervalos, o que torna difícil a capacidade para o pensar, que pressupõe a falta, o vazio.

Há uma uniformização da comunicação, na qual prevalece mais do mesmo, fazendo com que os usuários tendam a interagir com outros que compartilham dos mesmos interesses e opiniões. A alienação de ideias e, subsequentemente, de comportamentos é previsível, considerando que aqueles que compartilham as mesmas opiniões acessam os mesmos conteúdos na internet.

A comparação é inevitável em nossa era, pois, pelo fato de a globalização ter promovido uma composição de diversas culturas, há um distanciamento cada vez maior da tradição (HAN, 2019). Ora, se o indivíduo está distante de suas raízes, de sua cultura e tem acesso a várias concepções de mundo, é bem provável que seja mais suscetível a ideias diferentes de sua própria cultura.

Apesar da exposição a uma variedade cultural na internet, percebe-se que há a prevalência de um modelo eurocêntrico ou estadunidense como se fosse um ícone cultural universal, o que restringe a noção de indivíduo. Além disso, a comunicação digital, ao mesmo tempo que acolhe o que é de cada um, tenta dar respostas únicas, especialmente ligadas aos algoritmos, que não entendem o sujeito, entendem o consumidor de produtos e ideias.

2 Texto original: “una sucesión de saltos sin un rumbo aparente o predeterminado, una modalidad de consumo de la televisión, de inicio del siglo XX, [...] possibilitados por la tecnología del control remoto y por la profusión de ofertas de canales tanto por vía cable como por aire”.

A velocidade intensa, própria do universo digital, estabelece uma relação obsessiva e compulsiva do ser humano com os aparatos digitais, obrigando os usuários a estarem sempre disponíveis e online, como uma loja de conveniência. Em vez de oferecerem mais liberdade na comunicação, os aparatos digitais favorecem uma coação da comunicação (HAN, 2018b), tornando-se instrumentos acoplados ao corpo e de uso autômato.

A mídia digital fez surgir de forma radical o paradigma do digital, que, muitas vezes de forma não consciente, transforma nosso comportamento, nossa percepção, nossa sensação, nosso pensamento, nossa vida. Conforme afirma Han (2018b), a mídia digital nos conduz à embriaguez, à cegueira e à estupidez, sem que o usuário tenha condições de avaliá-las. Ademais, é considerada por ele uma mídia dos afetos, na medida em que a comunicação é carregada de afetos e se dá em um ambiente em que a temporalidade é imediata.

Outra particularidade das mídias digitais é a desmediatização (HAN, 2018b), ou seja, todas as pessoas podem produzir, enviar e receber informação, sem intermediários. Dessa forma, qualquer pessoa pode emitir opinião e informação sobre qualquer assunto, sem filtro, ainda que não tenha autoridade e competência para isso, o que torna a mídia digital uma mídia da presença, da rapidez, do instantâneo.

Esse universo digital com excesso de informações a que somos expostos diariamente fez surgir dois fenômenos recentes conhecidos como infodemia e *zoom fatigue*.

A infodemia consiste na abundância de informações sobre determinado tema, sendo estas verdadeiras ou falsas, interpretadas e repassadas de forma diferente da original. Portanto, tanto faz haver veracidade ou não dos fatos, ocorre sempre uma distorção da informação de origem.

Em 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) definiu infodemia como “um excesso de informações, algumas precisas e outras não, que tornam difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis quando se precisa” (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, s. d.).

O fenômeno “*infodemia*” tem acontecido com frequência em diversas faixas etárias, em todas as camadas sociais, nas profissões mais variadas, principalmente após o crescimento do *home office* como regra com o surgimento da covid-19; e certamente não deixaria de afetar, com muito mais razão, as mães.

Infodemia é um estado exaustivo causado pelo uso excessivo de comunicações via *zoom*, que forcem a nossa atenção e a absorção de informação; além disso, é comum distrair-se e perder o foco na chamada de vídeo, enviar mensagem aos amigos e conferir e-mails (FOSSILIEN; DUFFY, 2020).

No mesmo artigo publicado na *Harvard Business Review*, Fossilien e Duffy (2020) prosseguem:

*A fadiga do zoom decorre de como processamos as informações em vídeo. Em uma chamada de vídeo, a única maneira de mostrar que estamos prestando*

*atenção é olhando para a câmera. Mas, na vida real, com que frequência você fica a menos de um metro de um colega e olha para o rosto dele? Provavelmente nunca. Isso ocorre porque ter de sustentar um “olhar constante” nos deixa desconfortáveis – e cansados. Pessoalmente, podemos usar nossa visão periférica para olhar pela janela ou para outras pessoas na sala. Em uma chamada de vídeo, porque estamos todos sentados em casas diferentes, se olharmos pela janela, nos preocupamos, pode parecer que não estamos prestando atenção. Sem mencionar que a maioria de nós também está olhando para uma pequena janela de nós mesmos, tornando-nos hiperconscientes de cada ruga, expressão e de como ela pode ser interpretada. Sem as interrupções visuais de que precisamos para nos reorientar, nossos cérebros ficam cansados. (p. 2, tradução nossa)<sup>3</sup>*

A overdose de informação que circula na internet tem gerado confusões, contradições, imprecisões, distorções da realidade dos fatos e as *fake news*.

Inicialmente, as *fake news* estavam associadas ao cenário e a assuntos políticos, com o intuito de manipular e enganar as pessoas por meio da propagação de notícias falsas. Com o tempo, elas passaram a viralizar nas mídias digitais, sendo aceitas por seus usuários sem questionar sua credibilidade e fonte. De acordo com alguns pesquisadores do tema, as pessoas costumam aceitar a informação que lhes parece familiar, que confirma suas crenças preexistentes e que é repetida em vários contextos (LAZER *et al.*, 2018).

Em um vídeo postado no YouTube, a psicanalista Maria Homem (2019), ao abordar o assunto das *fake news*, afirma que “um dos sintomas da nossa era é que a informação pode ser falsa”, ou seja, apesar de termos acesso a tantas informações por diversos meios de comunicação, não há uma segurança de que a informação compartilhada nas mídias digitais seja verdadeira.

Aqui consideramos informação verdadeira seguindo a concepção de verdade atribuída pela Teoria do Conhecimento como sendo a objetividade e a evidência dos fatos ou dos objetos conforme as leis do pensamento da não contradição e do logicismo (HESSEN, 2003).

---

3 Texto original: “‘Zoom fatigue’ stems from how we process information over video. On a video call the only way to show we’re paying attention is to look at the camera. But, in real life, how often do you stand within three feet of a colleague and stare at their face? Probably never. This is because having to engage in a ‘constant gaze’ makes us uncomfortable — and tired. In person, we are able to use our peripheral vision to glance out the window or look at others in the room. On a video call, because we are all sitting in different homes, if we turn to look out the window, we worry it might seem like we’re not paying attention. Not to mention, most of us are also staring at a small window of ourselves, making us hyper-aware of every wrinkle, expression, and how it might be interpreted. Without the visual breaks we need to refocus, our brains grow fatigued”.

Ainda que haja tanta incerteza quanto à autenticidade da informação, Maria Homem (2019) argumenta que atualmente há um amor ao falso e um hino de louvor à fantasia. Isso nos faz pensar que as mídias digitais têm a capacidade de alastrar informações falsas com uma velocidade incomensurável, abrangendo inúmeras pessoas que passam a compartilhar da mesma realidade virtual falsa, negando a ocorrência dos fatos. A verdade deixou de ser importante.

Han (2017c, p. 25) destaca: “A hiperinformação e hipercomunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta de ser. Mais informação e mais comunicação não afastam a fundamental falta de precisão do todo. Pelo contrário, intensifica-a ainda mais”.

De outra parte, Harari (2018), em *21 lições para o século 21*, apresenta outro posicionamento. Segundo o autor, o ser humano sempre viveu na era da pós-verdade, caracterizada por ficções, dado que essas ações fazem parte de sua natureza e contribuíram para a sua sobrevivência no planeta.

Nas suas palavras,

*Desde a Idade da Pedra, mitos que se autorreforçavam serviram para unir coletivos humanos. Realmente, o Homo Sapiens conquistou esse planeta graças, acima de tudo, à capacidade exclusiva dos homens de criar e disseminar ficções. Somos os únicos mamíferos capazes de cooperar com vários estranhos porque somente nós somos capazes de inventar narrativas ficcionais, espalhá-las e convencer milhões de outros a acreditar nelas. Enquanto todos acreditarmos nas mesmas ficções, todos nós obedecemos às mesmas leis e, portanto, cooperamos efetivamente. (HARARI, 2018, p. 290)*

Ainda nessa linha, vale dizer que, apesar de a virtualidade ser um elemento tão marcante no mundo contemporâneo, é algo já notado desde as técnicas mais antigas, como a escrita. Com base em Levy (2018, p. 49), virtual é “aquilo que existe apenas em potência e não ato, o campo de forças e de problemas que tende a resolver-se em uma atualização. O virtual encontra-se antes da concretização efetiva ou formal”. Segundo esse entendimento, o virtual não é sinônimo de irreal e se opõe ao atual (efetivação material de algo), e não ao real. Assim, a realidade pode se apresentar de dois modos: virtual ou atual, e não real, como a maioria leiga diz – até porque sabemos que há vários tipos de realidade.

Outros meios de comunicação, como o rádio, a televisão e o telefone, continham informações que eram atualizadas em cada contexto de uso. Assim, as contribuições novas do ciberespaço estão relacionadas à maior acessibilidade dos usuários para enviar, receber e consultar informações, independentemente de localidade geográfica e diferença de horários, em tempo real.

A grande inovação, portanto, é a de que qualquer pessoa pode criar um perfil falso, um avatar ou um *chatbot* em qualquer plataforma, estabelecer conversas, compartilhar informações e produzir conteúdo. As notícias procedem de milhares de fontes, muitas vezes com o intuito de confundir e enganar os outros. Esses perfis revelam a permissividade do anonimato nas mídias digitais e a diluição das fronteiras entre a máquina e o humano.

O anonimato pode ser, ainda, um caminho escolhido por aqueles que buscam um descanso de suas próprias identidades pessoais e tentam se livrar de qualquer responsabilidade e de vínculos sociais, como demonstrou Le Breton (2018). Essa vontade de desaparecer de si mesmo se torna facilmente viável pela internet, na medida em que o indivíduo se dispersa no ciberespaço, despido de sua identidade originária. A identidade anônima liberta o indivíduo de sua imagem insatisfatória perante o outro e o alivia da obrigação de se representar para o outro.

O ser humano parece estar cada vez mais alienado e controlado pela sociedade da informação e pela comunicação digital, na medida em que se expõe nas mídias digitais fornecendo seus próprios dados voluntariamente e ignorando, muitas vezes, se interage com uma pessoa ou com um robô.

As mensagens veiculadas nas mídias digitais visam atrair a atenção das pessoas e provocar reações emocionais que ultrapassam o “curtir”. Santaella (2018) argumenta que o sensacionalismo está mais presente do que nunca, visto que alimenta o vício das pessoas pelas más notícias. Assim, o sensacionalismo provoca mais cliques e compartilhamentos, portanto, maior volume de informações em circulação que se distanciam da razoabilidade, da racionalidade e do bom senso.

Assim, as mídias digitais se caracterizam com informações descentralizadas, que procedem de fontes diferentes, formando um espaço confuso e contraditório. A lógica das redes é centrada na performance e no compartilhamento, tornando fácil o convite à exposição de si mesmo e ao “show do Eu”, expressão usada no livro de Paula Sibilia (2016).

É importante aqui fazermos uma colocação para situar o momento histórico em que estamos vivendo. Atualmente, podemos afirmar que o nosso modelo de vida vai além do proposto por Debord (1997), ao estabelecer que na sociedade do espetáculo tudo que é vivido é uma representação; o espetáculo é a afirmação da aparência, das imagens, na qual há o domínio da mídia.

Além disso, temos hoje uma sociedade da transparência ou pornográfica, conforme define Han (2017c), em que há uma falta de distância, de vergonha e de proteção da informação e da comunicação. A hiperexposição de informações torna cada usuário das mídias digitais seu próprio objeto-propaganda, à mercê dos ditames do capitalismo.

Outra característica das mídias digitais é o protocolamento voluntário e total da vida (HAN, 2018b). Ao utilizar as mídias digitais, as pessoas alimentam o *big data* com milhares de dados que são automaticamente salvos e rastreáveis. Isso permite maior controle e vigilância da comunicação digital e a mitigação da privacidade dos

dados. Esse comportamento permite uma descrição mais precisa de nós do que a imagem que temos de nós mesmos.

Conforme as sofisticções do dataísmo digital que vêm ocorrendo, é possível que logo tenhamos a algoritmização da vida. Isso significa dizer que o processo de tomada de decisões passará a ser controlado pelos algoritmos e não mais por seres humanos, considerando-se o avanço tecnológico já atingido.

Harari (2018, p. 80) explica:

*À medida que cientistas chegam a uma compreensão mais profunda de como humanos tomam decisões, a tentação de se basear em algoritmos provavelmente vai aumentar. Hackear a tomada de decisão por humanos não só fará os algoritmos de Big Data serem mais confiáveis; ao mesmo tempo, fará com que os sentimentos humanos sejam menos confiáveis. À medida que governos e corporações obtêm sucesso ao hackear o sistema operacional humano, ficaremos expostos a uma enxurrada de manipulações guiadas com precisão. Pode ficar tão fácil manipular nossas opiniões e emoções que seremos obrigados a nos basear em algoritmos do mesmo modo que um piloto, ao sofrer um ataque de tontura, tem de ignorar o que seus sentidos estão lhe dizendo e depositar toda a sua confiança nos aparelhos.*

O fenômeno da algoritmização compromete a ilusão que temos de livre-arbítrio e de liberdade individual. Dessa forma, fica evidente que a máquina escolhe e decide pelo ser humano, na medida em que ela contém informações suficientes para traçar um perfil do usuário e acessar suas emoções, sentimentos, preferências etc.

Atualmente, existem aplicativos que permitem identificar padrões de comportamento e a personalidade de alguém com base nos *likes* do Facebook, ainda que haja uma margem de erro (BRUNO, 2018). Os algoritmos são alimentados por uma economia psíquica e são capazes de fazer previsões e de intervir nas emoções e condutas humanas. Há uma vulgarização da ética com essa prática humana?

É nesse contexto que Han (2017a) defende que o sujeito pós-moderno possui um inconsciente marcado com características bem diferentes das da época de Freud. Para o autor, o inconsciente freudiano é repressivo, fruto da sociedade disciplinar. Ele sugere a existência de um inconsciente digital (2018b) para o sujeito contemporâneo que vive em uma sociedade do desempenho, visto que o *big data* faz surgir um campo de ação estruturado de forma inconsciente, de microações inconscientes. “Os big data também poderiam promover padrões coletivos de comportamento dos quais não seríamos conscientes como indivíduos” (HAN, 2018b, p. 89). O chamado inconsciente digital é acessado e controlado pela sociedade digital de vigilância, que cada vez mais detém poderes totalitários sobre o mundo interno do ser humano.

Por essa razão, o professor e sociólogo especialista em mídia digital Nick Couldry (2019) alerta para a existência de um novo colonialismo no século XXI, o colonialismo de dados. O neocolonialismo, definido como a apropriação de dados online pelas *big techs* (grandes empresas de tecnologia, como Google, Apple, Microsoft e Facebook), tem como lema que “todos devem estar sempre conectados” (PACHECO, 2019). Essas empresas geram muitos lucros às custas de exploração e manipulação da sociedade, na medida em que os produtos veiculados são os nossos dados pessoais colhidos eficientemente.

A Era Digital é também marcada pela mensurabilidade e pela quantificabilidade da vida, onde tudo é passível de ser aferido por meio de dados. Tanto é assim que há o *quantified self*, que pode ter dois significados: um fenômeno cultural de *self-tracking* (autorrastreamento) com a tecnologia e uma comunidade de usuários com ferramentas de autorrastreamento que compartilham o interesse por autoconhecimento a partir dos números (*self knowledge through numbers*).

Han (2018c) adverte que, por mais que esses dados descrevam as pessoas, não têm o condão de gerar autoconhecimento, porque não há uma narrativa. Os dados em si são vazios de sentido. Segundo o autor, “a narrativa é que conduz ao encontro de si e ao autoconhecimento” (p. 84).

Nesse contexto, a psicanálise pode ser um caminho terapêutico interessante para o indivíduo ir ao encontro de si mesmo, falar em nome de si próprio e descobrir o seu *self*. Winnicott (1962/1983) pensava a análise como um tratamento para manter-se vivo, bem, desperto, ser si mesmo. O objetivo da análise é atender às necessidades emocionais do paciente e auxiliá-lo a uma maior integração de si, visando enriquecer seu mundo interno.

### 2.3 A CORPOREIDADE NA ERA DIGITAL

As novas mídias têm impulsionado muitos debates na cena contemporânea, e o corpo sempre foi assunto de grande interesse para a psicanálise. De acordo com a teoria psicanalítica, a natureza humana é constituída de pensamentos, e isso depende do elemento corporal. Isso significa que o ser humano conhece as coisas por meio dos órgãos dos sentidos, o que relacionamos com a ideia freudiana de que o nascimento do psiquismo está intimamente ligado às sensações corporais.

Em *O eu e o id*, Freud (1923/2011), ao abordar a gênese do eu, afirma que “o eu é sobretudo corporal” (p. 24), pois se constitui a partir das percepções internas e externas do corpo. O eu é uma projeção da superfície corporal.

Partindo da ideia freudiana de um eu originário, Anzieu (1989) formulou o conceito de eu-pele, um eu que abarca as sensações e os registros corporais relacionados às trocas de frio e calor, trocas respiratórias, trocas de pele com pele entre o indivíduo e a mãe. Daí a importância e a relação entre o sensorial e a criação do aparelho psíquico. Podemos dizer que o eu-pele está na origem do psiquismo.

Winnicott (1949/2000) concebia o corpo como um processo interativo do soma com a psique que se inicia poucos dias após o nascimento do indivíduo. Soma é apenas o organismo do indivíduo, sem considerar a sua relação com o ambiente. De acordo com Winnicott, em um desenvolvimento saudável, não é possível separar a psique do soma. Esses dois elementos fazem parte do corpo do indivíduo.

No entendimento de Safra (2006, p. 42), “todo o mundo humano é uma metáfora do corpo”. De acordo o autor, as criações culturais correspondem a imagens da corporeidade humana. Quando não é possível acontecer o processo criativo, o corpo adocece.

Ora, a questão que se coloca atualmente é se as relações virtuais na contemporaneidade, notadamente as que ocorrem entre as mães que permanecem conectadas aos grupos do universo materno nas mídias digitais, são relações que comprometem a corporeidade. Se sim, em que sentido?

Neste trabalho, ao destacarmos as mães hiperconectadas, é oportuno o pensamento de Ferraz (2014, p. 65) ao comentar sobre os efeitos sobre a pele do uso das mídias digitais no tocante aos modos de vida da pessoa que a inserem numa lógica de controle e do capitalismo:

*essa inscrição que tende a ser curtocircuitada nesse movimento acelerado, na imediatez de um incessante conectar-se e desconectar-se, como que alisando (ou digitalizando) a pele, fechando-lhe os poros. Nessa pele lisa os possíveis encontros parecem tão-somente esbarrar para escorrer. A sensação de deslizar sobre superfícies lisas tem por efeito bloquear a penetração nos poros e a inscrição efetiva de acontecimentos no corpo.*

O conectar, o desconectar e o pular de alguma coisa para outra com tanta facilidade dão a ilusão de liberdade, movimento e de desejo diversificado. No entanto, a dinâmica das novas mídias é estruturada para incitar velocidade, imediatez, descartabilidade e deletabilidade generalizada. Em razão dessa facilidade do descarte, o ambiente digital cultiva interrupções. Conforme entende Ferraz (2014, p. 66), “há um desinvestimento afetivo e existencial da pele”.

Han (2018b) sustenta que a mídia digital subtrai formas não verbais de expressão da comunicação humana, reduzindo a tatilidade e a corporeidade. Segundo sua tese, “a comunicação digital se torna cada vez mais sem corpo e sem rosto” (p. 44), “a comunicação digital é uma comunicação pobre de olhar” (p. 47), “a mídia digital nos afasta cada vez mais do outro” (p. 48).

Nessa linha, Han (2018a) propõe a descorporalização crescente do mundo a partir do paradigma do digital, pois há cada vez menos comunicação entre corpos. Os corpos estão ausentes, alienados, desrealizados de si mesmos. Por isso, temos conexões, e não relações, entre pessoas.

Le Breton (2013) postulou que o espaço cibernético coloca o corpo entre parênteses, faz o sujeito sentir fisicamente um mundo sem carne. Para o autor, o mundo digital convida o sujeito a construir uma existência virtual que tenta ultrapassar os limites do corpo, tornando-o artificial. Para Le Breton, há uma dissociação de corpo e experiência, na qual a relação com o mundo não é real, e sim uma mera relação de dados. O espaço cibernético como um espaço de informações não requer mais a corporeidade humana. Há uma redução nas sensorialidades, e o corpo vai se tornando desnecessário.

É nesse sentido que Le Breton (2013) fala em fim do corpo, pois o corpo deixou de ser um elemento fundamental nas interações humanas. Na época da hipercomunicação, o que impera são as imagens por meio de telas, e o toque não faz mais parte das conexões. A exemplo disso, temos os hologramas.

Ironicamente, a tecnologia *touch screen* permite que as pessoas toquem o que quiserem, porém, com o obstáculo da tela; podem acariciar, deslizar a tela para escolher o que querem ler e ver. É um mundo ao toque dos dedos, mas que não pode ser tocado concretamente.

A comunicação digital é uma comunicação mais restrita, na medida em que o corpo é intermediado por uma tela, havendo uma exigência de atenção superior, sobrecarregando o olhar em detrimento dos outros sentidos. A percepção do ambiente é focada na tela, há um esforço para ouvir devido à conexão da internet, perde-se o contato ocular com o outro por causa da câmera.

Todavia, a psicanalista Pitliuk (2020) possui um outro entendimento sobre o assunto. Para ela, muito embora as comunicações virtuais revelem outra forma de interação humana, não deixam de provocar afetos nos envolvidos, tampouco retiram o corpo do indivíduo da cena. Se assim fosse, os pacientes não se emocionariam por trás das telas, tampouco demonstrariam expressões corporais relevantes.

De acordo com Lemma (2015), o fato de estarmos no ciberespaço não faz com que estejamos ausentes de nossos corpos; o que se altera é a nossa vivência da corporeidade, pois no espaço virtual podemos experimentar outras identidades. Resta questionar a autenticidade das apresentações dessas identidades no ciberespaço.

Uma preocupação que se mostra pertinente é a de que o mundo digital venha a substituir o mundo real, visto que o uso cada vez mais intenso da internet e outras circunstâncias, como globalização, violência urbana, guerras, pandemias, trabalho remoto, podem colaborar com isso.

Além disso, no mundo digital, o indivíduo possui uma “flexibilidade somática” (LEMMA, 2015, p. 76), que possibilita a ele estabelecer entre si e as várias formas de tecnologia produções autênticas ou não autênticas de sua identidade. Como exemplo, temos os avatares, que não têm semelhanças com a imagem corporal do indivíduo fora do mundo online. Isso caracteriza uma perda para o indivíduo (dono do avatar), que acaba se fixando em seu *self* avatar, prolongando o tempo de uso na internet e perdendo o contato com a realidade do mundo externo.

Essa é uma realidade dos tempos atuais que evidencia uma mudança na relação do indivíduo com a corporeidade, pois verificamos que os contornos do corpo alcançam outra dimensão, a digital.

## 2.4 O SABER DAS MÍDIAS DIGITAIS

A utilização dos aparatos digitais no cotidiano conferiu outros modos de viver ao ser humano, transformando, inclusive, a subjetividade materna no aspecto do cuidado dos filhos.

A identidade feminina é algo que precisa ser integrada ao longo da existência de cada mulher, em várias fases da vida. E a maternidade exige que a mulher se redefina em diversas dimensões, promovendo, com sorte, transformações psíquicas em sua identidade.

As mudanças identitárias demandam um longo processo de reconfiguração de si e estão em constante contato com o mundo do indivíduo do qual fazem parte. E, atualmente, esse mundo inclui o ciberespaço, o espaço da internet.

Em décadas passadas, até o *século XX*, as mães costumavam buscar informações sobre os cuidados maternos em livros e revistas, com os médicos pediatras e obstetras. Atualmente, apesar de ainda consultarem os livros,<sup>4</sup> que são cartilhas ou guias de maternagem, a maioria das mães busca essas informações nas mídias digitais, devido à comunicação rápida, instantânea e global. Portanto, é de grande importância compreender como as mães têm se relacionado com o saber sobre os cuidados maternos que encontram nas mídias digitais na contemporaneidade.

O ambiente digital favorece o encontro com o igual, com o idêntico devido à *sequência dos algoritmos*. Esse funcionamento acaba empobrecendo a vida do indivíduo, pois retira-lhe a oportunidade da experiência do encontro. Não há um encontro, e sim uma conexão com o outro. Dessa forma, há um esvaziamento nas relações, pois o indivíduo evita o contato com a diferença.

Han (2018a, p. 11) escreve que:

*A interconexão digital total e a comunicação total não facilitam o encontro com os outros. Servem antes para encontrarmos pessoas idênticas e que pensam de maneira idêntica, fazendo-nos passar de largo pelos desconhecidos e*

---

4 Alguns dos livros indicados pela administradora do grupo do Facebook: *Bésame mucho: como criar seu filho com amor*, *Manual prático de aleitamento materno*, *Meu filho não come*, *A maternidade e o encontro com a própria sombra*, *60 dias de neblina*, *O livro da maternagem*, *Disciplina positiva*, *Disciplina sem dramas*, *O cérebro da criança explicado aos pais*, *O grande livro da criança*, *Crianças felizes: o guia para aperfeiçoar a autoridade dos pais e a autoestima dos filhos*, *Educação não violenta*, *Já tentei de tudo: como lidar com crianças de 1 a 5 anos*, *Como falar para seu filho ouvir e como ouvir para seu filho falar*, *Pais e mães conscientes*, *Inteligência emocional e a arte de educar os nossos filhos*, *Educar sem violência*, *Criando filhos sem palmadas*, *Criando com amor em tempos de ódio*, *Por que gritamos*.

*pelos que são diferentes, fazendo assim com que o nosso horizonte de experiências se torne cada vez mais estreito. Prendem-nos num anel interminável do eu e, em última análise, levam-nos a uma “autopropaganda que nos doutrina com as nossas próprias ideias”.*

A enxurrada de dados online e sua velocidade colocam os usuários numa posição de passividade, transformando todas as informações em números e reduzindo a capacidade de pensar. As informações estão facilmente disponíveis, e é possível fazer correlações com os macrodados. Porém, nem a averiguação da relação de causa e efeito é possível de ser verificada, fazendo com que o saber retorne à sua forma mais primitiva, “é assim e ponto final” (HAN, 2018a, p. 12).

Dessa forma, as redes sociais tornam-se uma “caixa de ressonância”, “uma câmara de eco” (HAN, 2018a, p. 14), em que não há espaço para a alteridade, para a estranheza, para a diferença. Isso fica evidente em alguns grupos de mães do Facebook, que se tornaram “seitas da maternidade” com ideologias próprias, que não aceitam divergências das mães que desejam entrar no grupo, ou daquelas que *já estão no grupo*, quanto aos cuidados dos filhos. Nos casos de contrariedade ou diversidade de opinião, é comum que o comentário da mãe seja apagado ou que o perfil seja bloqueado do grupo.

Diante dessa dinâmica da conexão com o igual a si mesmo, nota-se que o saber do outro é apenas a confirmação do que o indivíduo pensa sobre determinado assunto. Assim, não há uma aquisição de conhecimento, porque não há uma nova compreensão da realidade, tampouco uma transformação de si.

Em *Agonia do eros*, Han (2017a) considera que as fantasias do sujeito contemporâneo são experienciadas de modo imaginativo e virtual, por meio das mídias digitais. Segundo o autor, a força da imaginação é marcada pelo mercado de consumo e pela cultura midiática. A hiperatividade da sociedade acelerada e a ausência do olhar contemplativo geram uma crise da fantasia, o desaparecimento do outro ou a agonia de eros.

A despeito disso, Lyotard (2011) afirma que na sociedade informatizada contemporânea o saber é um elemento importante na competição mundial pelo poder. Da mesma maneira que a exploração de matérias-primas e mão de obra barata e a dominação de territórios foram objeto de conflito entre Estados-nações no passado, é possível que haja uma luta pelo domínio dos dados e das informações no futuro.

Atualmente, o acesso às informações tem ocorrido por empresários, funcionários do alto escalão, dirigentes de grandes órgãos profissionais, sindicais, políticos, confessionais, e não pela classe política tradicional.

A dissolução do vínculo social e das coletividades sociais faz com que o indivíduo permaneça entregue a si mesmo, submetido ao poder que esses administradores emanam sobre as informações que detêm de toda natureza.

Lyotard (2011, p. 35) também explica que o saber não se reduz à ciência nem ao conhecimento:

*O conhecimento seria o conjunto dos enunciados que denotam ou descrevem objetos, excluindo-se todos os outros enunciados, e susceptíveis de serem declarados verdadeiros ou falsos.*

*A ciência seria um subconjunto do conhecimento. Feita também de enunciados denotativos, ela imporá duas condições suplementares à sua aceitabilidade: que os objetos aos quais eles se referem sejam acessíveis recursivamente, portanto, nas condições de observação explícitas; que se possa decidir se cada um destes enunciados pertence ou não pertence à linguagem considerada como pertinente pelos experts.*

Para o autor, o saber vai além de enunciados denotativos. É formado por ideias de saber-fazer, saber-viver, saber-escutar etc. Diz respeito à formação do indivíduo, o conjunto de competências e habilidades que possui em diversos aspectos, que lhe permitem melhor conhecer, decidir, avaliar, transformar.

Há também o saber científico, que constitui um enunciado denotativo com um valor de verdade; é um saber com enunciados verificáveis ou falsificáveis a respeito de algo acessível aos especialistas. Trata-se de conhecimento objetivo, impessoal e universal.

A psicanálise winnicottiana, por sua vez, se interessa pelo estudo do saber inconsciente, o saber que não se sabe do indivíduo e de suas relações com o ambiente. No texto “Saber e aprender”, Winnicott (1950/2020) faz uma distinção entre dois tipos de conhecimento pertinentes às mães: existe um conhecimento cognitivo, que provém de informações adquiridas pelo ensino de outra pessoa, e um conhecimento natural, construído a partir da experiência de ser mãe, da relação que estabelece com o bebê.

Winnicott (1950/2020) também se refere a uma compreensão intuitiva das mães em relação a seu bebê, valorizando sempre essa qualidade e encorajando-as a cuidar de seus filhos da forma como sabem. Diz que essa habilidade não pode ser ensinada, e que outros conhecimentos poderiam ser adquiridos com os especialistas, desde que as mães não perdessem o saber natural de cuidar de seus filhos.

Esse saber natural das mães se manifesta normalmente no período da preocupação materna primária, estado em que a mulher fica com uma sensibilidade exacerbada e identificada com as necessidades do bebê. Isso costuma ocorrer no final da gravidez e nas primeiras semanas após o parto (WINNICOTT, 1956/2000). A qualidade da interação mãe-bebê determina a possibilidade ou não da construção desse saber materno, que é experiencial.

Loparic (2013, p. 26) complementa:

*Não há critérios que garantam às mães serem bem-sucedidas: só há indicações genéricas, baseadas não no saber objetificante da razão teórica ou prática, mas na natureza humana exemplificada nas mães. A linguagem objetificante do discurso científico e moral dos adultos não se aplica à intimidade entre a mãe e o bebê. De resto, no mais das vezes, as mães podem dispensar esse tipo de conhecimento. Elas sabem “naturalmente” o que precisam fazer, por um saber pré-racional e pré-verbal, típico das mulheres regredidas à “preocupação materna primária”, um saber que funciona bem há centenas de milhares de anos e que não admite ser esclarecido, confirmado ou corrigido pelo consenso entre os peritos.*

Disso se depreende que o saber materno está diretamente relacionado à experiência da maternagem da mãe com seu filho, como ela vivencia a relação pessoal de cuidado. Nesse sentido, a noção de experiência para Winnicott (1971/2019b) pressupõe o brincar, uma relação de objeto do indivíduo, que busca descobrir o próprio *self* e viver criativamente.

Bondía (2002), ao considerar o homem como palavra, tecido de palavras, que faz coisas com as palavras, que dá sentido ao que lhe acontece, definiu *experiência* como o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. No entanto, o autor adverte que a experiência é cada vez mais rara devido a alguns fatores: a) excesso de informação; b) excesso de opinião; c) falta de tempo; e d) excesso de trabalho.

De acordo com Bondía (2002), a sociedade da informação ou sociedade contemporânea não favorece as possibilidades da experiência, seguindo um ritmo contrário, quase de uma antiexperiência. O acúmulo de informações ou o saber de coisas não se confunde com o saber da experiência – estar informado não é o mesmo que ter sabedoria. De certa maneira, isso se revela preocupante, na medida em que o conhecimento é adquirido apenas como informação e seu processamento. Isso reduz o conhecimento a um saber cognitivo e totalitário, que aparenta ser livre e democrático.

Outro fenômeno que prejudica a experiência é o excesso de opinião. Em tempos de digitalização, o indivíduo contemporâneo tem a necessidade de expressar a sua opinião sobre qualquer informação que possui, supondo ser crítica, própria e pessoal de forma impositiva. Há uma obsessão constante de opinar sobre tudo, haja vista que se considera bem-informado para tanto. Cada vez mais o indivíduo se autoriza a opinar sobre qualquer assunto de forma automática, reativa, caindo no discurso do a favor ou contra.

A falta de tempo impossibilita a experiência, pois há uma sucessão de estímulos contínuos, que ocorrem de forma acelerada e fugaz. Isso impede a construção da memória e o espaço de silêncio, tornando o indivíduo contemporâneo frequentemente excitado, agitado, curioso e ávido por novidades. É um indivíduo que valoriza o tempo como mais uma mercadoria, tenta aproveitá-lo ao máximo, porém está sempre sem tempo, o que nos permite concluir que não está presente nos acontecimentos da vida.

Por fim, o excesso de trabalho é um impedimento à experiência porque está baseado na lógica do desempenho, do fazer, do produzir coisas, de apresentar resultados, sem interrupção. A experiência, por outro lado, requer parar para refletir, contemplar, sentir, suspender a opinião, o juízo, a ação autômata, cultivar a atenção, escutar os outros, silenciar, cultivar o encontro, ter paciência, dar-se tempo e espaço. Assim, a experiência pertence à lógica da paixão, que se traduz por sofrimento, responsabilidade pelo outro e amor.

Para Bondía (2002), o sujeito da experiência é aquele que possui uma abertura, uma receptividade, uma disponibilidade para o outro. E acrescenta: “É incapaz de experiência aquele que nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (p. 25).

A palavra experiência implica as ideias de travessia e perigo. É um encontro ou uma relação que se experimenta, se prova. Experiência vem do latim *experiri* (provar, experimentar). O radical *periri* significa perigo, e a raiz *per*, travessia (BONDÍA, 2002).

O saber da experiência apresentado por Bondía (2002) converge com a ideia do saber natural definido por Winnicott (1950/2020), pois é o saber que se adquire na relação com o outro ao longo da vida, conforme vai respondendo às coisas que acontecem e conforme o sentido que se atribui ao que acontece. O saber da experiência é um saber singular, pessoal, subjetivo, relativo e contingente.

Nessa linha, o saber da experiência cria a personalidade, o caráter, a sensibilidade, a forma de o indivíduo estar no mundo, fundando uma ética que conduz a sua vida.

*A experiência e o saber que dela deriva são o que nos permite apropriar-nos de nossa própria vida. [...] Se chamamos existência a essa vida própria, contingente e finita, a essa vida que não está determinada por nenhuma essência nem por nenhum destino, a essa vida que não tem nenhuma razão nem nenhum fundamento fora dela mesma, a essa vida cujo sentido se vai construindo e destruindo no viver mesmo, podemos pensar que tudo o que faz impossível a experiência faz também impossível a existência. (BONDÍA, 2002, pp. 27-28)*

Nesse sentido, consideramos que a maternidade é uma oportunidade para a mãe criar experiências com seu filho, desde que esteja disposta a se transformar a partir dessa relação. A interação mãe-bebê desde o início da vida convoca a mãe a uma travessia e um perigo diante de seu desconhecido, o bebê. Portanto, essa relação que se estabelece entre ambos é irrepitível, caracterizada pela diferença, incerteza e pluralidade.

Ora, isso se distingue completamente do conhecimento objetivo, da *técnica*, dos guias, manuais e cartilhas de como se deve fazer determinada coisa, bem comum na sociedade contemporânea da performance veiculada nas mídias digitais. E, afetadas por esse discurso do desempenho e da performance, muitas mães cuidam de seus filhos de forma operativa, como se fosse mais uma tarefa do dia a cumprir. Isso acarreta um esvaziamento da experiência da maternidade, pois ser mãe exige entrega, disponibilidade e renúncia, não sendo possível planejar e controlar eventos contingentes da vida: “a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar, nem ‘pré-ver’ nem ‘pré-dizer’” (BONDÍA, 2002, p. 28).

Lobo (2018, p. 143), ao comentar sobre as mães que não conseguem se interessar e cuidar de seus filhos, afirma que essas mulheres “não abortam os bebês, mas abortam o gesto espontâneo, criativo, fruto da confiança”. Muitos bebês e muitas crianças têm os cuidados interrompidos ou fragmentados, pois suas mães se dividem entre o trabalho e a casa, se ausentando por muito tempo longe dos filhos ou terceirizando-os. A autora enfatiza que a maternagem tem sido exercida pelas mães por um curto período, porque os bebês têm ingressado em escolas cada vez mais cedo. Essa realidade colabora para o afastamento entre mãe e filho e a ausência de intimidade entre ambos, gerando impactos na constituição do indivíduo.

É preciso, urgente e necessário lembrar que, apesar de a presente pesquisa fazer o recorte dos cuidados maternos relacionados à figura da mãe-mulher, é sabido que a função materna pode e deve ser exercida por qualquer adulto saudável próximo à criança que se responsabilize por ela.

Assim, parece-nos que o comentário da autora Lobo (2018) é, de certa forma, ultrapassado e tendencioso, pois nem todas as mulheres-mães seguem mais o modelo mãe e dona de casa, tampouco no momento histórico atual muitas mães se ausentam de casa para trabalhar por necessidades econômicas e realizações profissionais, o que não foi considerado.

Até o século XX, havia a tradição da transmissão de um conhecimento sobre cuidados maternos de geração para geração ou por meio da comunidade entre os vizinhos. Atualmente, apesar de em algumas famílias ainda prevalecer esse costume, nota-se que é mais comum a transmissão do conhecimento sobre cuidados maternos pelos meios de comunicação de massa, especialmente pelas novas tecnologias digitais.

O saber sobre os cuidados maternos virou mais um produto do mercado. As mães solitárias, sem rede de apoio, vão adquirindo produtos que facilitam o seu dia a dia, como aplicativos, babás eletrônicas, berços eletrônicos e serviços variados, como babá, pediatra, professor, orientador de estudos, psicólogo, psiquiatra. A internet é uma grande loja em que há de tudo para se comprar, inclusive os serviços desses especialistas. Em tempos de fragilidade dos laços sociais, muitas mães buscam as mídias digitais para obter esse saber.

É discutível a confiabilidade do saber materno veiculado nas novas mídias, pois, como vimos, o empobrecimento da experiência da maternidade é uma realidade para muitas mulheres. Há aquelas não conseguem estabelecer uma relação pessoal e íntima

ou criativa com seu bebê, não restando outro caminho senão importar conteúdo da internet e aplicar na rotina dos filhos como se fossem guias ou cartilhas comportamentais.

## 2.5 DIGITAL MOMS

Quem são as *digital moms*?

As várias definições para *digital moms* foram encontradas em textos no Google devido à falta de conceitos acadêmicos e científicos para a expressão criada para designar esse novo tipo de mãe contemporânea.

As *digital moms*,<sup>5</sup> as mães digitais, são aquelas que frequentemente acessam as mídias digitais buscando informações, suporte e entretenimento. São as mães que fazem uso constante da internet para comprar tudo de que a família precisa e atuam como *bloggers* e *influencers*.<sup>6</sup> São também as mães que recorrem às novas tecnologias como ajuda para serem boas mães, de acordo com a fonte da Forbes.<sup>7</sup>

Para os fins desta pesquisa, utilizaremos a expressão *digital moms* para designar as mães que estão diariamente conectadas à internet e que a utilizam para ajudá-las na criação e na educação dos filhos.

Em tempos hipermodernos, a experiência da maternidade não está blindada pelas influências do mundo digital, e a comprovação disso é a existência cada vez mais expressiva das *digital moms* na internet. Esse fenômeno tem promovido muitas transformações no que diz respeito às formas de cuidado dos filhos, uma vez que o tipo de comunicação estabelecida online difere muito da comunicação presencial, provocando efeitos nas relações humanas.

Como vimos anteriormente, em razão da aceleração que é inerente à temporalidade digital, a comunicação intensa e ininterrupta dá azo a distrações, dificuldades de concentração e diminuição da complexidade da interação humana pela redução da linguagem.

Essa comunicação ilimitada também tem aumentado a angústia, a ansiedade e a insegurança de algumas mães contemporâneas em estarem sós com seus filhos devido ao descompasso existente entre o tempo lento do bebê e o tempo acelerado do mundo contemporâneo e do digital, fazendo com que elas se sintam atrasadas em relação às novidades do mundo e incapazes de acompanhar o ritmo do bebê. Elas sentem “nem lá, nem cá”.

---

5 Disponível em: <https://www.morriscreative.com/who-are-these-digital-moms/>. Acesso em: 14 fev. 2021.

6 Disponível em: Archer, C. (2019). How influencer ‘mumpreneur’ bloggers and ‘everyday’ mums frame presenting their children online. *Media International Australia*, 170(1), 47–56. <https://doi.org/10.1177/1329878X19828365>. Acesso em: 4 jan. 2022.

7 Disponível em: <https://www.punchbowl.com/trends/blog/post/what-you-need-to-know-about-digital-moms>. Acesso em: 4 jan. 2022.

Discute-se muito hoje em dia a diminuição da intimidade nas relações mãe-bebê, influenciadas pelo uso das mídias digitais pelas mães como fontes de auxílio no cuidado com os filhos. Certamente, após a Revolução Digital, o conceito de intimidade assumiu outros contornos, assim como a nossa relação com o mundo. Como podemos compreender essa mudança sem idealizar uma maternidade sem falhas, vivida romanticamente em outras décadas?

O texto de Carletti e Safra(2021) indica que houve uma mudança no modo como experienciamos o mundo, e isso afeta diretamente a experiência de cuidados da maternidade. Conforme citado pelo autor, na época moderna experienciávamos o mundo de acordo com uma lógica conjuntiva, em que a experiência se dava pelo vasto conjunto de sensibilidades afetadas pelo corpo; atualmente, nossa experiência é marcada pela lógica conectiva, em que há a apreensão do mundo pela digitalização, ou seja, a transformação da imagem, do texto e da voz em dados informatizados. Essa mudança na forma de apreender o mundo transforma as informações em dados (algoritmos) e divulga a promessa de solução de problemas de forma prática, rápida e certa, como se fosse possível eliminar qualquer dúvida humana.

Nesse contexto, um dos efeitos da digitalização é a diminuição da atenção e da disponibilidade que as mães podem oferecer a seus filhos, por permanecerem muito tempo conectadas em seus aparelhos eletrônicos, seja em função de trabalho, estudo, pesquisa, diversão ou interação, ou até mesmo por dependência tecnológica. Todavia, é de se reconhecer que muitas mães têm utilizado esses recursos como ferramentas para auxílio nos cuidados com os filhos, educação e como um espaço de pertencimento, compartilhamento de informações, sentimentos, angústias e construção da sua subjetividade materna.

Fala-se muito em dar atenção aos filhos, estar disponível para eles, tanto física como emocionalmente, da importância da qualidade de presença etc. Há quem diga que as mães perderam a capacidade de estar com seus filhos, que não se importam ou não se envolvem tanto com eles, que são mais ausentes etc. Essas são falas comuns e frequentes no discurso social contemporâneo que pressionam diariamente as mães de maneira impiedosa a estarem “plenas” em seus variados papéis e, é claro, serem mães perfeitas. Na tentativa de corresponder a esses imperativos fantasiosos e que representam uma grande armadilha para as mulheres-mães, surgem muitos adoecimentos psíquicos.

Além disso, circula no meio social e nas mídias digitais a ideia de um controle sobre a maternidade, melhor dizendo, um controle sobre a vida, seja por meio de aplicativos, seja pela aquisição antecipada de um saber sobre o cuidado e a criação dos filhos.

Aqui cito a mim mesma como exemplo, quando fiquei grávida do meu primeiro filho. Ao utilizar diariamente o aplicativo BabyCenter, eu tinha uma fantasia de que “sabia tudo” o que estava acontecendo com meu filho dentro da barriga, e isso me dava um sentimento de falsa segurança e onipotência sobre o desenvolvimento do bebê. Havia esquecido completamente o ensinamento winnicottiano de que o bebê segue o seu próprio percurso de desenvolvimento:

*O seu bebê não depende de você para crescer e desenvolver-se. Cada bebê é uma organização em marcha. Em cada bebê há uma centelha vital, e seu ímpeto para a vida, para o crescimento e o desenvolvimento é uma parcela do próprio bebê, algo que é inato na criança e que é impelido para a frente de um modo que não temos de compreender. (WINNICOTT, 1949/2013, p. 29)*

Nota-se que utilizei o termo *controle sobre a maternidade*, diferentemente do que Winnicott (1949/2013) propunha sobre o assunto ao afirmar que o aprimoramento da mãe ocorre quando ela se sente livre para agir naturalmente. O autor sugere às mães que ajam espontaneamente com seus filhos, e que só podem aprender a serem mães assumindo a plena responsabilidade por eles.

Parece que, em relação ao grupo de mães na internet, as mães sofrem de um excesso de informações e de interações com fontes diversas, na ilusão de obter todas as respostas para suas angústias em tempo real, como se nada de novo, estranho, diferente pudesse ocorrer na experiência materna e como se houvesse um modelo de mãe a ser seguido.

A lista de requisitos para se ser uma boa mãe tem ficado a cada dia mais extensa e mais rígida, com a imposição de recomendações padronizadas às mães, desconsiderando as singularidades de cada uma. Meruane (2018) enumerou muito bem essa lista em seu livro *Contra os filhos*: “parto sem anestesia, a prolongação da lactação, a fralda de pano, o perpétuo leva e traz das crianças a numerosas consultas médicas, pedagógicas e sociais (porque não podem ir a nada por conta própria); e soma-se o novo tempo de qualidade que reduz sua independência” (p. 31). A autora critica essa postura de grande parte das mães, pois ao se lembrar de sua própria mãe, da geração passada, afirma que ela não tinha tantas obrigações assim como mãe, tampouco se sentia culpada; sua mãe aguentava críticas e confiava no futuro.

Ora, ao que tudo indica, o discurso social contemporâneo tenta atrair as mulheres de volta à casa, restringindo seu espaço de expressão e atuação e aumentando a dependência e a sobrecarga. Outra vertente do discurso social contemporâneo impinge às mulheres-mães a possibilidade de completude com a maternidade (grande equívoco) ou mesmo acena para a figura da mãe heroína idealizada, aquela que dá conta de tudo e que concilia trabalho, casa, filhos e parceria amorosa com equilíbrio.

Nesse sentido, será que atualmente há um movimento de retrocesso de certas mulheres parecido com aquele em que as mulheres do pós-Segunda Guerra renunciaram a seus desejos particulares, estudos e escolhas profissionais para retomarem seu papel no ambiente doméstico? Ou será que em todas as épocas da história há movimentos de avanços e retrocessos ao mesmo tempo, nesse caso, as conquistas pós-feministas e o retorno das mulheres ao lar?

De qualquer forma, verificamos tipos de mães constantemente divididas e angustiadas por suas escolhas. A mãe que escolheu cuidar pessoalmente dos filhos, da casa, do marido e da família com frequência vive angustiada e frustrada por não trabalhar

fora e ter sua independência financeira. A mãe-profissional que decide conciliar carreira e maternidade também se sente angustiada e frustrada por não ter tempo para se dedicar aos filhos como gostaria e ser mais presente na vida deles. Com isso, nota-se a insatisfação generalizada da situação das mães na contemporaneidade, o que reflete na qualidade da relação com seus filhos.

Meruane (2018, pp. 109-110) descreve também um tipo de mãe bem comum na contemporaneidade, as mães-de-profissão. São aquelas que

*estudam os infinitos manuais da criação e até pagam por lições de maternidade que as farão mais competentes, mais dedicadas, mais apegadas a seus filhos. Mães-totais escudadas na retórica da ecologia. Essas mães de aparência progressista deram a volta completa ao círculo, para retornar à retrógrada equação mulher = natureza, que exime os homens.*

As mães-de-profissão se dedicam tanto aos filhos, de forma obsessiva, que mal conseguem olhar para si mesmas, para as próprias necessidades e para o cuidado de si. Há uma maternidade intensiva, um fanatismo pelo filho, uma militância em torno da maternidade (cada uma carregando sua bandeira) que se inicia na gravidez e vai se impondo com suas regras restritas e punitivas. Essa imensa dedicação das mães-de-profissão atende às demandas de comparação entre elas, que tentam oferecer o melhor aos seus filhos desde o berço num mundo megacompetitivo.

Marías (2017) denominou essas mães obsessivas disfarçadas de progressistas de mães enlouquecidas, pois vivem escravas de seus filhos, sendo seu único assunto, se consideram superiores às demais mães pelas escolhas que fazem.

E, por fim, há o tipo mãe-máquina (MERUANE, 2018), aquela mãe multitarefas, que faz várias atividades ao mesmo tempo, está sempre correndo, repleta de responsabilidades e obrigações, que se caracteriza pelos sacrifícios que faz pelos filhos e pela família.

*É a sacrificada e incansável supermãe.*

*É a esposa-amante. (Para que se casou se não era para ter uma maravilhosa relação de casal em que ela se ocupa de tudo inclusive de se desfazer da competição?)*

*É a mãe-esforçada-e-responsável. (Para que teve filhos se não era para cuidar e fazer deles os melhores homens e mulheres do universo?)*

*É a mãe disposta a dar o peito enquanto trabalha, e vice-versa, num alarde de energia.*

*É a mulher-que-trabalha-de-sucesso, com várias crianças a tiracolo. (Para*

que estudou ofícios ou carreiras se não foi para exercê-las, e por que iria reprimir suas urgências maternas?) Essa é a mãe-máquina, de existência cronometrada, que sai cedo num carro de preferência utilitário e multifuncional como ela. Anda um pouco despenteada, mas cuidadosamente vestida. Deixa os filhos na escola e continua seu trajeto. Se está um pouco atrasada ou tem que se ausentar por umas horas para a inevitável reunião de pais, nunca usa os filhos como desculpa: repõe as horas perdidas e aceita todos os desafios de trabalho para provar – esse é seu verbo favorito – que ser mãe não é uma desvantagem em seu desempenho. Ao contrário, diria a supermãe, supurando adrenalina: meus filhos são meu capital. Mas é evidente que ela teme, sem reconhecer, que sua situação materna não seja compreendida por seus colegas e por seu chefe (só as secretárias a compreenderiam, mas ela também não confia nas secretárias, as ambiciosas secretárias sempre foram para ela uma ameaça). Pensa que se ela escolheu trabalhar deve se adaptar, não pedir favores jamais. É o preço de sua independência econômica e no trabalho. Um preço que implica sempre conseguir que o marido não mexa uma palha e não se queixe nunca de nada. Em consequência, a caminho de casa depois de oito ou dez ou doze horas de trabalho intensivo (precedido, se deu tempo, por uma madrugada na academia), acelera para cumprir o tempo de qualidade que os colégios inventaram para sobrecarregá-la. Porque não se trata só de chegar em casa e conversar com os filhos, perguntar a eles como foi seu dia e se interessar pelo que estão estudando. Consiste, nesse tempo, de participar do trabalho docente, revisando, ou pior, começando e finalizando deveres cada vez mais difíceis (menos apropriados para a idade) que os colégios atribuem a eles; consiste também em ensinar ao filho o que ele não entendeu durante as aulas, estudar com ele até que aprenda a matéria, dar assistência conceitual no projeto de arte e inclusive realizar trabalhos manuais. Um número inesgotável de tarefas extraordinárias: para além do ordinário e, ao mesmo tempo, extremamente ordinárias.

A supermãe esqueceu como eram as coisas antes, como procedia sua mãe ou sua madrasta ou sua avó ou sua tia quando ela era criança e chegava com deveres de casa. Ela não questiona as coisas como são hoje. Ela vive no presente da necessidade e, por isso, em vez de pensar na carga extra que está assumindo, distrai-se lembrando que está faltando papel brilhante, cartolina e cola, além de pincéis. Lembra em seguida que não sobraram em casa os cereais favoritos do filho mais velho, as barrinhas energéticas da filha ado-

*lescente, o achocolatado do mais novo, a carne para o jantar de sábado. A geladeira se esvazia com a mesma velocidade com a qual a enche. Desvia-se então para fazer umas comprinhas. Olha o relógio: está tão perto da tinturaria, se se apressar, chegará a tempo. Ela não renunciaria nunca a ser a mais elegante quando se trata de elegância. A mais moderna quando se trata de modernidades. A mais bem maquiada (mesmo quando retoca a maquiagem nos sinais vermelhos). A mais esportista. A mais culta. A que nunca perdeu nenhum dos filmes que chegarão ao Oscar. Não conhece ainda a palavra “exaustão”, sempre chega fresca ao final de semana e não perde o sono: quando coloca a cabeça sobre a almofada, mais do que dormir, quase desmaia. (E ainda assim permanece com uma orelha aberta, caso seus filhos precisem dela enquanto ela acha que eles dormem).*

*Essa é uma versão extrema de supermãe, mas há versões atenuadas igualmente preocupantes. (MERUANE, 2018, pp.124-127)*

Felizmente, essa supermãe não existe. Essa figura, diferentemente do que pretende representar e sustentar com sua máxima força e energia, revela os traços do masoquismo feminino e o cansaço demasiado das mães, que não aguentam mais suas rotinas sobrecarregadas no cuidado com os filhos sem descanso.

Miriam Rahali, uma estudiosa sobre o assunto da parentalidade e doutora em Filosofia pelo Departamento de Mídia e Comunicação da *London School of Economics and Political Science*, aplica o termo *tiger mom* para se referir às mulheres asiáticas e às mães altamente exigentes em relação aos seus filhos, que os incentiva a ter sucesso. Segundo a pesquisadora, a *tiger mom 2.0* é a última versão da *tiger mom*, é a mãe que domina o território da internet, buscando satisfação por meio dos cliques e curtidas instantâneas que recebe de fotos e vídeos postados de seus filhos fazendo algo extraordinário. E, dessa forma, o desenvolvimento do filho pode ser acompanhado e monitorado online pelas redes sociais dos pais, sendo comparado com o das outras crianças (RAHALI, 2017).

A constante busca pela perfeição e a necessidade quase compulsiva de compartilhar informações pessoais têm gerado diversas questões atinentes à representação da imagem de si mesmo, dos outros e a relação que estabelecemos com a realidade.

As facilidades e ferramentas do mundo digital podem gerar distorções da realidade e uma atmosfera de competição no universo materno, resultando em ansiedades e expectativas irreais em relação aos filhos e às próprias mães.

É importante ressaltar que as próprias mulheres-mães criam essas fantasias de onipotência e completude, sendo elas mesmas as suas próprias juízas e algozes, seja nas mídias digitais, seja no meio social. Esse comportamento nos faz questionar a existência da solidariedade feminina com as questões sensíveis que se apresentam

durante a experiência da maternidade. Sendo assim, é a própria mulher que retroalimenta a sua situação de exaustão e autocobrança excessiva no cuidado com os filhos.

Para além de todas as exigências que se impõem às mães para o exercício da maternidade e os cuidados suficientemente bons, um ponto fundamental costuma ser esquecido: o prazer da mãe em estar com o bebê, com o filho, seja ele da idade que for. De nada adianta a mãe seguir conselhos, instruir-se com conhecimentos sobre maternidade e adotar práticas de cuidado com seus filhos se não o fizer com prazer. Do contrário, teremos o exercício de uma maternidade operativa que cumpre funções, tarefas, listas e planilhas, de maneira distante, desimplicada e automática.

Winnicott (1949, /2013p. 28) já nos alertava com esta lição:

*Desfrute tudo isso para seu próprio prazer, mas o prazer que você pode extrair do complicado negócio de cuidar de uma criança é vitalmente importante do ponto de vista do bebê. O bebê não quer tanto que lhe deem alimentação correta na hora exata como, sobretudo, ser alimentado por alguém que ama alimentar seu próprio bebê. O bebê aceita como coisas naturais a maciez das roupas ou a temperatura correta da água do banho. O que ele não pode dispensar é o prazer da mãe que acompanha o ato de vestir ou de dar banho ao seu próprio bebê. Se tudo isso lhe dá prazer, é algo como o raiar do sol para o bebê. O prazer da mãe tem de estar presente nesses atos ou então tudo o que fizer é monótono, inútil e mecânico.*

A experiência da maternidade e dos cuidados maternos é uma relação emocional entre mãe e bebê, que vai se construindo pouco a pouco, constantemente, por meio dos encontros e desencontros da dupla. É na relação dos dois, permeada por uma comunicação silenciosa e um ritmo criado por ambos, que se constroem a confiança e a compreensão mútuas.

Os cuidados maternos, quando realizados de forma satisfatória, além de promoverem uma experiência rica para os dois seres humanos, propiciam as bases para a saúde mental, do caráter e da personalidade do indivíduo.

Mas e o cuidado da mãe? Virou um jargão popular cuidar de quem cuida do outro, mas, na vida prática, os cuidados com a mãe que cuida do bebê incansavelmente, que cuida dos filhos, continuam sendo invisíveis. As políticas públicas no Brasil não são suficientes para garantir a saúde física, mental e emocional da mulher e mãe. Faltam redes de apoio que possam auxiliá-las a exercerem a função da maternagem suficientemente boa de forma tranquila; falta conscientização da sociedade civil da importância dos cuidados maternos desde o início da vida do indivíduo e durante o seu desenvolvimento como pessoa viável; falta conscientização e sensibilização da sociedade como um todo e das próprias mulheres de que as mães necessitam de cuidados pessoais e profissionais (empregada doméstica, psicóloga, eventualmente

psiquiatra), muitas vezes, para poder se tornarem mães e cuidar de seus filhos. Falta lembrar que ter um filho não garante que uma mulher se torne mãe, pois ela também precisa ser cuidada!

## CAPÍTULO 3

# PALESTRAS RADIOFÔNICAS DE WINNICOTT

*Penso que o mais importante é que você sinta facilmente que vale a pena conhecer seu bebê como pessoa. Ninguém que vier a dar um conselho saberá disso tão bem como você mesmo.<sup>1</sup> (Winnicott, tradução nossa)*

Winnicott, como pediatra que foi, interessou-se pela psicanálise, de tal modo que seus atendimentos passaram a ser norteados mais pelos conhecimentos do psiquismo, tornando-o um grande psicanalista. E, nessa condição, ele se interessou em fornecer às mães não só uma escuta psicanalítica, mas informações que contribuíssem para a saúde mental de seus filhos de uma forma mais acessível via rádio. Ele se comunicava com as mães de forma empática, não indicando receitas de cuidados dos filhos, pois acreditava que isso não era possível.

Assim, Winnicott realizou palestras na rádio BBC Londres direcionadas às mães, com intuito de ajudá-las na criação de seus filhos, incentivando a intuição materna. No prefácio da obra *Conversando com os pais* (1993/1999) consta que Winnicott produziu cinquenta palestras no período de 1939 a 1962, em sua maioria dedicadas aos pais. Na obra citada, foram encontradas nove palestras radiofônicas após 1955 e cons-

---

1 Texto original: “I think the most important thing is that you easily feel that your baby is worth getting to know as a person. No one who comes to give you advice will ever know this as well as you know it yourself”. *The ‘good enough’ mother*. BBC News, Witness History. 13 nov. 2020, 10 min., Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/sounds/play/w3cszmvv>. Acesso em: 25 nov. 2021.

tam dois artigos escritos não destinados ao rádio. Também localizamos duas palestras radiofônicas em *Privação e delinquência* (1984/2012), duas em *A família e o desenvolvimento individual* (1965/2011) e quatro em *Os bebês e suas mães* (1987), obras do mesmo autor.

Winnicott não apreciava dar conselhos em sua vida profissional. Acreditava que a saúde era muito mais difícil de gerir que a doença. Porém, supunha que a maioria das mães e dos bebês eram saudáveis, e que não cabia aos médicos e às enfermeiras dar conselhos de vida e de psicologia às pacientes.

Em 18 de outubro de 1970, ao palestrar para médicos e enfermeiros na Igreja de São Lucas, em Hatfield, Winnicott inaugurou uma nova ética em sua atuação profissional: a ética do cuidado. Segundo Winnicott, o ato de cuidar faz parte da prática médica e deve integrar o tratamento da doença do paciente e de sua cura.

A preocupação de Winnicott com o cuidado fica evidente quando se imagina no lugar dos pacientes: “talvez possamos ver melhor e com mais facilidade as falhas de nossos colegas quando somos pacientes...” (1970/2011, p. 107). No texto “A cura”, podemos observar a atenção especial ao cuidado ao citar as palavras *dependência* e *confiabilidade* na seguinte passagem:

*O que as pessoas querem de nós, médicos e enfermeiros? O que queremos de nossos colegas, quando somos nós que ficamos imaturos, doentes ou velhos? Essas condições – imaturidade, doença e velhice – trazem consigo a dependência. Segue-se que é necessário haver confiabilidade. Como médicos, assistentes sociais e enfermeiros, somos chamados a ser confiáveis de modo humano (e não mecânico), a ter confiabilidade construída sobre nossa atitude geral. (Vou presumir no momento nossa capacidade para reconhecer a dependência e nos adaptarmos ao que encontrarmos.) (WINNICOTT, 1970/2011, p. 106, grifos nossos)*

Além disso, Winnicott entendia que essa ética do cuidado possuía alguns princípios. Para ele, não havia hierarquia entre o profissional da saúde e o paciente, e sim uma relação interpessoal, “dois seres humanos no mesmo nível” (WINNICOTT, 1970/2011, p. 108). Acreditava que tanto médico quanto paciente são doentes e que ambos precisam uns dos outros, são dependentes; por uma questão de circunstância, na situação em que o paciente pede ajuda ao médico, o paciente é o doente, pois é ele quem necessita do cuidado.

Os moralismos não fazem parte do tratamento do paciente, pois o julgamento não é uma atitude de cuidado. A verdade está sempre presente na relação cuidador-paciente, sendo o médico honesto e verdadeiro com seu paciente. O médico é profissionalmente confiável para o seu paciente, antecipando os acontecimentos e protegendo os pacientes de imprevistos, visando a diminuição de ansiedades. Cabe ao médico ter a

capacidade de identificações com o paciente, sem retaliar o ódio com posturas cruéis. Winnicott não se vangloriava com a gratidão exagerada dos pacientes, pois poderia haver forças de vingança latentes.

O cuidado também está associado à sustentação que a mãe oferece aos seus filhos, que se inicia desde o útero, ao carregar a barriga, depois no colo, ao segurar o bebê, e ao longo do desenvolvimento da criança até a vida adulta, com sua presença e apoio. Esse tipo de cuidado se reproduz na relação médico-paciente por meio da segurança que o médico transmite ao paciente, com seu conhecimento científico, sua postura profissional e sua humanidade.

E, por fim, Winnicott considera a maternagem satisfatória como cuidado, sendo parte mais importante para o mundo do que o tratamento. Traduzindo isso para a relação médico-paciente, o médico atua eticamente quando oferece atendimento e tratamento personalizados ao paciente, de acordo com as necessidades específicas dele, visando ao amadurecimento saudável do indivíduo. Para ele, o cuidado era uma cura antecipada, uma medicina preventiva exercida pelos médicos, pelas mães e pelos pais.

No texto “Assistência residencial como terapia” ([1970-1984]/2012), elencou algumas características do ambiente a serem observadas para que os pacientes fossem acolhidos nesse tipo de terapia: a confiabilidade humana no analista como uma pessoa falível como qualquer outra, porém capaz de dar assistência e sustentar a previsibilidade para os pacientes; o analista como representante da segurança suficientemente boa do ambiente que foi perdida ou interrompida em uma fase anterior da vida; o analista não podendo assumir uma atitude moralista com seu paciente; o analista não podendo esperar gratidão de seu paciente, e sim ser grato pelo fato de que o paciente precisa dele; o analista como capaz de sobreviver aos ataques do paciente de forma amorosa, sem interrupção e retaliação.

Para Fulgencio (2020), a ética do cuidado de Winnicott está baseada na capacidade de brincar, na espontaneidade e na criatividade nos modos de ser no mundo e nas relações interpessoais, tendo como critério a saúde, que são as principais diretrizes do tratamento psicanalítico.

Por sua vez, Loparic (2013) define a ética do cuidado como a aceitação da responsabilidade pelo cuidador das condições que viabilizam a continuidade da existência psicossomática do indivíduo e sua provisão ambiental. Além disso, a ética do cuidado consiste em auxiliar o indivíduo a reconhecer e reparar os danos causados a outrem.

As palestras radiofônicas constam nos livros *Privação e delinquência* (1984/2012), *Conversando com os pais* (1993/1999), *Os bebês e suas mães* (1987/2012; 2020) e *A família e o desenvolvimento individual* (1965/2011). As palestras denominadas “Segurança” (1960), dos livros *Conversando com os pais* e *A família e o desenvolvimento individual*, apresentam o mesmo conteúdo. O mesmo acontece com as palestras: “Agora estão com cinco anos” (1962), do livro *Conversando com os pais*, e “A criança de cinco anos” (1962), do livro *A família e o desenvolvimento individual*. Textos inéditos foram localizados no livro *Os bebês e suas mães*, disponibilizados pela *Oxford Clinical Psy-*

chology.<sup>2</sup> São eles: “Esperando pela chegada do bebê” (1945); “Conhecendo seu bebê” (1945) e “Cartas das minhas ouvintes” (1952).

As palestras radiofônicas são:

- “A mãe separada do filho” (1939) – *Privação e delinquência*;
- “De novo em casa” (1945) – *Privação e delinquência*;
- “Esperando pela chegada do bebê” (1945) – *Os bebês e suas mães* (texto inédito);
- “Conhecendo seu bebê” (1945) – *Os bebês e suas mães* (texto inédito);
- “Saber e aprender” (1950) – *Os bebês e suas mães*;
- “Cartas das minhas ouvintes” (1952) – *Os bebês e suas mães* (texto inédito);
- “Madrastas e padrastos” (1955) – *Conversando com os pais*;
- “O que sabemos a respeito de bebês que chupam pano?” (1956) – *Conversando com os pais*;
- “Dizer ‘não’” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “Ciúme” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “O que irrita” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “Segurança” (1960) – *Conversando com os pais*;
- “Sentimento de culpa” (1961) – *Conversando com os pais*;
- “O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança” (1962) – *Conversando com os pais*;
- “Agora estão com cinco anos” (1962) – *Conversando com os pais*;
- “Segurança” (1965) – *A família e o desenvolvimento individual*;
- “A criança de cinco anos” (1965) – *A família e o desenvolvimento individual*.

Para nosso objetivo, utilizaremos algumas categorias para identificar a ética do cuidado contida nas palestras, as quais foram estabelecidas da seguinte forma:

As categorias Maternagem satisfatória, Sustentação/segurança, Confiabilidade, Dependência, Sobrevivência, Humanidade/falibilidade, Verdade, Moralismos e gratidão foram retiradas a partir do texto “A cura” (1970/2011), do livro *Tudo começa em casa* de D. W. Winnicott; e as categorias Responsabilidade e Reparação de danos foram extraídas do item “O sentido ético do cuidado em Winnicott”, do livro *Winnicott e a ética do cuidado*, de Zeljko Loparic (2013).

2 Disponível em: <https://www.oxfordclinicalpsych.com/view/10.1093/med:psych/9780190271442.001.0001/med-9780190271442-chapter-11>. Acesso em: 11 jan. 2022.

### 3.1 MATERNAGEM SATISFATÓRIA

Em vários momentos de sua vasta obra, Winnicott mencionou o que considerava uma mãe suficientemente boa ou uma mãe devotada comum, de onde podemos deduzir a maternagem satisfatória.

Apenas para retomar o conceito, a maternagem satisfatória pode ser compreendida como o conjunto de cuidados maternos que atendem às necessidades do bebê ou da criança e que contribuem para o seu amadurecimento emocional saudável. A mãe suficientemente boa atende às necessidades dos impulsos primitivos e às necessidades do ego do bebê e o capacita a transformar uma falha de adaptação em êxito adaptativo com a atividade mental (WINNICOTT, [1951-1949]/2000). A mãe suficientemente boa é a que frustra as necessidades do filho de forma gradativa no decorrer de seu desenvolvimento e não tem ressentimentos com ele, independentemente de seu nível intelectual (WINNICOTT, 1971/2019b).

Winnicott já se preocupava, naquela época, em transmitir uma imagem de mãe não idealizada e valorizar a função materna como a base da saúde mental do indivíduo e fator determinante no amadurecimento de uma sociedade.

A seguir, comentamos alguns fragmentos das palestras radiofônicas, nas quais destacamos a maternagem satisfatória:

#### 3.1.1 “A MÃE SEPARADA DO FILHO” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*Por que se pede aos pais que façam sacrifícios tão grandes? [...] É razoável que se defenda o ponto de vista de que os pais são tão importantes quanto as crianças, e de que é sentimentalismo supor que os sentimentos dos pais devem ser necessariamente sacrificados pelo bem e a felicidade dos filhos (WINNICOTT, [1939-1984]/2012), p. 33).*

Winnicott questiona por que a sociedade cobra tantos sacrifícios dos pais, por que é tão exigente com eles. Além disso, defende que os pais são tão importantes quanto os filhos, humanizando-os. Para o autor, não é razoável os pais fazerem tudo pela felicidade dos filhos e deixarem suas necessidades de lado. Ele pretendia desidealizar a relação parental e tratá-la sem sentimentalismo, por ser muito maléfico à mãe.

O sentimentalismo é a negação do ódio. Fazem parte do materno o ódio e o amor da mãe pelo bebê. No entanto, ainda é muito difícil para as mães admitirem seu ódio pelos filhos, ante a idealização da imagem materna e o julgamento que as mães sofrem na sociedade. Todavia, é justamente a admissão do ódio e sua elaboração interna que permitirão à mãe o exercício satisfatório da maternagem, pois assim ela terá condições de não o lançar ao bebê:

*A mãe deve ser capaz de tolerar o sentimento de ódio contra o bebê sem fazer nada a esse respeito. Ela não pode expressá-lo para ele. No caso de temer a sua própria reação, ela não conseguirá odiar adequadamente quando machucada, e poderá cair no masoquismo, e a meu ver é isto que leva à falsa teoria de um masoquismo natural às mulheres. O ponto mais interessante a respeito da mãe é a sua capacidade de ser tão agredida e sentir tanto ódio por seu bebê sem vingar-se dele, e sua aptidão para esperar por recompensas que podem vir ou não muito mais tarde. (WINNICOTT, [1947/2000], p. 286)*

### 3.1.2 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*muitas pessoas estão olhando para seus filhos, imaginando o que eles devem estar pensando e sentindo, e perguntando-se também se serão capazes de dar às crianças tudo o que elas querem e necessitam. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 53)*

No cenário de pós-Segunda Guerra, quando os filhos evacuados retornavam a suas casas, tanto as mães como os filhos tinham de se readaptar a um novo processo de convivência. Nesse contexto, as mães ficavam pensando se dariam conta das necessidades dos filhos, pois na vida do campo tinham acesso a coisas que elas não poderiam oferecer, como vacas e porcos, verduras e ovos frescos, jogos e trabalhos manuais.

Essa capacidade das mães de se identificar com as necessidades dos filhos, de imaginar o que eles podem estar pensando e sentindo pode se caracterizar como maternagem satisfatória.

*Na minha opinião, o mais comovente é que na hora das refeições todas essas crianças correm para casa para comer refeições preparadas pelas suas próprias mães. Comer em casa significa muito, quer para a mãe que tem o trabalho de obter os alimentos e de cozinhá-los, quer para as crianças que os comem! E ainda há a hora do banho, a hora de ir para a cama e o beijo de boa-noite; todas essas coisas fazem parte da privacidade e nós não as vemos, mas sabemos que elas existem. Essa é a substância de que se faz um lar. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 54)*

Winnicott descreve, nessa passagem, atividades comuns do cotidiano das famílias e que ocorrem dentro da intimidade de um lar: comer a comida da mãe em casa, hora do banho, hora de ir para a cama, o beijo de boa noite. Todos esses rituais compõem um ambiente que tem a função de ser suficientemente bom, assim como a mãe.

### 3.1.3 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*a devoção da mãe num estágio muito inicial proporcionou as condições essenciais que a habilitam a começar existindo como pessoa, com direitos pessoais, impulsos pessoais e uma técnica pessoal de vida. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999], pp. 11-12)*

A maternagem satisfatória, quando bem exercida nos primórdios da vida do bebê, oferece condições para que ele continue existindo e conquiste o estado de ser uma pessoa na vida. Para isso, é preciso que a mãe seja a pessoa específica a prestar a assistência pessoal de cuidados ao bebê ou quem concebeu e gerou o bebê porque é quem tem o interesse na vida do bebê e se apresenta como o mundo para ele:

*A mãe aceita todo o trabalho porque sente (e acho correto que ela sinta) que, se o bebê tiver que desenvolver-se bem e com abundância de princípios, é preciso que haja uma assistência materna pessoal desde o começo, se possível pela própria pessoa que concebeu e gerou o bebê, aquela pessoa que tem um interesse profundamente arraigado em aceitar o ponto de vista do bebê e adora consentir em ser o mundo todo para ele. (WINNICOTT, 1964/2013b, pp. 98-99)*

### 3.1.4 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Quando você se adapta às necessidades e aos ritmos pessoais do seu bebê no começo, está habilitando esse principiante a firmar-se na sela durante a corrida, inclusive a montar o seu próprio cavalo e a gostar de cavalgar por puro prazer. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999], p. 25)*

Para Winnicott, respeitar os ritmos do bebê é um sinal de maternagem suficientemente boa da mãe e faz parte de sua comunicação inconsciente com o bebê. Essa comunicação da mãe com o bebê não precisa ser verbalizada. Ela pode se dar “pelas batidas do coração da mãe, pelo ritmo da respiração dela, pelo vaivém das tensões instintivas ou por uma série de outros dispositivos mecânicos” (WINNICOTT, 1968/2020b, p. 111).

### 3.1.5 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Isso é uma outra coisa que pode ser irritante, a adaptação ao ritmo de cada criança. Por temperamento, algumas crianças são mais lentas do que suas mães e algumas são mais rápidas. É um grande problema para a mãe adaptar-se às necessidades de cada criança nessa questão de rapidez e morosidade. Especialmente irritante é a tarefa de adaptação de uma mãe rápida a uma criança algo atrasada em seu desenvolvimento. Contudo, se a criança e a mãe perdem o contato entre elas nessa questão de timing, a criança perde a capacidade para agir, torna-se estúpida, deixa tudo, cada vez mais, aos cuidados da mãe ou da babá. Para a criança, é igualmente ruim quando ela é rápida e a mãe é lenta, como é fácil de imaginar. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999b, p. 96)*

Ser uma mãe suficientemente boa também é adaptar-se aos ritmos próprios de cada criança. Na relação mãe-filho, cabe à mãe perceber o temperamento e o tempo em que o filho exerce suas atividades e relacionar-se com ele de acordo com o que se apresenta.

### 3.1.6 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*a capacidade de uma mãe de adaptação à necessidade do bebê de uma iniciação sem complicações a algo que deve necessariamente ir ficando cada vez mais complexo. (WINNICOTT, [1960/1999, p. 39)*

O desenvolvimento físico e emocional de um bebê fica cada vez mais complexo com o passar do tempo. A mãe tem de ser capaz de adaptar-se às necessidades primitivas do bebê, protegendo-o de possíveis perturbações. Nessa linha, primeiro a mãe diz não ao mundo, impedindo que coisas inesperadas aconteçam. Depois, diz não ao filho, ao introduzir o princípio de realidade (WINNICOTT, [1960-1993]/1999).

### 3.1.7 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Muito mais poderia ser dito mas talvez isso seja suficiente para mostrar que quando o ciúme desaparece é por causa do desenvolvimento que ocorreu na criança, possibilitado por uma boa e sistemática atenção às suas necessidades. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 68)*

Winnicott afirma que o ciúme decorre do fato de que as crianças amam, e que é normal e saudável. O ciúme desaparece quando a criança usufruiu de amor e se sentiu satisfeita porque suas necessidades foram atendidas pelos pais. Daí a criança pode renunciar ao ciúme em favor de outra pessoa (WINNICOTT, [1960-1993]/1999).

### 3.1.8 “SEGURANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*quero referir-me à contribuição ambiental, o papel que desempenhamos e o papel que a sociedade desempenha em relação a nós. É o meio circundante que possibilita a cada criança crescer, e sem adequada confiabilidade ambiental o crescimento pessoal de uma criança não pode acontecer, ou será um crescimento distorcido. E como não há duas crianças que sejam exatamente iguais somos solicitados a adaptar-nos especificamente às necessidades de cada criança. Isso significa que quem quer que esteja cuidando de uma criança deve conhecer essa criança e trabalhar na base de uma estimulante relação pessoal com essa criança, não na base de algo aprendido e aplicado mecanicamente. Se estivermos confiavelmente presentes e formos coerentes com nós mesmos, podemos fornecer a estabilidade que não é rígida, mas viva e humana, e isso faz a criança sentir-se segura. É em relação a isso que a criança pode crescer, que ela pode absorver e copiar. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 103)*

Outra característica da maternagem satisfatória referida por Winnicott é uma relação pessoal, confiável, presente, coerente, estável, flexível, viva, humana e segura com a criança.

*a mãe sabe que deve se manter vivaz e fazer o bebê sentir e ouvir sua vivacidade. Sabe que precisa adiar seus próprios impulsos até a época em que a criança possa utilizar sua existência separada de modo positivo. Sabe que não deve deixar a criança por mais minutos, horas ou dias acima da capacidade*

*da mesma de conservar a lembrança dela vivaz e amiga. Se deve se afastar por tempo demasiado terá de “mimar” seu filho para tê-lo de volta (se não é demasiado tarde) ao estado em que tem a mãe como certa, novamente. (WINNICOTT, 1962/1983, p. 68)*

A mãe precisa oferecer uma presença viva para o seu bebê e renunciar os próprios impulsos até que a criança avance o nível de sua dependência. É sua atribuição não deixar a criança só por mais tempo do que ela seja capaz de guardar a imagem da mãe dentro de si.

Entende-se por presença viva da mãe o oferecimento de seu corpo ao bebê, a sua disponibilidade de estar com ele, a sua presença física e emocional, a fim de que se crie um ambiente emocional necessário para o seu desenvolvimento nos primórdios da vida.

A vivacidade da mãe também é demonstrada pelo prazer com que realiza suas tarefas em relação ao bebê e especialmente quando é capaz de se colocar no lugar da criança e se identificar com suas necessidades (WINNICOTT, 1964/2013a).

### 3.1.9 “AGORA ESTÃO COM CINCO ANOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*O bebê parte de um controle mágico do meio ambiente – se lhe forem dispensados bons cuidados – e cria o mundo de novo, incluindo a mãe e a maçaneta da porta. Aos cinco anos de idade, a criança passou a ser capaz de perceber a mãe como ela é, a reconhecer um mundo de maçanetas de portas e outros objetos que existiam antes de sua concepção, e a admitir o fato da dependência justamente na época em que está ficando verdadeiramente independente. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 135)*

A experiência da maternagem suficientemente boa permite ao bebê, aos poucos, seguir seu desenvolvimento, partindo de uma dependência absoluta, passando pela dependência relativa, rumo à independência. Nessa interação mãe-bebê, quando os cuidados são adequados às necessidades do bebê, o bebê encontra o que procura e, dessa forma, sente que criou o mundo.

### 3.1.10 “CARTAS DAS MINHAS OUVINTES” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

*o mais importante é proporcionar as condições certas para o desenvolvimento dos processos naturais. (WINNICOTT, [1952-1987]/2020, p. 143)*

As condições certas para o desenvolvimento do bebê ou da criança eram definidas como aquelas que se adaptavam às suas necessidades básicas individuais. Essa adaptação é bem-sucedida quando a dependência é total do bebê em relação à mãe (WINNICOTT, 1988/1990).

Winnicott ressalta que a mãe é a pessoa certa para atender adequadamente às necessidades do bebê porque ela é capaz de amar verdadeiramente o bebê, sem ressentimentos. A mãe é que tem condições de cuidar do bebê de forma simples, constante e espontânea. A mãe é a que pode amar fisicamente o bebê, ao ter uma experiência corporal com ele.

## 3.2 SUSTENTAÇÃO/SEGURANÇA

A sustentação consiste no ato de a mãe segurar o bebê em seus braços, oferecendo-lhe segurança e viabilizando o processo de integração. Os cuidados suficientemente bons permitem que o bebê possa vir a se tornar uma pessoa, uma unidade, um *eu sou*. Essa integração só é possível se o bebê é amado por seu cuidador que, nessa fase da vida, se traduz em cuidados físicos, em ter as necessidades atendidas satisfatoriamente (WINNICOTT, [1955-1984]/2012).

### 3.2.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*é a segurança real propiciada pelo lar que libera a criança para brincar e desfrutar de outras maneiras de sua habilidade para enriquecer o mundo saído de sua própria cabeça.*

*[...] por mais simples que seja o lar de uma criança, valerá para ela mais do que qualquer outro lugar.*

*[...] Os pais terão que ser capazes de mostrar força e firmeza em suas atitudes para com os filhos, e também compreensão e amor. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], pp. 55-58)*

Nessas três citações, podemos notar que são os pais que garantem a segurança do lar à criança e que permitem que ela explore o mundo por meio da brincadeira. Para a criança, o que é importa é o sentimento de segurança que o lar proporciona, inde-

pendentemente da simplicidade que possui. Os pais têm de ser firmes em suas atitudes com a criança, demonstrando compreensão e amor (WINNICOTT, [1955-1984]/2012).

### 3.2.2 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Falam-me sobre toda a espécie de objetos que foram adotados pelo bebê, que se tornaram importantes, que são chupados ou abraçados, e que reconfortam o bebê nos momentos de solidão e insegurança, proporcionam consolo, ou atuam como um sedativo.*

*[...] esse primeiro objeto é estabelecido como parte integrante do conteúdo do berço ou do carrinho do bebê. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999, p. 20)*

Esse objeto que confere segurança e conforto ao bebê é o objeto transicional, que é simultaneamente uma criação sua e parte da realidade externa. É esse objeto que permite o contato da psique do indivíduo com a realidade externa (WINNICOTT, [1955-1984]/2012).

### 3.2.3 “DIZER ‘NÃO’ – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Acho que você deve decidir simplesmente quando dizer “não” e manter-se firme. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 30)*

*pais parece-me que eles aparecem pela primeira vez no horizonte do bebê como aquele aspecto inflexível na mãe que a habilita a dizer “não” e a sustentar a negativa com firmeza. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 47)*

Winnicott recomenda às mães que, quando disserem “não” aos filhos, se mantenham firmes nessa decisão, a fim de demonstrar segurança.

Os pais surgem para o bebê como a figura que facilita o dizer não da mãe, apoiando-a com firmeza.

### 3.2.4 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Só poderemos tornar uma criança capaz de brincar se a protegemos, tolerarmos e esperarmos, e por centenas de coisas que fazemos sem pensar que assim estamos facilitando o desenvolvimento da criança. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 68)*

Se os pais têm condições de proteger, tolerar e esperar, podem auxiliar uma criança a se desenvolver e ser capaz de brincar.

### 3.2.5 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Contudo, as histórias continuarão sendo repetidas, e fielmente repetidas, e as crianças continuarão precisando desses territórios limitados que conhecem em detalhe e nos quais não há surpresas. É essa certeza de que não haverá surpresas que propicia e facilita o repouso, e prepara o caminho para deslizar para o sono. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, pp. 94-95)*

Quando a criança mora em um ambiente tranquilo, que não lhe surpreende, e pode contar com uma rotina e repetições, isso facilita o repouso e favorece o sono. A criança pode dormir tranquilamente porque se sente segura.

*Existe um limite, e o tempo todo, à medida que cada criança cresce, o limite vai ficando cada vez mais claramente definido para as exigências que um filho pequeno tem o direito de fazer à mãe. E quem fixará esse limite? Em certa medida, a mãe acha que pode gradualmente defender-se. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 99)*

Conforme as crianças vão crescendo, os limites vão mudando e ficam mais definidos, e é a mãe quem os impõe.

### 3.2.6 “SEGURANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Sempre que se tenta enunciar as necessidades básicas de bebês e crianças pequenas, ouvimos as palavras “o que as crianças precisam é de segurança”.*

*[...] É certamente um sinal de crescimento saudável quando as crianças começam a ser capazes de desfrutar a liberdade que lhes pode ser dada de forma crescente. Qual é o nosso objetivo ao criarmos os filhos? Esperamos que cada criança adquira gradualmente sentimento de segurança. Deve existir no íntimo de cada criança uma crença em algo; não só algo que é bom mas algo que é confiável e duradouro, ou que se recupera depois de ter sido magoado ou de se ter consentido que percesse. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999), pp. 101-102)*

O objetivo dos pais é criar os filhos e transmitir-lhes o sentimento de segurança.

*Quando oferecemos segurança, estamos fazendo duas coisas ao mesmo tempo. Por um lado, em virtude da nossa ajuda, a criança está a salvo do inesperado, das inúmeras intrusões indesejáveis e de um mundo que ainda não é conhecido ou entendido. E também, por outro lado, a criança é protegida por nós de seus próprios impulsos e dos efeitos que esses impulsos poderiam produzir. Seria quase desnecessário lembrar-lhes que as crianças muito pequenas precisam de total assistência e não podem progredir por iniciativa própria. Têm de ser seguras, transportadas, lavadas, alimentadas, mantidas na temperatura certa e protegidas de correntes de ar e de pancadas. Precisam que seus impulsos sejam satisfeitos e que orientemos sua espontaneidade. Não há muitas dificuldades nesse estágio inicial porque, na maioria dos casos, cada bebê tem uma mãe e, durante esse período, a mãe preocupa-se quase exclusivamente com as necessidades de seu bebê. Nesse estágio, a criança está segura. Quando a mãe é bem-sucedida em tudo o que faz no começo, o resultado é uma criança cujas dificuldades realmente não decorrem das interferências do mundo, mas da vida e do conflito que acompanha os sentimentos vitais. Portanto, em circunstâncias sumamente satisfatórias, na segurança suficientemente boa dos cuidados dispensados à criança, esta começa a viver uma vida pessoal e individual. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 104)*

Com a segurança, os pais transmitem confiabilidade, orientam a espontaneidade da criança e a auxiliam a viver uma vida pessoal e individual.

*boas condições nos estágios iniciais da vida levam ao surgimento de um sentimento de segurança, e o sentimento de segurança leva ao autocontrole, e quando o autocontrole é um fato então a segurança que é imposta é um insulto. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 107)*

O sentimento de segurança conduz ao autocontrole e, portanto, à autoconfiança. Em caso de haver a tentativa de um outro pretender controlar o indivíduo autoconfiante, esse controle será entendido como insulto.

### 3.2.7 “CONHECENDO SEU BEBÊ” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

*Talvez você queira saber o que dá origem ao processo que, um dia, levará o bebê a sentir que é uma pessoa completa e que você é igualmente uma pessoa completa. Isso acontece ao longo do tempo, por meio da repetição das experiências comuns da rotina do bebê. É por esse motivo que as mães estabelecem uma rotina ordenada e se mantêm fiéis a ela. Em pouco tempo, surge uma sequência de alimentação, banho, troca de fralda e sono, que é a base da vida de um recém-nascido. As mães se esforçam ao máximo para garantir que nenhuma complicação bagunce todas as coisas. Se em duas ocasiões uma porta bater bem na hora em que o bebê estiver se virando para buscar o mamilo, ele concluirá naturalmente que buscar-aquilo-que-quer causa dor no ouvido e, assim, deixará de mamar. E é por isso que você fecha a porta com cuidado e procura muitas maneiras de criar uma atmosfera calma e controlada nas primeiras vezes em que vai amamentar. Apenas diante da monotonia desse cenário você consegue acrescentar doses diárias de riqueza pessoal de modo seguro e útil. (WINNICOTT, [1945-1987]/2020, pp. 137-138)*

Não é à toa que um recém-nascido tem uma rotina de cuidados tão definida e com horários tão marcados. Isso está a serviço da segurança oferecida pela mãe ao bebê.

## 3.3 CONFIABILIDADE

Os pais se mostram confiáveis aos filhos ao se disponibilizarem e se identificarem com as suas necessidades. Essa confiabilidade é construída a partir do que os filhos esperam de seus pais (WINNICOTT, 1965/2011e).

A confiabilidade se caracteriza pela previsibilidade dos pais em oferecer uma continuidade do ambiente humano para que as experiências de dependência dos filhos possam ser vividas. A mãe evita que algo inesperado desestabilize o bebê, garantindo comportamentos regulares, constantes e consistentes.

Quando a mãe proporciona ao bebê condições que satisfazem suas necessidades, permitindo uma continuidade de ser, viabiliza, também, situações de não integração ou relaxamento, visto que o bebê confia no modo como é segurado (DIAS, 2014).

Em uma relação confiável, a mãe proporciona ao bebê a experiência de criar aquilo que encontra, ou seja, o bebê encontra/cria a necessidade exatamente no tempo em que precisa. Além disso, uma mãe confiável facilita a possibilidade de retorno do filho, que é uma necessidade para toda a vida. Independentemente da idade cronológica, há situações em que o indivíduo necessita retornar à dependência e experienciar imaturidades, e isso é sinal de saúde (DIAS, 2014).

### 3.3.1 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*a criança que perdeu o pai ou a mãe não pode ser tratada como se isso não tivesse acontecido e é frequentemente preferível que a madrasta ou o padrasto permitam ser chamados por um outro nome a fim de que a criança possa conservar “mamãe” ou “papai” para referir-se a quem morreu. A ideia da mãe ou pai que se perdeu pode manter-se viva e a criança ser consideravelmente ajudada pela atitude que torna isso possível. Também foi sublinhado que a criança de quem se passou a tomar conta pode estar perturbada; e neste caso especial de uma criança que não era amada, o menino tinha passado um período com a avó antes de ir viver com a madrasta, pelo que sofreu uma dupla privação e era passível, por conseguinte, de sentir-se desamparado a respeito do relacionamento e da confiabilidade humanos. Se uma criança se sente assim desamparada, não pode correr o risco de iniciar novos vínculos e defende-se contra os sentimentos profundos e contra as novas dependências. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999], pp. 13-14)*

A confiabilidade na mãe é tão importante que, caso isso não aconteça, a criança se sente desamparada, dificultando a formação de outros vínculos e defendendo-se de sentimentos profundos e novas dependências.

### 3.3.2 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*a criança está presente como pessoa e, além disso, confiante no relacionamento com a mãe. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999, p. 23)*

Por meio da observação de bebês, foi possível aprender que o bebê não é apenas um corpo, mas uma pessoa (WINNICOTT, 1949/2013), considerando a sua capacidade elaborativa por meio das brincadeiras. A mãe, desde o início, é capaz de ver a pessoa no bebê, interagindo com ele de forma lúdica.

### 3.3.3 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*no começo, a mãe, em breve ambos os pais, passam a incumbir-se da tarefa de impedir que coisas inesperadas aconteçam. [...] O bebê sente-se seguro e absorve a confiança da mãe em si mesma, como se estivesse ingerindo leite. Durante todo esse tempo os pais estão dizendo “não”, estão dizendo “não” ao mundo, dizem “não”, não se aproxime, fique fora do nosso círculo; no nosso círculo está a coisa que é objeto do nosso desvelo e não permitimos que nada ultrapasse essa barreira. Se um dos pais fica assustado, então algo cruzou a barreira e faz mal à criança, tanto quanto se um ruído terrível a tivesse penetrado e provocado no bebê uma sensação insuportável. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 44)*

Ao proteger os filhos de imprevistos, os pais transmitem confiança e segurança. O bebê absorve a autoconfiança da mãe. Caso os pais permitam que algo perturbe a criança, a confiança ficará abalada.

### 3.3.4 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Quando pensamos em tudo o que ocorre na criança pequena enquanto os dias e as semanas passam, podemos facilmente ver por que há a necessidade de um ambiente confiável, e isso é justamente o que, melhor do que ninguém, você pode dar ao seu filho. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999a, p. 62)*

Winnicott destaca que o melhor que os pais podem oferecer aos seus filhos é um ambiente confiável. Tudo o mais resultará dessa relação de (des)confiança.

*Fiz questão de dizer o tempo todo que esses desenvolvimentos no bebê e na criança pequena não podem ocorrer de forma satisfatória sem algo que você pode fornecer, o relacionamento estimulante em que a criança encontra uma espécie importante de confiabilidade, aquela que depende de você ser o que você é. A par dessa coisa geral que você fornece, há certas coisas que você faz que são suscetíveis de alterar profundamente uma situação. Por exemplo, ajudar o filho a predizer o que vai acontecer. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 69)*

Ser confiável implica ser o que se é, ser espontâneo, ser verdadeiro com o filho.

*embora os principais desenvolvimentos que estão ocorrendo na criança sejam possibilitados porque ela confia em você, também há muitas coisas que você pode fazer para enfrentar momentos especiais de tensão. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 72)*

### 3.3.5 “O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE CERTO E ERRADO DE UMA CRIANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*o sentimento de bom e mau, como tantas outras coisas, ocorre naturalmente em toda criança, desde que certas condições de cuidado ambiental possam ser consideradas ponto pacífico. Essas condições essenciais não podem ser descritas em poucas palavras, mas consistem principalmente nisto: o meio ambiente deve ser previsível e, no começo, altamente adaptado às necessidades do bebê. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 121)*

O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança está intimamente ligado a um ambiente previsível, confiável, consistente e estável.

*vocês dão aos bebês algo duro, não é verdade? Algo que tem um bom valor de sobrevivência, como uma argola de osso ou com guizos. Porque vocês sabem que é um conforto para o bebê poder morder até o fim alguma coisa. Desse modo, o bebê tem uma oportunidade de desenvolver o uso da fantasia simultaneamente com a ação impulsiva real e esse importante passo resulta da atitude consistente e da confiabilidade geral da mãe. Também essa idoneidade do meio ambiente proporciona as condições adequadas nas quais pode ter lugar o movimento seguinte no rumo ao desenvolvimento. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 123)*

O fato de a mãe proporcionar ao bebê algo que possa morder até o fim favorece a confiabilidade.

### 3.3.6 “AGORA ESTÃO COM CINCO ANOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*O cercado foi fornecido pelo pai e pela mãe, pela família, pela casa e o pátio, e pelas visitas, ruídos e cheiros familiares. Também pertence ao seu próprio estágio de imaturidade e à sua confiança na confiabilidade dos pais, e à natureza subjetiva do mundo infantil. O cercado foi um desenvolvimento natural dos braços maternos que o envolveram quando era um bebê. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 129)*

Ao longo da vida e do desenvolvimento emocional do indivíduo, a confiança na mãe vai se estendendo também para o pai, para a família e para a casa, de acordo com os cuidados recebidos. Essa confiança estendida a outras pessoas e coisas familiares depende do estágio de imaturidade do bebê, da sua subjetividade e do grau de confiança na confiabilidade dos pais.

### 3.3.7 “ESPERANDO PELA CHEGADA DO BEBÊ” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

*O cuidado habilidoso com o corpo não é suficiente! Eu diria que, nesse momento, todas as mulheres precisam de um médico que possam conhecer e em quem possam confiar, um médico que demonstre interesse pessoal nela e no aguardo do bebê. A mãe deve confiar tanto em seu médico a ponto de saber que, mesmo quando estiver inconsciente, ele não negligenciará seu caso. Isso também vale para as enfermeiras. Obviamente, o melhor seria que o mesmo médico a acompanhasse durante toda a gestação e que a mesma enfermeira estivesse com você antes e depois do parto. (WINNICOTT, [1945-1987]/2020b, pp. 131-132)*

Nesse trecho, Winnicott se refere ao momento do parto e defende que a mãe deve confiar em seu médico e nas enfermeiras, ainda quando estivesse inconsciente. E acrescenta que seria recomendável que o mesmo médico e a mesma enfermeira acompanhassem o pré-natal da gestante e o puerpério da mãe. Por ser um momento de fragilidade da mãe, é muito importante que a confiança nos profissionais da saúde esteja presente desde o início da gestação até o pós-parto.

### 3.4 DEPENDÊNCIA

Winnicott descreve três estágios progressivos de dependência no desenvolvimento emocional do indivíduo: a dependência absoluta, a dependência relativa e rumo à independência. O indivíduo possui uma tendência inata ao amadurecimento, porém nunca atinge a independência total.

Nos estados iniciais, o bebê tem uma dependência absoluta da mãe, pois ele não existe sem a provisão ambiental, os cuidados maternos: o bebê é parte da mãe. Nessa fase, o bebê ainda não é uma unidade. A dependência absoluta se define como a dependência que o bebê tem em relação à mãe para poder ser. A mãe também depende do bebê para poder ser mãe. Assim, a dependência entre ambos é recíproca.

Com o decorrer do desenvolvimento e a incorporação dos cuidados maternos pelo bebê, o ambiente mãe começa a se transformar em algo separado dele. Nesse período, a mãe também se encontra em estado de dependência, necessitando de cuidados do parceiro, da família e da rede de apoio.

Conforme o bebê vai crescendo, o grau de dependência da mãe se modifica, tornando-se menor. Nesse momento, a mãe pode realizar a desadaptação do bebê e incluir substitutos de seus cuidados para atender às necessidades do bebê. Aos poucos, o pai, a família, a escola e os grupos sociais vão ocupando o lugar de cuidadores do bebê. Se os cuidados maternos forem suficientemente bons, o bebê conquista a integração, o estado de unidade. É a fase de dependência relativa.

A partir daí, o processo de amadurecimento do indivíduo continua em direção à independência.

*O adulto maduro é capaz de objetividade, sem perder o contato com o mundo imaginativo pessoal. Ele faz concessões à sociedade por meio de um falso si mesmo instrumental sem perder o fio que liga a si mesmo, isto é, sem perda da espontaneidade e da criatividade originárias. (DIAS, 2014, p. 275)*

Com a conquista do estágio do *eu sou*, o bebê estabelece uma base em que a vida vale a pena ser vivida. Espera-se que os pais sejam adultos, maduros e com relativa independência e maturidade para poder cuidar de seus filhos.

#### 3.4.1 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*havia dependência absoluta no início e quando a criança começa a ser capaz de compreender isso desenvolve-se também um medo da mãe primitiva, detentora de poderes mágicos para o bem e para o mal. Como é difícil para cada um de nós ver que esse onipotente agente primevo era a nossa própria*

*mãe, alguém que passamos a conhecer como um ser humano adorável, mas de modo nenhum perfeito ou inteiramente confiável. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999, p. 12)*

Winnicott chama a atenção para a dificuldade que todos nós temos de compreender a nossa própria mãe, que é tão onipotente no início da vida, como um ser humano imperfeito e, conseqüentemente, que pode falhar na confiabilidade que oferece.

### 3.4.2 “AGORA ESTÃO COM CINCO ANOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Pode ter chegado a reconhecer um padrão na relutância dele em dar novos passos ou explorar o desconhecido. Em cada um desses estágios, estava ameaçada de perder a dependência de seu filho de você. Estava no processo de adquirir um filho com independência e um ponto de vista pessoal sobre a vida, e embora você pudesse entender as vantagens disso não conseguia fazer a necessária liberação de sentimentos. Existe uma relação muito estreita entre o estado de espírito vagamente depressivo – essa preocupação com ansiedades indefinidas – e a capacidade de uma mulher para dar toda a sua atenção a um filho pequeno. Não posso realmente falar de uma coisa sem fazer referência à outra. A maioria das mulheres vive, suponho eu, numa área limítrofe. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 134)*

O autor comenta que as mães oscilam entre um estado depressivo e a capacidade de estarem disponíveis para os seus filhos. Muito embora as mães almejem a independência de seus filhos, inconscientemente apresentam dificuldades em perder a dependência dos filhos. Essas duas situações podem afetar a confiabilidade que os filhos têm na mãe.

## 3.5 SOBREVIVÊNCIA

A sobrevivência das mães pode ser descrita pela capacidade de sentir ódio contra o filho sem manifestá-lo. Sobreviver é conseguir tolerar o ódio quando for agredida pelos filhos por tê-los frustrado ou falhado; é dar estabilidade aos filhos, não expondo-os aos próprios impulsos; é não retaliar e continuar sendo a mesma pessoa confiável. A partir do momento em que a mãe sobrevive, é possível o amadurecimento do indivíduo e a separação entre fato e fantasia. A criança se sente segura, pois a pessoa amada, no caso a mãe, pode se defender do ódio e perdoar (DIAS, 2014).

### 3.5.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*Já mencionei a necessidade de dar férias ao autocontrole. Poderei dizer que, para que uma criança possa descobrir a parte mais profunda de sua natureza, alguém terá que ser desafiado e até, por vezes, detestado; e quem, senão os próprios pais, poderá ser detestado sem haver o perigo de um rompimento completo do relacionamento? (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 57)*

Ser capaz de ser desafiado e detestado sem ameaça de desfazer o relacionamento é um exemplo de sobrevivência esperado pelos pais.

### 3.5.2 “MADRASTAS E PADRASTOS” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*as crianças poderão detestar suas mães. Essa ideia de odiar a mãe é muito difícil de ser aceita por todos e alguns que estão ouvindo não gostarão de escutar as palavras de ódio e mãe postas na mesma frase. Entretanto, isso é inevitável; as mães, se realizam sua tarefa de modo apropriado, são as representantes do mundo duro, exigente, e são elas que introduzem gradualmente a realidade, a qual é tão frequentemente inimiga do impulso. Existe raiva em relação à mãe e o ódio está sempre presente, mesmo quando não há a menor dúvida quanto a um amor misturado com adoração. (WINNICOTT, [1955-1993]/1999, p. 11)*

Há aqui a revelação da idealização da maternidade, quando o autor menciona “alguns que estão ouvindo não gostarão de escutar as palavras de ódio e mãe postas na mesma frase” (WINNICOTT, [1955-1993]/1999, p. 11), como se a relação mãe-filho não tivesse ambivalências. O autor destaca que é inevitável sentir ódio e que uma mãe suficientemente boa é destinatária do ódio do filho, na medida em que é ela que introduz os primeiros dados de realidade para o filho.

### 3.5.3 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*cada criança “invade” a mãe e reclama tudo o que aí houver, e quero acrescentar agora que, se aí encontrar qualquer coisa, a criança usa-a, e usa-a até esgotá-la. Não é dado quartel, não há misericórdia nem meias medidas. A mãe é tratada com rudeza. Sua fonte de energia é alcançada e aberta, e*

*com enfadonha repetição exaurida. Seu principal trabalho é a sobrevivência. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 94)*

As crianças costumam demandar muito das mães, usando-as para atender suas necessidades específicas. E isso normalmente ocorre com a exploração de todos os recursos que a mãe possui até atingir a exaustão. Nessas situações, a função da mãe é sobreviver.

### 3.5.4 “SEGURANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*A mãe, após o período inicial de proteção, deixa gradualmente entrar o mundo, e a criança individual aproveita agora toda e qualquer nova oportunidade de livre expressão e de ação impulsiva. Essa guerra contra a segurança e o controle prossegue durante toda a infância; no entanto, o controle continua sendo necessário. Os pais continuam a postos com uma estrutura disciplinar, com as muralhas de pedra e as barras de ferro, mas na medida em que sabem como cada criança é e na medida em que estão interessados na evolução de seus filhos como pessoas veem com bons olhos o desafio. Continuam funcionando como guardiões da paz, mas esperam a indisciplina, uma certa anarquia e até revolução. Felizmente, na maioria dos casos, o conforto é obtido para as crianças e para os pais através da vida de imaginação e da atividade lúdica, e mediante as experiências culturais. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 105)*

Durante a infância, os pais costumam exercer certo controle em relação aos filhos com o intuito de protegê-los dos perigos do mundo e de sua própria agressividade. Os pais, quando interessados no bom desenvolvimento dos filhos, encaram as dificuldades que surgem como desafios. No decorrer da vida, os pais continuam sendo os apaziguadores, que, por meio de brincadeiras e experiências culturais sobrevivem aos conflitos dos filhos.

*As crianças saudáveis necessitam de pessoas que continuem exercendo o controle, mas as disciplinas devem ser proporcionadas por pessoas que possam ser amadas e odiadas, desafiadas ou de que se dependa; os controles mecânicos são inúteis e tampouco o medo pode ser um bom motivo para a obediência. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, pp. 106-107)*

A sobrevivência dos pais também acontece pelo controle que exercem sobre os filhos, em relação aos quais podem ser dependentes. Não há efeitos se o controle exercido pelos pais for metódico e artificial, pois o medo não pode ser o fundamento para a obediência aos pais.

### 3.5.5 “O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE CERTO E ERRADO DE UMA CRIANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*o mundo infantil seria um lugar aterrador, se não fosse o papel protetor da mãe que, de um modo geral, encobre esses medos enormes que pertencem à experiência inicial de vida do bebê. A mãe (e não estou esquecendo o pai) altera a qualidade dos medos da criança pequena por ser um ser humano. Ela é aos poucos reconhecida por ele como um ser humano. Assim, em vez de um mundo de retaliações mágicas, a criança adquire uma mãe que compreende e que reage aos impulsos da criança. Mas a mãe pode ser magoada ou ficar zangada. Quando digo as coisas deste modo, vocês podem perceber imediatamente que faz uma imensa diferença para a criança se as forças retaliatórias foram humanizadas. Em primeiro lugar, a mãe conhece a diferença entre destruição total e a intenção de destruir. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 122)*

Como é importante ter pais protetores e sobreviventes desde o início de vida do bebê! Pais com essas qualidades são capazes de amenizar os medos de uma criança. Tanto a mãe como o pai sabem discernir quando a criança tem o desejo inconsciente de destruir o objeto como quando a criança pretende destruir totalmente o objeto em sua concretude.

*Mas as mães sobrevivem e os bebês têm uma oportunidade de consolidar sua segurança através da sobrevivência materna. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 123)*

### 3.6 REPARAÇÃO DOS DANOS

Para que alguém consiga reparar algo, antes se faz necessário que possa ser um eu, ter alcançado o estágio do concernimento e a capacidade de sentir culpa. A mãe pode facilitar a reparação de danos quando reconhece e comunica à criança que foi machucada ou ferida. Ela demonstra para o filho que está viva, que sente e se defende, po-

rém, sem revidar. Quando essa dinâmica se repete por diversas vezes, a mãe oferece à criança a oportunidade de acreditar na possibilidade de reparação, de suportar a culpa e estar livre para amar (DIAS, 2014).

Quando o indivíduo conquista o estágio do *eu sou*, é capaz de ter sentimentos ambivalentes pela mãe, e a única saída para essa situação é “tornar-se preocupado pelos danos causados e, com a ajuda da mãe [...], assumir a responsabilidade pelos resultados danosos” (LOPARIC, 2013, p. 27).

Portanto, é atribuição da mãe favorecer a reparação de danos feita pelo filho pela sua postura de sobrevivência aos ataques recebidos e à continuidade dos cuidados suficientemente bons.

### 3.6.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*No regresso da criança, aqueles que conseguiram manter um lar coeso durante esses anos de amarga separação podem agora começar, como pai e mãe, a reparar o dano causado ao desenvolvimento de seus filhos pela falta de continuidade em sua criação. Os pais assumiram juntos a responsabilidade pela vinda dos filhos ao mundo, e acredito que estejam ansiosos por assumir juntos, uma vez mais, essa responsabilidade, mas desta vez para torná-los capazes de se desenvolverem como cidadãos. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012, p. 57)*

Winnicott recomendava aos pais das crianças evacuadas durante a Segunda Guerra que reparassem o dano causado aos filhos devido a separação abrupta e falta de continuidade dos cuidados parentais. Advertia-os que eram responsáveis por seus filhos e que naquele momento tinham a tarefa de torná-los bons cidadãos.

## 3.7 RESPONSABILIDADE

### 3.7.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*Não é apenas o alimento ou o teto que conta, e nem mesmo o lazer proporcionado, embora essas coisas sejam, sem dúvida, bastante importantes. Mas mesmo que sejam fornecidas em abundância, o essencial estará faltando se os próprios pais, ou os pais adotivos, ou os guardiões da criança não forem pessoas que assumam a responsabilidade pelo seu desenvolvimento. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012, p. 57)*

Uma das funções mais importantes dos pais ou de qualquer cuidador que seja responsável pela criança é a responsabilidade pelos filhos. Muitas coisas podem faltar nos pais ou num lar, porém, se os pais não assumirem a responsabilidade por seus filhos, isso é um fracasso na relação parental.

### 3.7.2 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*É responsabilidade da mãe que uma criança não fique perambulando pela cozinha, e isso é tudo. Quer dizer, isso só pode ser responsabilidade nossa. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 32)*

*Em primeiro lugar, você é absolutamente responsável o tempo todo. (p. 34)*

*Primeiro temos aquela fase em que você assume plena responsabilidade, de modo que, se algo de desagradável acontece, você se recrimina, e essa fase só se torna obsoleta muito lentamente. (p. 35)*

*Em primeiro lugar, disse eu, você é envolvida num processo em que é, de fato, totalmente responsável pela proteção do bebê.*

*[...] a mãe é plenamente responsável. Você estará apta a dizer, depois de alguns meses, que nunca, nem uma única vez, deixou de atender aos chamados do seu bebê, embora tivesse de ser, é claro, uma pessoa frustradora o tempo todo, porque não podia, e ninguém poderia, satisfazer todas as necessidades do bebê – uma tarefa que a mãe não tem de realizar. (p. 37)*

*Quero repetir, porém, que nada absolve a mãe de bebês e crianças pequenas de sua tarefa de eterna vigilância. (p. 40)*

*Você assume plena responsabilidade, uma responsabilidade que vai diminuindo mas só termina quando o filho atingiu a idade adulta, quer dizer, quando acabou a necessidade dos controles que a família fornece. (p. 43)*

*Dessa primeira etapa, na qual os pais se supõem responsáveis, resulta o sentimento de responsabilidade parental – aquilo que distingue os pais dos filhos. (p. 45)*

Aqui há uma sequência de situações em que os pais devem ser responsáveis pelos seus filhos: a) quando uma criança está na cozinha e pode se machucar com algo; b) os pais são responsáveis o tempo todo, sem pausa; c) os pais assumem a responsabilidade pelas coisas erradas que os filhos fazem quando são pequenos, e isso vai diminuindo com o passar do tempo; d) são totalmente responsáveis pela proteção do bebê;

e) são responsáveis pelas frustrações aos seus filhos; f) são responsáveis pela eterna vigilância dos filhos; são responsáveis pelo filho até sua vida adulta; g) há um sentimento de responsabilidade parental que distingue os pais dos filhos, que demarca as gerações.

### 3.7.3 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Você e o pai da criança compartilham a sua responsabilidade de todas as maneiras possíveis. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 72)*

O pai e a mãe têm corresponsabilidade em relação à criança.

### 3.7.4 “SENTIMENTO DE CULPA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Parece-me que o que você está dizendo é que é realmente necessário para as pessoas duvidarem de si mesmas a fim de se sentirem plenamente responsáveis. (WINNICOTT, [1961-1993]/1999, p. 117)*

Winnicott acreditava que o sentimento de culpa das mães é o que as fazia duvidar da própria maternagem e, dessa forma, assumir a responsabilidade pelos cuidados da criança. Caso não sentissem culpa, talvez não despertassem para o senso de responsabilidade de seus filhos.

## 3.8 HUMANIDADE/FALIBILIDADE

A humanidade dos pais é demonstrada quando estes podem ser eles mesmos, espontâneos, e assumem os erros que cometem. Além disso, apresentam sua humanidade quando são capazes de aceitar que podem falhar com seus filhos e que também têm as suas vulnerabilidades.

Winnicott acreditava que o cuidado era exercido por pessoas imperfeitas, tanto os pais como analistas e médicos. Ele reconhecia as limitações humanas e sabia que só se podia esperar perfeição das máquinas.

*não há crescimento emocional, no entanto, a não ser em relação à provisão ambiental, que precisa ser satisfatória. Pode-se notar que a palavra “perfeito” não entra nessa frase. A perfeição pertence às máquinas, e as imperfeições próprias da adaptação humana às necessidades constituem uma característica essencial do meio ambiente facilitador. (WINNICOTT, 1986/2011, p. 146)*

### 3.8.1 “CIÚME” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Na criação de filhos, não se ganha muito em querer visar a perfeição. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 73)*

Winnicott advertia os pais para não almejem a perfeição na criação de filhos, o que, de certo modo, contribuía para a desidealização da relação parental.

### 3.8.2 “CARTAS DAS MINHAS OUVINTES” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

*Uma gestante que está prestes a dar à luz, sobretudo quando se trata do primeiro filho, precisa muito de médicos e enfermeiras em quem confie, e seria melhor confiar em pessoas no aqui e agora (pessoas que, é claro, são humanas e imperfeitas). (WINNICOTT, [1952-1987]/2020, p. 145)*

O autor reforça a necessidade dos pacientes, das mães, nesse caso as gestantes, de confiarem nos médicos e nas enfermeiras quando estão próximas ao parto, por ser um momento tão delicado, porém, considerando a humanidade e falibilidade desses profissionais.

## 3.9 VERDADE

Faz parte da ética do cuidado os pais serem honestos com os filhos e comunicarem a verdade, sem dissimulações e ambiguidades. Além de criar uma relação de confiança e segurança, a atitude verdadeira e espontânea dos pais interfere na forma como os filhos vão lidar com a realidade. Nessa linha,

*enquanto estamos vivos, cada um de nós sente que o contato imediato com a realidade é uma questão vital, e lidamos com ela de acordo com o modo como a realidade nos foi apresentada no início. (WINNICOTT, [1948-1958]/2000], p. 250)*

### 3.9.1 “O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE CERTO E ERRADO DE UMA CRIANÇA” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Só o que é real e verdadeiro conta para a criança. (WINNICOTT, [1962-1993]/1999, p. 125)*

Apenas o que a criança cria e encontra é real para si e, nesse sentido, é verdadeiro para ela.

### 3.10 MORALISMOS

A mãe e os demais cuidadores não julgam as atitudes dos filhos, nem os rotulam com adjetivos críticos, tampouco aplicam um conjunto de normas a serem seguidas. A mãe cuidadosa conhece a singularidade de seus filhos, suas fragilidades e habilidades. Desse modo, é capaz de atender às necessidades específicas de cada filho, sem impor o próprio ponto de vista. A mãe não moralista respeita o tempo e o modo de pensar dos filhos.

#### 3.10.1 “O QUE SABEMOS A RESPEITO DE BEBÊS QUE CHUPAM PANO?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*devemos, em primeiro lugar, livrar-nos da ideia de que existe um certo e um errado. (WINNICOTT, [1956-1993]/1999, p. 19)*

Não existe um certo e um errado quando falamos de bebês, porque não existem dois bebês iguais. A necessidade de um bebê não é a mesma do outro bebê e, ao considerarmos essa ideia, temos que nos cuidados com os filhos não cabem julgamentos e moralismos.

#### 3.10.2 “DIZER ‘NÃO’” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Você não está tentando lidar com o certo e o errado do ponto de vista moral, está simplesmente levando ao conhecimento do bebê os perigos dos quais o está protegendo. Acho que os “nãos!” maternos se baseiam na ideia de perigos concretos. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 34)*

Quando a mãe frustra o bebê em alguma necessidade, está protegendo-o de perigos da realidade externa. Isso não pode ser confundido com a determinação de certo e errado.

### 3.10.3 “O QUE IRRITA?” – CONVERSANDO COM OS PAIS

*Não se trata de uma questão de fazer as coisas certas ou erradas. O que está errado é simplesmente a maneira como as coisas são, o que as faz parecer como se a maneira inversa fosse a coisa certa mas, é claro, não seria. Ou talvez não se dêem conta das muitas coisas que estão correndo bem, mas tudo o que corre mal, nem que seja em proporções insignificantes, vira um problema terrível que resulta em gritos e prantos. (WINNICOTT, [1960-1993]/1999, p. 80)*

Nessa passagem, Winnicott alerta os pais para observarem como não prestam atenção aos avanços no desenvolvimento emocional dos filhos, enfatizando apenas aquelas coisas que não correm bem. Essa atitude dos pais contém um julgamento, que não se harmoniza com a ética do cuidado.

### 3.10.4 “CONHECENDO SEU BEBÊ” – OS BEBÊS E SUAS MÃES

*Algumas pessoas dirão que você deve partir do princípio de que não existe nada mais sagrado que a limpeza, que você deve agir de acordo com certas regras e que deve obrigar o bebê a obedecer a elas. Saiba que essas pessoas não conhecem bebês; e certamente não conhecem seu filho, pois você é a única pessoa que teve a chance de conhecê-lo. Ele precisa de você como uma pessoa, não como um conjunto de regras e regulamentos. Algumas diretrizes ajudam, mas cada bebê precisa de alguém que o conheça bem e que esteja interessado em seu ponto de vista. Gradualmente, seu bebê também começará a se interessar pelo seu ponto de vista, entretanto a base para isso é você conhecê-lo e ser capaz de esperar por algo muito mais valioso que ordem e conformidade: o desenvolvimento gradual da capacidade do bebê se importar com o resultado de suas ações e pensamentos. (WINNICOTT, [1945-1987]/2020b, p. 141)*

A mãe é a pessoa que mais conhece o bebê, e por esse motivo é capaz de se interessar por seu mundo, por suas necessidades. Ao fazer isso, a mãe cria condições para que o bebê siga o seu desenvolvimento emocional, no seu tempo, até se tornar uma pessoa total. Essa postura materna não condiz com moralismos e julgamentos.

### 3.11 GRATIDÃO

Dias (2014) nos ensina que o analista não pode esperar gratidão de seus pacientes, pois se assim fosse, os pacientes não se sentiriam acolhidos em sua dependência. Em síntese, é muito doloroso ser dependente quando não se é mais um bebê. Assim também é com os pais, que não podem esperar a gratidão de seus filhos pela função que exercem.

Quando os cuidados parentais são satisfatórios, as crianças não agradecem nem fazem elogios aos pais, pois não têm conhecimento desse fato. Não há débito algum a ensinar a gratidão dos pais, contudo “ninguém deve coisa alguma, mas ninguém atinge a maturidade estável quando adulto se alguém não tivesse se encarregado dele ou dela nas etapas iniciais” (WINNICOTT, [1968-1986]/2011], p. 141). Para que o indivíduo conquiste a fase adulta, é preciso que alguém tenha estado por ele no início da vida.

#### 3.11.1 “DE NOVO EM CASA” – PRIVAÇÃO E DELINQUÊNCIA

*Haverá poucas recompensas imediatas. (WINNICOTT, [1945-1984]/2012], p. 57)*

Nesse texto, Winnicott se refere aos pais que receberam de volta seus filhos em casa após o término da Segunda Grande Guerra. Com o regresso, a vida dos pais mudaria bastante, com menos liberdade. No entanto, Winnicott incentivava os pais a acreditarem que sua vida seria mais rica e que os cuidados dispensados com os filhos trariam bons resultados futuramente. Não era o caso de esperar gratificações rápidas.

Conforme demonstrado neste capítulo, a ética do cuidado já estava presente em textos anteriores a 1970, ano em que Winnicott escreveu *A cura* (1970/2011). Isso revela o quanto a questão do cuidado é um ponto fundamental, que perpassa toda a sua obra.



## CAPÍTULO 4

# O GRUPO DE MÃES DO FACEBOOK

*Eu sustento com palavras o silêncio do meu abandono. (Barros, 2010, p. 459)*

No capítulo anterior, tratamos das palestras radiofônicas de Winnicott no pós-Segunda Guerra, destacando, em síntese, a ética do cuidado.

Neste capítulo, traremos alguns *posts* selecionados por temas do grupo de mães do Facebook e seus respectivos comentários, a fim de ilustrar a ética envolvida nesse grupo. A grafia do texto corresponde exatamente ao que consta no material encontrado na internet.

O grupo é composto, em sua maior parte, por mulheres-mães brasileiras com filhos de diversas idades. Para os fins deste trabalho, serão utilizados apenas os *posts* e comentários das mulheres-mães.

As **mídias digitais têm sido um espaço utilizado como diários** online para as mães que, movidas pela necessidade de ajuda, informação e compartilhamento falam de suas dúvidas e intimidades com outras mães desconhecidas.

Essa prática dos diários não é novidade, visto que desde o século XIX já existiam os diários íntimos, que era uma escrita burguesa de confissão **íntima e cotidiana da época. Muitos escritores** ficaram famosos com suas obras que possuíam uma escrita de si, como Montaigne, Goethe, Rousseau e Hoffmann (SIBILIA, 2003).

Todavia, ao compararmos os diários íntimos do século XIX aos diários online – a escrita de si nos blogs, nos grupos, nas redes sociais –, verificamos certas diferenças. O conteúdo dos diários online, ao ser postado na internet, tem grande visibilidade e

um vasto alcance público, ao passo que os diários íntimos permaneciam guardados em segredo e protegidos contra o olhar alheio.

Assim, Sibilia (2003) acredita que há uma interpenetração dos espaços público e privado e um declínio da interioridade psicológica na contemporaneidade. Os diários online têm como finalidade a construção e a espetacularização do eu, na medida em que o objetivo é ser visto.

Nessa linha, Sibilia (2009) ainda sustenta que nos tempos atuais o campo da intimidade transformou-se em material publicamente disponível e combustível que alimenta a voracidade consumista. Isso porque “o novo modelo é, antes de mais nada, um tipo subjetivo que deseja ser amado e desejado, que busca desesperadamente a aprovação alheia e, para obtê-la, tenta ter contatos e relações íntimas com os demais” (SIBILIA, 2009, p. 3). Daí a autopromoção do indivíduo ao expor sua vida privada e sua intimidade no ciberespaço.

Nesse sentido, o sujeito contemporâneo está acostumado a falar de si e de suas intimidades no espaço público da internet e, com muito mais razão, nos grupos com temas específicos, como os de maternidade. Ali, imagina encontrar pessoas com realidades parecidas com as suas, com as mesmas angústias e dúvidas.

Delimitando esse sujeito contemporâneo às mães, lembramos que Virginia Woolf (2019) afirmava que a mulher que pretende escrever ficção precisa ter um teto todo seu, ou seja, um espaço próprio para escrever, um espaço sagrado, sem que haja interrupções domésticas, conjugais ou familiares, sem interferências externas. Fazendo uma analogia a esse espaço sagrado woolfiano, o grupo de mães do Facebook pode ser considerado o teto de grande parte das mulheres-mães que o integram, que o utilizam como *holding* social na solidão da maternidade contemporânea.

Dentro desse contexto, apresentamos a seguir os temas e os *posts* selecionados da mídia digital mencionada para posterior discussão:

#### 4.1 SENTIMENTO DE CULPA

***Post:***<sup>1</sup>

Mãe 1 (04/05/2020) [Trabalhar fora]

*Bom dia,*

*Vim pedir conselhos e experiências de mães que escolheram parar de trabalhar para ficar com os filhos.*

*O sentimento de culpa aqui está me abatendo cada dia mais, me sinto distante do meu filho, fico das 6h às 18h longe.*

*Me contem a experiência de vcs.*

1 Acesso em: 25 maio 2021.

**Comentários:**

**Mãe 2:** *Oi, Mãe 1. Sou médica. Meu trabalho é parte muito importante da minha felicidade. Eu fiquei em casa até 10 meses, é, depois disso, senti falta de exercer minha profissão. Sei dos meus privilégios. Consigo arcar com os custos de uma babá maravilhosa enquanto eu trabalho. Essa é uma questão importante também. Então reflita o que o trabalho significa para vc. Pra mim, o meu trabalho é uma parte muito importante da minha felicidade. Tem dias que passo 12 h longe de casa, mas isso me faz aproveitar mais o tempo que tenho com a minha filha.*

**Mãe 3:** *Oi, Mãe 1! Vou ser muito sincera com você... agradeço todos os dias a oportunidade de poder ficar em casa com a minha filha, tenho certeza que foi o melhor pra ela e que nessa fase ela precisa da mãe e não dá escolinha... MAS...eu sempre trabalhei e sinto muito falta de ter minha independência e até mesmo de me sentir "importante" ...a maternidade não é valorizada, tenha isso em mente quando fizer a sua escolha... mas não me arrependo, faria novamente!*

**Mãe 4:** *Boa noite! Quando meu menino completou 4 meses tive que retornar ao trabalho. A culpa ainda aparece sempre e olha que ele está prestes a completar 3 anos. Fui abençoada por ele ter atingido grandes marcos do desenvolvimento em dias que eu estava em casa. Talvez de alguma forma, ele soubesse o quanto era importante e me presenteava com esses momentos. Enfim, voltar a trabalhar não foi uma escolha, foi necessidade. Se eu sofri? Sim, horrores. Ainda sofro. Mas hoje estou mais plena, fiz o melhor que pude e estive ao lado dele sempre que ele precisou. Aproveito cada momento que tenho com ele. "Sou a melhor mãe que ele poderia ter" é o que digo a mim mesma todas as vezes que bate a culpa...Faz parte. Seja qual for a sua escolha ou necessidade, siga seu caminho em paz.*

**Mãe 5:** *Eu parei e me arrependo muuuuuuuuuuuito! Não tem jeito, qualquer que seja a sua decisão você vai se sentir culpada.*

Esse *post* demonstra claramente o sentimento de culpa da mãe por trabalhar fora e ficar doze horas longe do filho. Os comentários das outras mães foram bem diversos, o que pode gerar mais dúvida e confusão, ou simplesmente mostrar a variedade de experiências possíveis de se relacionar com o trabalho.

Apenas o comentário de Mãe 2 convida a participante do grupo a uma reflexão sobre a sua questão, dizendo: "Então reflita o que o trabalho significa para vc" (grifos

nostros). As demais limitaram-se a falar de suas experiências de trabalhar fora ou ficar com o filho, sem fazer qualquer menção à participante.

É curioso observar que, apesar de os comentários serem bem diferentes, duas mães acham que a culpa faz parte da maternidade:

**Mãe 4:** “Sou a melhor mãe que ele poderia ter’ é o que digo a mim mesma *todas as vezes que bate a culpa...Faz parte.*” (grifos nossos)

**Mãe 5:** “*Não tem jeito, qualquer que seja a sua decisão você vai se sentir culpada.*” (grifos nossos)

### **Post:**<sup>2</sup>

#### **Mãe 6 (10/07/2021)**

*Bom dia! Tenho uma filha de 4 anos e acabo de receber o diagnóstico de que ela se encontra no espectro autismo, compatível com Asperger. Eu sempre desconfieei disso, desde que ela tinha uns 6 meses, porém as pessoas próximas diziam que eu estava louca e que não tinha nada demais nos sinais que ela apresentava. Bom, ao ter o diagnóstico a primeira sensação foi de alívio, por finalmente acabar aquela dúvida dentro de mim, pois minha pior dificuldade é em relação a educação (não cobro pq não está dentro da “realidade” dela ou cobro demais, ou deixo de cobrar e ela fica “sem educação”???) Porém agora vem um outro sentimento: a culpa. Culpa por ter demorado tanto para procurar atendimento, culpa por todas as vezes que cobre dela algo que ela não podia alcançar, culpa por cada grito e ataque de fúria que eu tinha quando eu me estressava com algo que ela fazia ou deixava de fazer, culpa por não ter cuidado do emocional dela todo esse tempo, culpa nem sei mais de que, mais uma culpa enorme que me dói o coração e me faz chorar. Além do mais estou perdida agora, sem saber o que fazer e qual o próximo passo. A neuropediatra encaminhou para atendimento com equipe multidisciplinar e na APAE fazem esse atendimento, porém não sei por onde começar. Me perdoem pelo texto enorme, mas estou MT angustiada e precisava desabafar.*

*Ah, em relação a ter um filho com TEA estou tranquila, ela só é uma criança especial, diferente, única, e isso a torna minha jóia mais preciosa.*

---

2 Acesso em: 3 ago. 2021.

**Comentários:**<sup>3</sup>

**Mãe 7:** *Um abraço apertado pra vc! Ainda não sei como te ajudar prq estou em situação parecida. Meu filho sempre foi taxado como “difícil e sem limites”, apesar de todos os meus esforços. Até que comecei a desconfiar de que essa dificuldade dele de lidar com limites e regras, aprender, poderia ser algo por trás. Marquei neuropediatra pra ele. Estou esperançosa de ter um diagnóstico e poder saber lidar melhor com ele. A pediatra encaminhou pedindo pra investigar TDAH e TEA. Tbm me sinto muito culpada com o tanto que já perdi a paciência, não sabendo lidar com o fato de ele não entender muitas vezes o que explico. Vc poderia compartilhar um pouco das características que te fizeram desconfiar de TEA? Meu filho tem 3 anos e ouço continuamente que é cedo pra esse tipo de diagnóstico.*

**Mãe 8:** *Olá querida. Sinta-se abraçada tem um material muito bom sobre o autismo no YouTube em bioquímica do autismo e te dará um norte muito bom foi o que me ajudou nesse processo e tenho visto uma evolução boa no meu filho.*

Por esse *post*, observamos que a Mãe 6 sente alívio quando obtém um diagnóstico sobre a filha, pois é angustiante conviver com a dúvida. Sente culpa pelos cuidados dispensados à criança, pois imagina que deveriam ter sido melhores, dadas as suas condições especiais. Tem dificuldade de lidar com a ambivalência de sentimentos que possui em relação à filha, finalizando sua fala com uma frase ambígua: “*Ah em relação a ter um filho com TEA estou tranquila, ela só é uma criança especial, diferente, única e isso a torna minha jóia mais preciosa*” (grifos nossos).

No primeiro comentário da Mãe 7, notamos a empatia com a mãe que fez o *post*, ao dizer que vive uma situação parecida, também se sente culpada e já perdeu a paciência com o filho por não saber lidar com o problema. Aproveita o comentário para colocar suas dúvidas também, caracterizando uma troca de informações.

O segundo comentário, da Mãe 8, recomenda o material de vídeo do YouTube sobre autismo para a mãe que fez o *post*, como se o conteúdo da internet fosse capaz de amenizar as angústias maternas e como se a maternidade fosse vivida como uma operação, uma técnica.

Esses dois *posts* revelam o sentimento de culpa das mães, que representa um sofrimento e uma angústia e está intimamente associado à idealização da maternidade cultuada até os dias de hoje. Sob a influência das redes sociais, o ideal de mãe tem sido propagado com muito mais abrangência e de forma mais cruel. Se a mãe tem de ser perfeita e não pode falhar, o sentimento de culpa está sempre presente.

---

3 Acesso em: 7 dez. 2021.

Winnicott (1960/1999b, pp. 79-80) já refletia sobre o assunto:

*É demasiado fácil idealizar o trabalho de uma mãe. Sabemos muito bem que todo trabalho tem suas frustrações; suas enfadonhas rotinas, e seus momentos em que seria a última coisa que qualquer pessoa escolheria fazer. Ora, por que razão a tarefa de cuidar de bebês e crianças pequenas não pode ser também vista nesses termos?*

Winnicott pensa que a mãe não deveria ser perfeita para seu filho; bastava ser uma mãe suficientemente boa, humana, passível de cometer falhas na maternagem que seriam corrigidas pela atividade mental do bebê. A mãe suficientemente boa tenta se adaptar às necessidades do bebê e, se houver uma falta de cuidado ou uma negligência tolerável por ele, essa falha é convertida em êxito adaptativo (WINNICOTT, 1949/2000).

Atualmente, somos sempre insuficientes, porque é assim que o discurso capitalista nos escraviza a trabalhar mais, ganhar mais, consumir mais, pagar mais, cansar mais etc. E, nesse ciclo vicioso, estão as mães que tentam corresponder a um ideal de mãe contemporâneo demasiadamente exigente, impossível de ser alcançado. Ainda assim, alimentam a fantasia de que existem algumas mães que atingem esse ideal estampado nas mídias digitais: mães com corpos esculturais, mães sempre arrumadas, mães bem-sucedidas, mães felizes com seus filhos e seu parceiro, mães dedicadas aos filhos e que criam atividades lúdicas em casa etc.

De acordo com Ehrenberg (*apud* LE BRETON, 2018, p. 10):

*Se as exigências morais se abrandaram, as coerções psíquicas invadiram o cenário social: a emancipação e a ação alargam desmedidamente a responsabilidade individual, elas aguçam a consciência de ser tão somente a si mesmo [...]. Por isso a insuficiência é para a pessoa contemporânea o que o conflito era para a da primeira metade do século XX.*

As mães contemporâneas estão marcadas por esse discurso da alta performance, que exige sucesso, resultado, funcionalidade, produtividade. Os cuidados maternos também se transformaram em mais um produto do mercado de bens e serviços. Nesse raciocínio, temos hoje uma vasta rede de cuidadores terceirizados que se responsabilizam pelos bebês, crianças e adolescentes em substituição aos pais.

## 4.2 AMOR MATERNO

**Post:**<sup>4</sup>

**Mãe 9 (30/12/2019) [Falta de conexão entre mãe e filha] [M. 1 ano e 4 meses]**

*Oi gente, venho triste, atrasada e sem chão pedir ajuda sobre uma falta de conexão entre mãe e filha, minha filha ignora absolutamente tudo que falo pra ela (seja pedindo pra não fazer algo ou chamando pra brincar, tudo mesmo), não obedece nem 1 vez por dia, é bem agressiva comigo e prefere qualquer outra pessoa do que eu. Nada desse comportamento ocorre com outras pessoas (salvo agressividade que ocorre com a tia que é criança), todos notam que ela obedece qualquer pessoa que não seja eu e me contam, além de preferir outros colos r outras pessoas até quando leva um tombo. Eu acabei com a minha vida quando engravidei sem planejar, desde então eu só a mão dela, vivo unicamente pra isso e sem grande apoio, psicólogo no momento não é uma opção, queria apenas alguma luz sobre como fazer uma filha gostar de mim, pra valer minimamente a pena todo esforço em ser mãe, pois sinceramente a cada dia que passa eu só consigo pensar que devia deixa-la com a minha mãe (que ela mesma prefere) e seguir a minha vida. Alguém tem alguma dica de como criar algum laço? Fazemos cama compartilhada, mama em livre demanda, toma banho comigo também, mas por ela só estaria na hora de mamar mesmo.*

**Comentários:**

**Mãe 10:** *Mãe 9, eu passei muito estresse no pós parto, ansiedade, me achava uma péssima mãe porque perdia a paciência, estava sempre exausta, sem apoio. Cheguei a ter pânico. Tenta ajuda no serviço público mesmo, há bons profissionais, e medicação (se lhe for indicado pelo psiquiatra) vc pode pegar no serviço público também. Não se cobre, não se culpe, vc também precisa de acolhimento. Minha psicóloga é um grande apoio para situações que não tenho afinidade pra tratar com minha mãe. Torcendo por você.*

**Mãe 11:** *Sinto muito pela situação que está vivendo. Achei bem peculiar (diferente) a forma como fala da relação com a sua filha. Você disse que cuida dela, amamenta, compartilha a cama, etc. Mas como está a qualidade desse cuidado? Vi num vídeo da Isa Minatel outro dia, que mesmo mães que são*

4 Acesso em: 25 maio 2021.

*cuidadoras com seus filhos caem numa situação chamada Eficiência Impessoal, como se cuidassem de forma automática, sem carinho e conexão. Como está o uso das telas? (Celular, televisão) Telas promovem desconexão. Você também diz que ela maltrata a tia que é menor que ela, e crianças costumam tratar os menores como são tratadas. Eu também tive problemas logo do nascimento do meu filho e acredito que se eu tivesse procurado ajuda profissional teria sido menos difícil. Recomendo á qualquer mãe, afinal não é fácil ser mãe na sociedade em que vivemos e em outras também.*

Neste *post* verificamos que a Mãe 9 fala da falta de vínculo e da rejeição que sente de sua filha de 1 ano, “prefere qualquer outra pessoa do que eu”. Parece não associar seu ódio de ter engravidado sem planejar com o fato de a filha ignorá-la e ser agressiva com ela: “eu acabei com a minha vida quando engravidei sem planejar”. Para uma questão tão profunda que se apresenta, a mãe busca uma dica prática de como fazer a filha gostar dela, demonstrando sua resistência ao tratamento psicoterapêutico.

Sobre isso, Winnicott (1956/1999, p. 23) afirma:

*É possível induzir a comer uma criança que pareça relutante em fazê-lo, mas não há nada que se possa fazer para tornar afetuosa uma criança insensível á afeição. Você pode inundá-la de afeição, mas tudo o que conseguirá dela é que se esquive, ora silenciosamente, ora com gritos de protestos.*

No primeiro comentário, da Mãe 10, pode-se visualizar empatia, motivação e acolhimento, além da sugestão de profissionais especializados do serviço público. Já no segundo comentário, da Mãe 11, há uma atitude mais provocativa da mãe, com o intuito de questionar certos comportamentos da outra mãe, além de recomendar-lhe ajuda profissional.

Winnicott (1955/1999) comenta que há muitas mães que não amam seus bebês logo que nascem ou que odeiam seus bebês. Essas mães se sentem horríveis e fingem sentir amor por seus filhos com receio de serem julgadas e consideradas menos mães por isso. Todavia, o amor é uma questão de experiência, não acontece automaticamente.

O autor ainda reconhece que essas mulheres são comuns, que estão buscando exercer seu papel da melhor forma possível, e ressalta:

*Há tanta coisa que é profunda e oculta na natureza humana que pessoalmente eu preferiria ser filho de alguém que possui todos os conflitos íntimos da natureza humana do que ter por mãe alguém para quem tudo é fácil e tranquilo, que conhece todas as respostas e é estranha á dúvida. (WINNICOTT, 1955/1999, p. 14)*

Winnicott (1961/1999) escreve abertamente sobre a idealização do amor materno e a culpa materna. Salienta que há uma fantasia nas pessoas de que as mães e os bebês se amam reciprocamente, desde sempre, de uma forma muito irreal. Desse modo, ele autoriza a mães a darem lugar ao seu sentimento de culpa por não amarem seus bebês, ou não do mesmo jeito que suas mães as amaram.

Também sobre esse tema, Badinter (2011) afirma que muitas mulheres ainda hoje não avaliam os prazeres e os sofrimentos, os benefícios e as renúncias necessárias antes de engravidarem. Há uma cegueira materna em relação à maternidade, não sendo possível cogitar as dificuldades, os desafios e as mudanças que fazem parte dessa experiência.

A ambivalência da maternidade permanece recalcada, ainda, pelos discursos fantasiosos de plenitude, de pura felicidade, de otimismo ingênuo, como se ter um bebê fosse somente uma experiência mágica, sem os momentos de angústia, desespero, dor, cansaço e outros sentimentos singulares a cada mulher.

A Mãe 9 parece esperar uma recompensa futura pelos esforços em ser mãe e recorre ao grupo como uma última tentativa desesperada e desesperançosa em se responsabilizar, pois logo diz que pretende deixar a filha com sua mãe e seguir a vida. O que a Mãe 9 talvez ignore é que,

*se as coisas correram bem, as crianças nunca agradecem, pois não têm conhecimento desse fato. Há na família uma grande área de débito não reconhecido, que não é débito algum. Ninguém deve coisa alguma, mas ninguém atinge a maturidade estável quando adulto se alguém tivesse se encarregado dele ou dela nas etapas iniciais. (WINNICOTT, 1968/2011, p. 141)*

O que podemos observar é a falta de maturidade emocional e as vulnerabilidades da Mãe 9 diante de sua filha de 1 ano e a necessidade de reconhecimento como boa mãe, apesar de todos os desencontros com a filha.

### **4.3 BURNOUT MATERNO – O ESGOTAMENTO DA MATERNIDADE**

**Post:**<sup>5</sup>

**Mãe 12 (08/09/2021)**

*Olá, queria saber se sou só eu ou mais alguém passando por isso, vamos aos fatos:*

*Meu bebê se chama F. tem 1 ano e 2 meses, ele é um grude comigo e na minha*

---

5 Acesso em: 25 maio 2021.

*falta é com o pai dele, não vai com ninguém e quer colo o dia todo. De uns tempos pra cá ele começou a dar uns gritos muito agudo quando é contrariado, passo o dia todo com ele chorando, gritando e no colo, e eu acalmando, escondendo as coisas para ele não ver e querer, cansada e frustrada por não conseguir fazer nada em casa ou do meu trabalho (freelancer), meu marido trabalha e ajuda sempre que pode, mas não tem sido o suficiente.*

*Acontece que estou com “Burnout” e sinto dores pelo corpo todo, já fiz os exames e segundo a médica não encontrou nada que justificasse tanta dor, além de um estresse”, não tenho uma rede de apoio física, tenho muita ajuda online, por whatsapp, mas em presença msm não foi possível até agora, minha sogra se ofereceu pra ajudar, mas o bebê não vai com ela, fizemos várias tentativas, ele faz uma farrá com ela, mas é só perceber minha falta que o choro rola solto, o suficiente pra eu ter que voltar pra casa. As escolinhas da minha região estão sem vagas e somente no ano que vem para conseguir colocá-lo, me sinto arrasada e a pior mãe por estar tão cansada o tempo todo, por me irritar em alguns momentos com ele, e por ouvir que devo deixar ele chorar ou ser mais firme com ele e não conseguir ser assim.*

*(Escrevendo e chorando)*

### **Comentários:**

**Mãe 13:** *Tenho um bebe de 1a2m tb e entendo o que está passando. Aqui em casa de uns meses pra cá o que mais escuto são os gritos e choro dele. O que tem me auxiliado é tentar ser mais presente possível. Fiz alguns brinquedos de reciclados, e como ainda esta calor aqui temos brincados no quintal de casa todos os dias. Tb levo ele passear pela manhã e tarde. Sei que é exaustivo mas percebi que quanto mais atenção dou a ele mais tranquilo ele fica. Tb espero que essa fase passe logo. Força pra nós.*

**Mãe 14:** *Sinta-se abraçada, pois por aqui estou passando por algo parecido mas ao invés de gritar meu filho da tapas (nunca bati nele, e sou contra palmadas para educar) o que me deixa frustrada. Não tenho rede de apoio e é impossível ter uma no momento, pois mudei de país. Por aqui vamos vivendo um dia de cada vez, e tento me dedicar a ele, deixando até msm os serviços da casa para depois. Sei o quanto é exaustivo, mas tenho em mente que logo ele irá crescer, e não desejará mais o meu colo.*

O *post* trata do estado de esgotamento materno (*burnout*) ou cansaço excessivo da mãe decorrente dos cuidados com o filho e com as demais tarefas que tem que exercer no âmbito doméstico e no trabalho.

Winnicott (1964/2013c, p. 149) reconhece o trabalho que é cuidar de um filho e o quanto isso exige responsabilidade das mães. A função materna é, por si só, cansativa:

*Os filhos são um fardo, e se trazem alegria é porque são desejados, e duas pessoas decidiram aceitar essa espécie de fardo; na verdade, concordaram em chamar-lhe não um fardo, mas um bebê. [...] as mães podem sentir prazer em lavar e costurar, mas não esqueçamos o trabalho e a abnegação de que tudo isso implica.*

O primeiro comentário, da Mãe 13, começa com palavras de acolhimento, “entendo o que está passando”; porém, em seguida, traz ideias opressoras quando descreve o excesso de atividades que faz com o filho: “O que tem me auxiliado é tentar *ser mais presente possível*. Fiz alguns *brinquedos de reciclados*, e como ainda está calor aqui temos brincados no *quintal de casa todos os dias*. Tb levo ele *passar pela manhã e tarde*. Sei que é exaustivo mas percebi que *quanto mais atenção dou a ele mais tranquilo ele fica*” (grifos nossos).

Esse comentário pode gerar mais ansiedade na mãe que fez o *post* e que já se encontra em um estado de exaustão. Ao propor para ela fazer mais coisas do que já faz, só agravaria a sua situação. Portanto, pensamos que a Mãe 13 não considerou a realidade e o estado emocional em que a Mãe 12 se encontrava, não auxiliando com seu comentário.

É curioso observar o pensamento que está implícito nesse comentário. Como bem comentou Furedi (2008), os especialistas em educação infantil constantemente aconselham os pais a não perderem oportunidades de se comunicarem com seus filhos e estimulá-los. Deixá-los sem fazer nada, no ócio, é o mesmo que perder tempo. O autor afirma que nos Estados Unidos a hiperparentalidade se tornou um modo de vida. A expansão desse fenômeno atingiu nível internacional.

Podemos definir a hiperparentalidade como uma cultura contemporânea da preocupação com a constante estimulação infantil. O estabelecimento dessas normas sociais fez com que os pais passassem mais tempo com os filhos e que as atividades para crianças fomentassem um grande mercado.

Todavia, muito embora atualmente os pais tenham maior tempo de convivência com os filhos se comparado com décadas anteriores, há sempre alguém para criticar a conduta dos pais, prejudicando sua saúde mental com tantas exigências: “se a sociedade continuar atribuindo uma série de problemas às falhas percebidas pelos pais, a neurose e o estresse podem aumentar” (FUREDI, 2008, p. 96).

O segundo comentário, da Mãe 14, descreve a sua experiência pessoal de exaustão da mãe e finaliza consolando a outra mãe: “Sei o quanto é exaustivo, mas tenho em

mente que logo ele irá crescer, e não desejará mais o meu colo”. Há uma palavra de solidariedade com a outra mãe, ao se identificar com os mesmos dramas.

**Post:**<sup>6</sup>

**Mãe 15 (15/09/2020)**

*Gente, meu filho tem 2 a 3 m e me bate. Sério, ele me bate bem forte, de machucar mesmo. Muitas vezes é porque está frustrado comigo por algum motivo, mas muitas vezes é pra descontar a raiva, tipo mamãe = saco de pancadas. Hoje acordou, procurou pelo pai e eu disse que estava trabalhando. Ele começou a me chutar na cama. Fui falando pra ele bater no chão e ele gritando que não queria bater no colchão. Eu tentando sair e ele POF POF em mim... fiquei com medo de me afastar muito e ele cair da cama, então só fiquei em pé, mas aí ele começa a gritar. Ele fica ainda mais bravo se eu saio. Às vezes vem atrás de mim, me segura com uma mão e me bate com a outra. Eu tento dizer que bater não pode, que me machuca e eu fico triste, que entendo que ele esteja com raiva, ou que ele esteja confuso com o que está sentindo, mas parece que não adianta. Sabe, eu não consigo simplesmente segurar a mão dele com gentileza, pq é tanta força que eu também tenho que segurar com força e ele fica indignado. Sei mil teorias, mas na prática vai tudo para os ares. Parece que eu tenho a faca e o queijo na mão, mas simplesmente não sei cortar...Acho que estou perto de um “burnout” materno, e uma coisa vai puxando a outra. No final, só consigo chorar e me sentir miserável, por apanhar dele, por não conseguir agir, por gritar “paaaaara!!”...OBS: ninguém da família é agressivo. Em outros momentos ele é carinhoso e alegre.*

**Comentários:**

**Mãe 16:** *Use a oração pela criança quando está dormindo...peça a calmaria dela quando acordar...oração sempre ajuda o ambiente e mães tem a calma para lidar com estas situações.*

**Mãe 17:** *Eu pratico bastante hōōponopono pra mim funciona.*

**Mãe 18:** *Tenta buscar ajuda psicológica para descobrir o motivo disso e formas dele descontar a raiva.*

**Mãe 19:** [Administrador]

*Olá, Mãe 15! Muitas vezes nessa jornada de nos tornarmos mães nos deparamos com coisas e com situações que nos tiram do eixo. Como você mesma disse, sabemos mil teorias, mas nem sempre a prática funciona como imaginamos, pois é realmente mais fácil nos livros... a teoria não abrange como estamos nos sentindo, como está nossa rede de apoio, como exatamente a criança está e se comporta. Sem contar que cada ser humano é único e cada relação é única, então como e quanto tempo vai precisar para algumas coisas funcionarem pode variar muito. Uma coisa muito importante a ser colocada é que não podemos nunca confundir uma educação respeitosa com permissividade. As crianças precisam de pais (cuidadores no geral) que lhes coloquem os limites com gentileza, que sejam margem para que eles possam fluir como um rio. E quando colocamos alguns limites, não podemos esperar que eles aceitem, não chorem, entendam e não reclamem. Eles vão reclamar, e cabe a nós acolher a frustração e o choro, explicar e direcionar como eles podem lidar com os sentimentos que surgem. Impedir que a criança te bata (ou se machuque) faz parte disso. O seu filho está frustrado, triste, com raiva, e não está sabendo lidar com isso (ele tem apenas 2 anos e não tem capacidade de autorregulação, de se acalmar sozinho). A forma que ele encontrou foi te bater, e cabe a você mostrar para ele que isso não é aceitável. Abaixar e ficar olhos nos olhos, segurar, abraçar se ele permitir, nomear o sentimento e firmemente (firme e gentil, sem grito) dizer: “vc está xxx (sentimento) e tem vontade de me bater, mas não vou permitir que você me machuque”. Ofereça alternativas (almofada, bater os pés, assoprar a velinha, sentir o coração...), e se ele não aceitar no momento, afaste-se explicando (“vou me afastar pq não vou permitir que você me machuque”). Sim, ele virá atrás de você, ele está em uma crise (lembre-se que nessa idade ele não tem capacidade de autorregulação!), e você pode dizer que você o ama e vai abraçá-lo. Mas para tudo isso é necessário manter-se inteira, sem se alterar ainda mais com ele. É um exercício muito difícil por vezes. Acontece muitas vezes aqui em casa também, eu não consigo sempre lidar, e nesse momento eu digo claramente que preciso sair de perto porque não estou conseguindo me manter calma. Se tem alguém em casa para me ajudar, chamo. Se não, deixo-a em um lugar seguro e vou tomar um copo de água, lavar o rosto, respirar. Claro que o choro continua, que ela vem atrás de mim, mas eu respiro, me abaixo e recomeço. Mãe 15, lidar com sentimentos como a raiva, tristeza e a frustração de nossos filhos pode ser muito difícil porque tendemos a ver esses sentimentos como negativos e queremos a todo custo amenizá-los e ver nossos filhos bem. Mas*

*todos os sentimentos são parte da vida. E nossos pequenos precisam aprender através da nossa ajuda a lidar com eles da melhor forma possível. E não acabar com eles a todo custo (virando até saco de pancada!). E como você mesma disse, seu filho não é assim o tempo todo, Ninguém é uma coisa só. E nos momentos de conexão, em que estão fazendo algo gostoso juntos, lembre ele que bater em você não é aceitável e que você vai sempre lembra-lo disso nos momentos necessários e oferecer xxx para ele se descarregar. Não precisa fazer isso sempre, mas eventualmente, na calmaria após uma crise, como um lembrete gentil. Ele pode até ajudar a escolher a melhor forma. Você precisa além de tudo se cuidar. Se acha que está a ponto de um Burnout materno, o que é possível, procure ajuda. Seja gentil com você, nossos gritos são pedidos de ajuda. Converse com sua rede, tire um tempo de qualidade para você sempre que possível. Organize-se com o pai para que você possa se cuidar diariamente. Parece impossível, eu sei, porque os filhos demandam, mas é preciso se organizar aos poucos. Nada muda de um dia para o outro. E conte sempre com [nome do grupo] como sua rede de apoio virtual.*

Aqui temos outro *post* sobre *burnout* materno: uma situação em que uma mãe apanha de seu filho de 2 anos e 3 meses, não consegue conter a agressividade da criança e fica exausta por não saber lidar com isso. Ressalta que perde o controle e chora muito, e que ninguém na família é agressivo.

O primeiro comentário, da Mãe 16, recomenda a oração enquanto a criança estiver dormindo, para que ela se acalme, o ambiente e a mãe também.

O segundo comentário, da Mãe 17, menciona a prática de *ho'oponopono*, afirmando funcionar.

O terceiro comentário, da Mãe 18, indica ajuda psicológica.

O quarto comentário, da Mãe 19, faz, de fato, uma intervenção que aponta para uma reflexão respeitosa: “Sem contar que cada ser humano é único e cada relação é única, então como e quanto tempo vai precisar para algumas coisas funcionarem pode variar muito. Uma coisa muito importante a ser colocada é que *não podemos nunca confundir uma educação respeitosa com permissividade*. As crianças precisam de pais (cuidadores no geral) que lhes *coloquem os limites com gentileza*, que sejam margem para que eles possam fluir como um rio. E quando colocamos alguns limites, não podemos esperar que eles aceitem, não chorem, entendam e não reclamem. Eles vão reclamar, e *cabe a nós acolher a frustração e o choro*, explicar e direcionar como eles podem lidar com os sentimentos que surgem. *Impedir que a criança te bata* (ou se machuque) faz parte disso. O seu filho está frustrado, triste, com raiva, e não está sabendo lidar com isso (ele tem apenas 2 anos e não tem capacidade de autorregulação, de se acalmar sozinho). A forma que ele encontrou foi te bater, e *cabe a você mostrar para ele que isso não é aceitável*” (grifos nossos).

Além disso, a Mãe 19 humaniza o que está acontecendo com a Mãe 15 ao admitir que também falha muitas vezes: “*Acontece muitas vezes aqui em casa também, eu não consigo sempre lidar, e nesse momento eu digo claramente que preciso sair de perto porque não estou conseguindo me manter calma. Se tem alguém em casa para me ajudar, chamo. Se não, deixo-a em um lugar seguro e vou tomar um copo de água, lavar o rosto, respirar. Claro que o choro continua, que ela vem atrás de mim, mas eu respiro, me abaixo e recomeço*” (grifos nossos).

E, finalmente, a Mãe 19 faz recomendações para a outra mãe cuidar de si: “*Você precisa além de tudo se cuidar. Se acha que está a ponto de um Burnout materno, o que é possível, procure ajuda. Seja gentil com você, nossos gritos são pedidos de ajuda. Converse com sua rede, tire um tempo de qualidade para você sempre que possível. Organize-se com o pai para que você possa se cuidar diariamente. Parece impossível, eu sei, porque os filhos demandam, mas é preciso se organizar aos poucos. Nada muda de um dia para o outro. E conte sempre com com [nome do grupo] como sua rede de apoio virtual*” (grifos nossos).

As mães da contemporaneidade vivem exaustas por vários motivos. Têm de assumir uma série de atividades diárias como o cuidado consigo, com os filhos, com a relação amorosa, com o trabalho (carreira), com as tarefas domésticas, com o gerenciamento do lar e com o denominado trabalho invisível<sup>7</sup> (comprar presente para o aniversário do amigo da escola, verificar se a roupa da criança ainda serve etc).

Por mais que se tenha avançado um pouco em termos de a mulher conquistar alguma expressão no espaço público e nas suas relações afetivas, a divisão das tarefas domésticas ainda é injusta e desigual, recaindo, em sua maior parte, sobre as mulheres. Assim também o é no tocante à responsabilidade pelos cuidados com os filhos, que continua sendo considerada uma atribuição natural feminina, independentemente da classe social.

Infelizmente, é muito comum ouvir de homens supostamente esclarecidos e com alto nível de escolaridade e intelectual que ajudam suas mulheres a cuidar dos afazeres domésticos e a cuidar dos filhos. Não há a internalização do conceito de responsabilidade parental, pelo menos não na sociedade brasileira. Também é curioso observar a existência de poucos grupos virtuais compostos apenas por pais, o que reforça a crença de que o cuidado dos filhos não é uma questão que circula no meio masculino com as mesmas frequência e preocupação que as que se apresentam nos grupos formados por mães.

Além disso, muitas mulheres aceitam como sendo sua total responsabilidade essas tarefas, não questionando com o parceiro a divisão entre eles. Outras sequer têm consciência de que a responsabilidade da casa e dos filhos cabe ao casal, e há aquelas que reivindicam o compartilhamento das atividades, mas sempre é necessário insistir, negociar e convencer o parceiro. Em poucos países, exceto os escandinavos, pensa-se em modificar essa divisão de tarefas domésticas de forma mais igualitária (BADINTER, 2011).

7 Disponível em [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732\\_315309.html?pr-m=enviar\\_email](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732_315309.html?pr-m=enviar_email). Acesso em: 1 jan.2021.

De acordo com Badinter (2011), a injustiça na divisão das tarefas domésticas aparece num lar logo que um bebê nasce, prejudicando as mulheres, que ficam com a maior responsabilidade na execução dessas atividades e nos cuidados com os filhos, ao passo que os homens se dedicam mais ao trabalho profissional. Dessa forma, nota-se um desequilíbrio nas obrigações entre homens e mulheres, haja vista que elas acabam renunciando à carreira profissional, à remuneração, à cultura e à vida pessoal.

Outra questão importante é a alta exigência dos homens em relação às mulheres nos cuidados com os filhos. Persiste a crença de que a mãe é a grande encarregada pelos cuidados dos filhos e por dar limites a eles, como se essa não fosse também uma responsabilidade paterna.

Nota-se, ainda, o paradigma do maternalismo, fator responsável pelo sentimento de culpa das mulheres-mães. Ao considerar os cuidados com os filhos como deveres fundamentais das mães, a desigualdade da condição das mulheres se torna ainda maior. Toda dedicação materna está voltada ao amor do filho. É o que se propaga no discurso social. Com esse paradigma, notamos que “é o inocente bebê – à sua revelia – que se tornou o melhor aliado da dominação masculina” (BADINTER, 2011, p. 122).

As mães atuais estão cada vez mais sobrecarregadas pelo acúmulo de funções de cuidado com os filhos com as obrigações domésticas, profissionais, familiares e sociais. Falta-lhes uma rede de apoio para conseguir desempenhar saudavelmente seus papéis. Nota-se que, por mais que certas vezes tenha o auxílio de seu(sua) companheiro(a), da família ou mesmo de um(a) profissional para cuidar de seus filhos, ainda hoje a maior responsabilidade pelo cuidado dos filhos continua sendo atribuída às mulheres-mães, sendo exceções os casos em que os pais têm papel mais atuante. Ao menos é isso o que acontece em muitos lares na realidade brasileira.

Por essa razão, tanto no passado como atualmente, é tão frequente encontrarmos mães insatisfeitas e arrependidas em relação à maternidade.

Entre 2008 e 2011, a antropóloga Orna Donath, guiada pelo próprio desejo de não ser mãe desde os seus 16 anos, decidiu realizar uma pesquisa com o objetivo de investigar se as mulheres se arrependem de serem mães, o que resultou no livro *Mães arrependidas* (2017). Donath constatou que muitas das mulheres entrevistadas se encaixavam na categoria de mães arrependidas após responderem negativamente às seguintes perguntas: “*Se você pudesse voltar atrás, com o conhecimento e a experiência que tem agora, ainda assim se tornaria mãe? Do seu ponto de vista, há vantagens na maternidade?*” (grifos nossos) p.16. Para essas mães, a experiência da maternidade foi um erro, e é vivida com sofrimento.

A partir da escuta dessas mães que se arrependeram de ter filhos, a autora percebeu que essas mulheres chegavam à maternidade de forma inconsciente, sem qualquer reflexão ou elaboração sobre o que é ser mãe e se havia de fato o desejo de sê-lo. As mulheres arrependidas são aquelas que se tornam mães devido às pressões sociais, internas ou do cônjuge; almejam algo por meio da maternidade, como não se sentirem excluídas do grupo social; têm filhos como uma consequência “natural” do casamento e da vida; não pensam no assunto, não sabem o que significa ser mãe, trazer um filho ao mundo, que tipo de mãe podem ser.

Recentemente, em uma sessão de análise, a paciente G., ao me contar sobre suas dificuldades em lidar com a possibilidade de sua própria finitude e a de seus pais, com muita angústia revela seu arrependimento de ter tido um filho (atualmente com 2 anos), pois agora tem mais uma pessoa com quem deve se preocupar. G. não suporta pensar na perda de quaisquer de seus entes queridos, mesmo não havendo nenhum risco iminente de grave doença ou morte de nenhum deles. Não quer transmitir ao seu filho o peso de ter que enfrentar a sua ausência um dia.

Ao visualizar os *posts* das mães da mídia digital de que trata esta pesquisa, o que mais se destacam são as palavras “cansada”, “exausta”, “irritada”, “estressada”, “esgotada”, “perdida”, “desesperada”, “frustrada”. Esses adjetivos revelam o grande e comum mal-estar tão presente no universo materno, que independe do momento histórico.

#### 4.4 INSEGURANÇA, CRÍTICAS E JULGAMENTO

*Post:*<sup>8</sup>

**Mãe 20 (02/06/2020)**

*Ola, Sou Mãe 20 e tenho três filhos, A. de 4 anos e meio, B. de 1 ano e 9 meses e C. de 3 meses. Uma rotina bem interessante... Rrsr. Muitas críticas pela quantidade de filhos e tb por serem pertinho. Tive duas perdas antes da primeira filha e essa dor é muito grande, e desde então eu e meu marido nos abrimos a maternidade e paternidade. Agora com os três estamos fazendo o método belling para espaçamento, não sabemos se teremos mais filhos, mas também não queremos usar nem um método contraceptivo. Hoje meu pedido é de orientação de como deixar a rotina menos pesada e principalmente dividir a atenção na medida certa, pois entendo que cada um dentro da sua idade tem uma necessidade diferente, mas quais? Estou muito insegura, com medo de errar e causar traumas neles, inseguranças... Coisas que possam prejudicar eles na vida adulta.*

*A., a mais velha, é muito amorosa com o menor, já pede mais um irmão, na verdade agora quer uma irmã que até deu nome e fala dela como se já existisse. Ela ficou mais brigona com o irmão mais velho quando o menor nasceu e gosta muito de desenhos. O B., do meio, esta sendo minha maior preocupação, briga com a irmã, quer os brinquedos dela mas não divide os dele. Ele chora muito e faz manha de se jogar no chão e o pior é que não se entrega pro sono, dorme muito tarde e ainda chorando. Os dois mamaram no peito até*

8 Acesso em: 25 maio 2021.

*um ano, pararam sozinhos. Hoje mamam na mamadeira. C., o menor é um doce, dorme bem, mama bem, fica bonzinho no carrinho enquanto atendo os irmãos e faço algumas coisas em casa. Acredito que a falta da escolinha, o isolamento esteja prejudicando tb, pq eles não gastam energia como antes e eu não tenho energia pra gastar com eles...Rsrs. O pai ajuda em tudo e tb brinca muito com eles, mas não é o bastante. Sou grata a minha famílias e não estou reclamando, meus filhos diante de tudo são boas crianças, mas sei que posso fazer a nossa rotina ser ainda melhor e gostaria de saber como.*

### **Comentários:**

#### **Mãe 21:**

*Essa briga entre os mais velhos é normal, infelizmente. Vc pode assistir filme com eles, brincar de massinha, lego (aqueles maiores), desenhar, ler livrinhos, dar banho em todos ao mesmo tempo. Os momentos individuais vão acontecer de um jeito ou de outro ao longo do tempo. Não se prenda a isso. Na hora de dormir, vc pode passar uns minutinhos com cada um. Aproveite cada momento em família, banho, refeições, tv e vai conversando com eles, brincando, rindo. Esse momento passa voando. Ps: seu post poderia ter sido escrito por mim mesma 4 anos atrás. Essa cobrança por dar conta de tudo, principalmente de não causar nenhum trauma neles me levou a uma depressão. Os meus filhos tem 9,6,4 e 7 meses.*

#### **Mãe 22:**

*Gente como é difícil brincar com 2 criança cidade tão diferente como eu é difícil de jogar na brincadeira aqui é c uma no braço brincando de uma coisa e outra maior brincando de professora por exemplo.*

O post trata de um pedido de ajuda de uma mãe que possui três filhos pequenos – com 4 anos, 1 ano e 3 meses – e se sente insegura por não conseguir programar uma rotina leve para eles. Teme errar e causar traumas nos filhos. Revela que tem ajuda do companheiro, mas que não é suficiente. Fica justificando as suas inseguranças e dúvidas afirmando que não está reclamando, que agradece a sua família, que seus filhos são boas crianças, como se qualquer característica que estiver fora de seu imaginário maculasse o seu ideal de mãe: “Sou grata a minha famílias e não estou reclamando, meus filhos diante de tudo são boas crianças” (grifos nossos).

Questiona às demais integrantes do grupo sobre como melhorar a rotina dos filhos, sem perceber que ela é que convive e que conhece a individualidade de cada filho. Apesar de a Mãe 21 ter sugerido algumas atividades que ela poderia fazer com

os filhos em casa, pensamos ser complicado determinar o ritmo de uma família a partir de um padrão, de um modelo do outro.

O comentário da Mãe 22 é mais autêntico, ao menos demonstra a dificuldade em ter que promover brincadeiras diferentes para crianças com idades diferentes.

Verifica-se que a Mãe 20 apresenta uma fantasia de infalibilidade de si mesma e de onipotência que a faz sentir muito medo e insegurança no cuidado dos filhos. Diz que tem medo de errar e de gerar traumas neles, como se o contrário fosse possível: “*Estou muito insegura, com medo de errar e causar traumas neles, inseguranças... Coisas que possam prejudicar eles na vida adulta*” (grifos nossos).

Lembramos uma passagem em que Winnicott (1968/2020b, pp. 108-109) afirma:

*no começo há dependência absoluta, e o ambiente sem dúvida é relevante. Assim, de que maneira os bebês conseguem superar as complexidades das primeiras fases do desenvolvimento? Temos certeza de que um bebê não se torna uma pessoa se houver apenas um ambiente não humano; nem mesmo a melhor máquina pode fornecer o que é necessário. Não são os seres humanos que são necessários, e seres humanos são, essencialmente, humanos – ou seja, imperfeitos –, livres de qualquer previsibilidade mecânica. O uso que o bebê faz do ambiente não humano depende do uso prévio do ambiente humano.*

Ao discutir sobre um ambiente saudável ao desenvolvimento emocional do indivíduo, Winnicott (1969/1999) nunca idealizou pais perfeitos para os filhos, que não erram, não falham, mas pais suficientemente bons, pais humanos. Entende-se por suficientemente bons aqueles pais que são eles mesmos, coerentes consigo, que tenham erros e acertos, pessoas de verdade que viabilizem a construção da confiança com seus filhos.

Fulgencio (2012), em entrevista à *Folha de S. Paulo* em 5 de junho de 2012, definiu o que é uma mãe suficientemente boa nos dias de hoje:

*É aquela que, ao suprir as necessidades do filho, cria a possibilidade de ele ter fé na vida, nas pessoas. A função materna sempre foi cuidar. A matriz do amor é o cuidado, não ficar dizendo que ama e dando explicações sobre como as coisas devem ser.*

O psicanalista ainda complementou que a maternidade é muito complexa e que é melhor a mãe errar tentando descobrir o seu jeito de maternar do que acertar seguindo uma cartilha.

O pedido de ajuda da Mãe 20 na orientação da rotina com os filhos conduz à perda da sua espontaneidade e da espontaneidade de seus filhos na hora do brincar, por exemplo. A rotina poderia ser pensada por ela, a mãe, ao passo que as atividades lúdicas poderiam ser criadas com os filhos.

A despeito de tantas dificuldades e surpresas reais que a maternidade apresenta, infelizmente ainda permanece uma idealização no imaginário das mães que as faz sofrer. Mais que isso, a idealização da maternidade parece ser uma meta pré-estipulada por cada mulher já na gravidez, momento em que já está sob o jugo de outras mulheres sobre como deve experienciar a maternagem, o que deve fazer, qual é o certo, o que tem que seguir etc.

Circula entre as mães o ideal a ser cumprido de super-heroína, de ter de dar conta de tudo ao mesmo tempo: dos filhos, da parceria amorosa, do trabalho (carreira), da gestão do lar, dos cuidados com o corpo. Esse imperativo social sequer é questionado pela maioria das mulheres, que ingenuamente ainda creem existir alguém que consiga cumprir esse ideal (IACONELLI, 2019).

Apesar de existirem vários tipos de mães nos dias de hoje, Iaconelli (2019) apresenta uma visão mais otimista e tece elogios às mães do século XXI, dizendo o quanto se esforçam para acompanhar o desenvolvimento de seus filhos, preocupando-se com a relação, o diálogo, a intimidade e o cuidado com eles.

Para a autora, essa é uma grande diferença em relação à criação de gerações passadas, destacando-se como um ponto positivo. Além disso, indica que uma grande contribuição da parentalidade deste século para as futuras gerações seria se as mães criassem seus filhos para que pudessem ser no mundo e sustentar isso em sua totalidade.

## 4.5 SENSIBILIDADE A CRÍTICAS E JULGAMENTO

*Post:*<sup>9</sup>

**Mãe 23 (17/11/2020)**

*Olá grupo,*

*Tô um tanto desapontada comigo já li esses livros todos sobre educação quando estou com pessoas do meu convívio q tem crianças não consigo me posicionar não sei se por medo das críticas ou se por ainda errar muito e muitas vezes não praticar o q diz nos livros, eu simplesmente fico muda sem conseguir sair uma palavra da minha boca. O que acham?*

---

9 Acesso em: 25 maio 2021.

**Comentários:****Mãe 24:**

*Você tem filhos? Pq se não, isso é usado contra a gente, não importa a formação, se é ou não professora, se leu um zilhão de livros, sempre usam não ter filhos como argumento e acabam com a gente sofri muito com isso, hoje tenho o meu e ponho tudo o que li em prática! E o “quando você tiver filho você vai ver” ficou bem pra trás!*

**Mãe 25:**

*Eu me informei bastante, mas sei que nem sempre vou seguir aquilo que sei que é o certo. E também não falo sobre o que aprendi com ninguém, a não ser meu marido, minha mãe. Ou nós grupos que participo, onde as pessoas realmente estão procurando se informar. Ou caso alguém me pergunte. Já ouvi opiniões clássicas, tipo dar papinha, usar chupeta, não deixar dormir mamando, não ter gato em casa, etc etc. As poucas pessoas que vi nessa pandemia me perguntam se usar o sling não é desconfortável pro bebê, se ele pode dormir no sling... Eu só explico como faço e só me justifico quando a pessoa pergunta ou vejo que ela tem uma curiosidade genuína, senão na maioria das vezes não vale a pena explicar, as pessoas já tem duas convicções sobre como cuidar de uma criança.*

O post trata da dificuldade da mãe de se posicionar com seu saber materno e sua insegurança por medo de críticas, ou de errar, ou de não sair como nos livros.

Essa é uma questão interessante, pois, se compararmos as figuras de cuidadores de uma criança, a mais criticada por tudo o que acontece com a criança ainda é a mãe.

Infelizmente no século XXI, ainda presenciamos as mulheres e as mães sendo alvos frequentes de julgamento e vigilância por parte da família e de toda a sociedade. O psicólogo Alexandre Coimbra Amaral (2020), em entrevista concedida à *Revista Encontro* se manifestou sobre o assunto:

*O mundo te vigia ser mãe e, quando você erra, é raro receber apoio. O que se recebe é julgamento. É raro se ver o apoio a uma mãe quando ela está impossibilitada de dar o melhor para o filho. Se você está em uma praça e vê uma mãe nervosa, brigando com o filho de forma desmedida, ninguém vai lá dar apoio. As pessoas ficam fofocando, criticando, olhando apenas. A mãe ter de lidar com a sensação de fracasso e mais o olhar de julgamento é muito pesado. A função materna é a função mais julgada da sociedade. É ao mes-*

*mo tempo a mais idealizada e a mais julgada. Essa expressão, que é muito comum a gente ouvir, “quem pariu Mateus que o embale”.*

A mesma cobrança não é direcionada aos homens, o que torna a maternidade ainda mais opressiva e cruel com as mulheres.

Esse mar de críticas a que as mães são expostas diariamente forçam-nas a questionar o seu maternar e, muitas vezes, buscar em livros, revistas e em mídias digitais o saber sobre os cuidados maternos. Muitas delas tomam esse conhecimento como um guia ou uma “verdade” a ser seguida, distanciando-se cada vez mais de si mesmas. Tanto que a Mãe 23 postou: “não consigo me posicionar não sei se por medo das críticas ou se por ainda errar muito e *muitas vezes não praticar o q diz nos livros*” (grifos nossos).

Ora, essa necessidade das mães já era reconhecida por Winnicott (1986/2011, p. 121) quando, em uma de suas palestras na rádio BBC de Londres, em 1957, disse:

*A jovem mãe precisa de proteção e informação; precisa do melhor que a ciência médica pode oferecer em termos de cuidados corporais e prevenção de acidentes evitáveis. Ela precisa de um médico e de uma enfermeira que conheça e em quem deposite confiança. Precisa da devoção de um marido, e de experiências sexuais satisfatórias. Não, a jovem mãe não é uma pessoa que usualmente aprende através dos livros.*

Winnicott acredita que as mães já possuíam um saber materno e que precisavam de um médico, de uma enfermeira e do marido apenas como rede de apoio, pessoas de sua confiança.

Furedi (2008) sustenta que os especialistas construíram a ideia de que os pais são incompetentes para cuidar de seus filhos, o que tem enfraquecido sua autoridade e sua autoconfiança. Dessa forma, os pais procuram outras fontes de autoridade, como professores, terapeutas e especialistas em educação para orientá-los a cumprir a sua responsabilidade parental.

No entanto, nem tudo que é aprendido pode ser ensinado. E, nesse sentido, o pensamento de Furedi está alinhado às ideias de Winnicott. Furedi (2008) afirma que a parentalidade não pode ser ensinada, porque diz respeito a uma relação íntima, na qual as pessoas aprendem com a própria experiência de dor e alegria. O que pode ser ensinado são práticas, recomendações sobre saúde, nutrição, desenvolvimento infantil. Mas não existem especialistas sobre relações. Os pais são as pessoas mais adequadas para saberem o que é o melhor para os seus filhos.

Para que a mãe se aproprie da sua maternagem e se sinta segura para se posicionar perante o outro com seu saber, é preciso que tenha uma experiência corporal com seu bebê, que se identifique com ele, que o conheça e saiba do que ele precisa. Para se

sentir segura como mãe, há um processo a ser construído na relação com o bebê, de poder ser capaz de estar disponível física e emocionalmente para cuidar do outro, suportando todos os eventos imprevisíveis.

*pensar a entrada na posição parental como um mergulho que envolve solidão e risco. Um passo que implica a disposição para, a partir da relação com o filho, lançar-se a uma reorganização existencial que terá a criança como importante ponto de ancoragem – afinal, independentemente do laço estabelecido, só se pode ser pai ou mãe de alguém. O que há de se desdobrar a partir daí não se sabe de antemão; sabe-se, porém, que não há volta para atrás, nem possibilidade de inverter o curso das posições em jogo: primeiro é preciso entrar na posição parental, para somente depois experimentá-la. (GARRAFA, 2020, p. 58)*

Como bem afirmou Garrafa (2020), antes de tudo, é necessário que os pais assumam o lugar da paternidade e da maternidade e toda a responsabilidade que lhes corresponde para depois experienciar essa nova posição na existência. Além disso, a parentalidade, por si só, é uma oportunidade de transformação pessoal para o indivíduo a partir da relação com o filho.

O julgamento sempre fez parte da vida das mães, seja pelo modo como cuidam de seus filhos, pelas escolhas que fazem ou pelas condutas que adotam. Porém, no mundo globalizado, digitalizado e transparente, em que a privacidade é relativizada pelas câmeras e pelos algoritmos, as mães estão mais expostas ao julgamento da sociedade, da família e das outras mulheres.

As mães que vivem no mundo digital como um reflexo ou uma edição de sua vida privada são alvos fáceis do julgamento do público que atingem.

**Post:**<sup>10</sup>

**Mãe 26 (03/07/2020) [Amamentação prolongada]**

*“Deixa eu tomar mais um golinho de leite, mamãe”; “O outro lado, esse num tá gotoso”; “Abaaaco de tetê”...*

*Essas e outras pérolas só quem amamenta criança “grande” ouve. A OMS recomenda que a amamentação seja exclusiva até 6 meses e que siga de forma complementar até 2 anos ou mais. Mas infelizmente nossa cultura ainda carrega um grande preconceito ao ver um bebê que já caminha e fala mamando no peito.*

---

10 Acesso em: 25 maio 2021.

*“Vai ficar mal acostumado!” “Vai ficar dependente!” “O leite virou água!” Essas são só algumas das coisas, entre tantas outras, que se ouve por aí, mas que não passam de mitos e preconceitos. Em primeiro lugar, o leite materno continua cheio de nutrientes. De acordo com pesquisadores, no segundo ano de vida ele pode suprir cerca de 1/3 da necessidade energética, aproximadamente 50% da necessidade de vitamina A, e quase tudo de vitamina C. Além, é claro, da proteção que continuará oferecendo contra doenças infecciosas.*

*Além disso, é válido lembrar que peito não é só alimento, mas também conforto e segurança, sem contar que alivia dores e estresse. E ao contrário do que algumas pessoas dizem, isso não deixa a criança dependente. Ela ainda está aprendendo a se autorregular emocionalmente, e até por volta dos 5 anos precisam da ajuda de alguém para se acalmar. Mamar é só uma maneira instintiva para tal.*

*Ou seja, a amamentação prolongada, para além dos 2 anos, tem sim inúmeros benefícios para a dupla mãe-bebê. O único problema que as mães enfrentam é o julgamento, proveniente normalmente de falta de informação.*

*E qual o limite? Estudos indicam que o desmame natural acontece entre 2,5 e 7 anos. Mas nem tudo, quando se trata de seres humanos, é só biologia, certo? Nossas escolhas não são somente baseadas no que é natural, mas também nas nossas vivências psíquicas e sociais. Por isso, ninguém melhor do que a dupla em questão para decidir que o momento chegou. E até lá, curtir muito esse momento tão único e especial (e por vezes divertido) que é amamentar uma criança falante.*

### **Comentários:**

**Mãe 27:** *Parabens a todas vocês que podem e querem amamentar seus filhinhos, é por aí, sempre no tempo da dupla.*

**Mãe 28:** *To nem ai amamentei ate os 4 anos e dava mama na hora que ela pedia em qq lugar hoje e uma menina linda, esperta, extrovertida, independente e inteligente de 6 anos. Esse povo fala demais.*

**Mãe 29:** *Tão bom ler isso e se sentir apoiada, minha bebê tem 23 meses e a pressão pro desmame tá forte e eu e ela amamos nosso momento juntas.*

Apesar de a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendar a amamentação dos bebês até 2 anos ou mais, não estabelece uma data limite para interromper a amamentação, deixando essa decisão para as mães.

Alguns fenômenos virtuais têm caracterizado a interação social na contemporaneidade, dentre eles a internet como um tribunal de juízes não togados e a naturalização do ódio nas redes sociais. Desses fenômenos decorrem as práticas de pré-julgamentos imediatistas e o linchamento virtual, que frequentemente provocam danos psíquicos às vítimas.

No entanto, o fato de as mães estarem em um grupo de maternidade, com a mediação de outras mulheres também mães que controlam os *posts* e os conteúdos, faz com que esses fenômenos desagradáveis sejam evitados. Nota-se, portanto, que, apesar de haver uma exposição da intimidade pessoal, há também certa proteção e acolhimento do que circula no grupo.

## 4.6 FRUSTRAÇÃO

*Post:*<sup>11</sup>

**Mãe 30 (20/12/2019):**

*Boa tarde. Eu não sei qual grupo teria para falar sobre isso. Mas preciso colocar pra fora a frustração com meu corpo que estou sentindo. Eu tentei construir na minha cabeça a narrativa de aceitação de meu corpo, que ele só existe pq minha filha existe, mas na maior parte do tempo me sinto mal. Eu tenho vergonha de usar todas as minhas roupas. Não me sinto bem em mais nada. Minha barriga está flácida é grande. Já até me perguntaram se estou grávida de novo em um casamento que estava usando um vestido. Eu não sei se tenho diastese pq não consigo cuidar de mim. Queria fazer academia ou exercícios em casa mas estou exausta com o maternar. Fico vendo mulheres que emagrecem com a amamentação e me sinto frustrada. Ao mesmo tempo me sinto mal por perceber que estou sendo gordofóbica comigo mesma. Sempre fui gorda mas o que me incomoda agora é o aspecto da minha barriga. Sinto que não posso mais exercer meu lado mulher. Foi como se tivesse morrido e me tivesse sobrado só o lado de ser mãe. As pessoas dizem que por minha filha ter ainda 8 meses pode ser que melhore. Mas estou muito deprimida e não tenho vontade de me arrumar nem de sair de casa.*

---

11 Acesso em: 25 maio 2021.

**Comentários:**

**Mãe 31:** *O maternar é muito puxado mesmo, e quanto a essas mulheres que voltam a malhar, pode ter ctza que nas redes sociais só postam o lado bom, pra gente achar que é td muito fácil! O corpo demora muito pra desinchar é normal! Mas se vai te fazer bem faça algo por vc, atividade física realmente melhora o humor a auto estima, mas não se cobre tanto e nunca, jamais se compare a ninguém, acolha a vc, seus sentimentos, suas marcas, seu corpo fazem parte da nova mulher que vc se tornou e saiba que é assim com td mundo, vc não esta sozinha! um grande abraço! Você é linda!*

**Mãe 32:** *Estou assim TB, minha filha tem 2 anos e até agora n consegui me organizar, sem rede de apoio em casa fica bem difícil, eu ainda tenho diástase, e n consigo cuidar dela. mas tudo passa, vai dá tudo certo. obs: a minha diástase é comprovada pelo médico e exames.*

Esse post aborda o descontentamento das mães com o próprio corpo e a autoimagem no pós-parto.

Nos tempos em que Winnicott vivia, o imperativo de beleza das mulheres promovia os ciúmes umas das outras, e elas se sentiam culpadas por isso. Tinham que se mostrar jovens e bonitas, negando a passagem do tempo mesmo ao lado de suas filhas.

No mundo contemporâneo, as tiranias da beleza capturam todas as idades, impondo um ideal de corpo magro, esbelto, firme e jovem. As intervenções cirúrgicas e os procedimentos estéticos ganham expressividade rapidamente, e pessoas cada vez mais jovens procuram esses recursos.

É possível, atualmente, transformar o corpo inteiro, dada a sofisticação da tecnologia:

*A cultura da beleza-destino (a beleza como “dom divino” ou dádiva da natureza) foi substituída pelo reinado da beleza voluntarista, por uma cultura ativista e performativa da beleza, expressão estética do princípio moderno de domínio ilimitado do mundo e de livre posse de si. (LIPOVETSKY, 2015, pp. 352-353)*

O padrão estético internacional atual é um corpo longilíneo, sexy, que faz dieta e exercícios físicos, usa maquiagem e produtos de cuidados diários e faz cirurgia estética.

Os inúmeros recursos tecnológicos que existem nas mídias digitais têm a capacidade de alterar, corrigir, melhorar, “photoshopar” as imagens a fim de atingir uma

perfeição editada. Isso tem provocado muitas insatisfações, frustrações e até depressão em pessoas que se comparam com essas imagens perfeitas impossíveis de se alcançar.

No universo das mães, o imperativo da beleza é muito duro e injusto. Não faltam fotos espalhadas na internet de mães que acabaram de parir seus filhos e estão sem barriga. Celebidades ou mulheres famosas em um curto período de tempo pós-parto eliminam os quilos adquiridos na gravidez. No ambiente digital, fica estampado somente o resultado de uma mãe com um corpo perfeito; no entanto, são desconsiderados tanto o trabalho envolvido para isso quanto as facilidades adotadas.

As mães, fragilizadas pelo puerpério e por cuidar de um bebê, se sentem frustradas, impotentes e inferiores às demais porque seus corpos não retornam ao estado pré-gravídico no mesmo tempo em que as outras. Essa comparação, alimentada pela exibição dos corpos desnudos e editados nas redes sociais, contribui para o mal-estar das mães e o agravamento de sua saúde mental.

## 4.7 CIÚMES

**Post:**<sup>12</sup>

**Mãe 33 (02/10/2020):**

*Olá meninas me chamo Mãe 33 sou mãe de X de 19 de anos, de Y com 8 anos e do caçula W com 71 dias ... Gostaria de saber como vcs tem lidado com o ciúmes ... o Y adora o irmão quer ajudar pega no colo mas eu percebi que agora ele tem ficado com ciúmes do irmão mais novo...Ele aperta..., Cutuca quando está dormindo...Emburra a chupeta na boca do bebê com força, Quando ele tomou vacina na perninha ele apertou a perna do irmão, quer pular na cama quando o irmão está deitado ...não posso ficar longe tem que vigiar a todo instante...Quando eu pergunto para o Y pq o irmão está chorando ele diz que foi se querer...Esses dias eu cochilei com o bebê no colo e acordei no exato momento em que o estava pronto para apertar a bochecha do pequeno...Ele até tomou um susto na hora que me viu olhando para ele...vendo o que ele iria fazer...De verdade já conversei...Ele chora fala que não é um bom irmão que eu e o papai não gostamos mais dele que ele não é bom filho.. faz um drama...Mas sempre colocamos o Y junto de tudo que fazemos...O pai toma banho com os dois...Brinca com ele sempre quando está em casa... eu tbm estou junto dou carinho leio história antes de dormir...Assistimos as aulas da escola ajudo nas lições pq ele tem TDAH...Mas percebi que o ciúmes*

12 Acesso em: 25 maio 2021.

*tem ficado mais intenso e não sei mais como lidar para ajudá-lo. Agradeço o espaço para desabafar...*

### **Comentários:**

**Mãe 34:** *E super normal o irmão sentir ciúmes. Não adianta tentar se convencer de que os dois são tratados da mesma maneira pq a gente sabe que não. O mais novo necessita de maiores cuidados. Todos papericam um novo bebê, até nossa cultura já é de levar um presentinho para o recém nascido. Mas o mais velho sente essa atenção excessiva. Nós tbm somos assim. Quando nossa amiga faz uma nova amizade ficamos com ciúmes, quando nosso companheiro (a) surge com um novo amigo (a) ou uma nova atividade que antes não existia. Tbm lidamos com essas frustrações. E não, não é birra. Ele está confuso com o que sente pq ele mesmo disse que não era um bom irmão, pq ele percebeu que sentiu vontade de machuca-lo. A diferença é que você pode validar esse sentimento oi tentar fingir que não está acontecendo. Eu sugeriria para que você ajudasse seu filho a dar nome a esses sentimentos que ele está sentindo. Dizer a ele que ele está com raiva, ciúmes e etc. E falar a ele, mostrar fotos dele bebê, de dizer como ele era vulnerável tbm e precisava de cuidados assim como o novo irmão precisa. Só que dessa vez ele pode ajudar com isso. E é fundamental ter momentos só com ele, sem o pequeno. Lembrei que que até os maridos sentem ciúmes do filho novo. Todos nos falamos pra termos momentos a sós com o marido, mas esquecem que os filhos anteriores tbm precisam ter esse momento. Ficam bem e desejo tudo de melhor.*

**Mãe 35:** *Vcs tem um tempo só pra ele? Tipo, vc fica com o pequeno e o pai vai ficar com ele, tomar banho com ele, jogar um joguinho com ele. Depois o pai fica com o pequeno e é a sua vez de tirar uma horinha só pra ele. O comentário da Mãe 99 está sensacional. Vai dar tudo certo. Bjs.*

Nesse grupo de mães, o ciúme se manifestou nos seguintes contextos: algumas mães disseram se preocupar com o ciúme do primogênito em relação ao nascimento do segundo filho, de como a vida se sucederá com os dois filhos; o relato da regressão do filho mais velho ao voltar a urinar na roupa e na cama após o desfralde e o ciúme do irmãozinho mais novo; o ciúme entre os membros da família (exemplo: enteada com ciúme do padrasto); o ciúme em relação ao bebê.

A dificuldade da mãe em lidar com a situação de ciúmes dos filhos faz com que recalque ainda mais a sua existência, não admitindo a sua manifestação de maneira

natural. Para Winnicott (1960/1999), o ciúme é normal e saudável, próprio daquele que ama.

De acordo com Winnicott (1964/2013), há mais pontos positivos em ter uma família grande do que ter um filho único. O filho único não tem companhia para brincar e sua vida fica mais reduzida por não ter irmãos mais velhos e mais novos com quem se relacionar. Dessa forma, a criança não desenvolve as brincadeiras com outras crianças próximas, deixando de experimentar o prazer infantil da irresponsabilidade, da inconsequência e da impulsividade para ajudar a mãe nas tarefas domésticas e utilizar as ferramentas do pai.

Além disso, o filho único perde a oportunidade de testemunhar a rica experiência de ver a mãe cuidando de um bebê e depois retornar ao seu próprio eixo. Perde a oportunidade de sentir crescer o ódio dentro de si por seu irmão mais novo que, com o tempo, se transformará em amor. Ou seja, o filho único é alguém que tem mais dificuldade de lidar com a própria agressividade, pois tem menos ocasiões para manifestar seu ódio por meio das brincadeiras.

Um novo filho confirma a paixão que existe entre os pais, trazendo uma sensação de segurança, união e de estrutura familiar. Também confere a possibilidade de vivenciar diferentes papéis nas relações dentro da família de um modo informal, adquirindo experiência prática com os outros. Na velhice dos pais, pode dividir a responsabilidade pelo cuidado e pela assistência deles com os irmãos.

Os comentários das Mães 34 e 35 sugerem à mãe que pede ajuda que tenha momentos apenas com o filho mais velho para atenuar os ciúmes que sente do irmão. Mas, será que isso é possível e viável para a realidade daquela mãe?

## 4.8 INTUIÇÃO

*Post:*<sup>13</sup>

**Mãe 36 (07/04/2020):**

*Olá , grupo. Queria deixar aqui meu relato e agradecimento. O Z. completa seis meses, em LM e LD. No início foi uma batalha, a hora de amamentar eu chamava de “batalha das tetas”, ele chorava muito e brigava. Isso aconteceu, pois no hospital uma enfermeira me disse que eu não tinha leite e que ele não estava com a pega certa, fez um terror básico e com a perda de mais de 15% do peso de nascimento, meu esposo e eu ficamos em pânico. Quando fui para casa, totalmente sem orientação, dei uma mamadeira de suplemento, o resultado foi de que ele não queria mais peito. Chorei por mais de duas semanas, ele perdeu mais peso, a pediatra começou a se preocupar e pediu para*

13 Acesso em: 25 maio 2021.

*eu seguir com o suplemento. Mas alguma coisa me dizia para não fazer isso, aí encontrei o grupo e comecei a entender o que estava acontecendo, mesmo sem pedir ajuda a recebi por meio das histórias postadas. Procurei o banco de leite tbm. Resultado, em um mês ele ganhou mais de 1kg, só no LM, assim respirei aliviada. Hoje ele é um penduricalho de seio, ama um tetê e agora está aceitando bem a IA. Então mamães que acabaram de ter seus bebês, SIGAM SUA INTUIÇÃO e saibam que toda nossa perseverança vale a pena. Obrigada grupo, seus concelhos tem me auxiliado a me sentir menos culpada, mais forte e me sentir mais acolhida na maternagem.*

### **Comentários:**

**Mãe 37:** *É realmente lamentável como os profissionais de saúde dão primazia a forma mais fácil. Não a melhor, mas a mais fácil. Tbm fui muito desestimulada pelos médicos e enfermeiros a amamentar. “A criança cansa e perde peso, aí fica suscetível a infecção” era o que eu mais ouvia!! Nós, mães, na maioria das vezes precisamos seguir nossos instintos, ainda bem que vc é uma guerreira.*

**Mãe 38:** *Toda vez que leio, histórias de amamentação é lindo demais. Amamentar é um ato político, é informação, é persistência. Lindo demais, por aqui estamos chegando aos 3 anos de amamentação em LD. Estamos juntas nessa!*

**Mãe 39:** *[...] a minha U. tbm segue aqui com 2a9m firme e forte. É o amor da vida dela os peitinhos!*

**Mãe 40:** *O meu 3 anos e meio. Amamento mesmo.*

O *post* da Mãe 36 é um alerta às outras mães para seguirem sua intuição quando tiverem de decidir algo em relação a seus filhos. A intuição contém uma sabedoria materna, pois são as mães que conhecem melhor os filhos e suas necessidades.

No entanto, os três comentários relacionados ao *post* contêm um tom professoral sobre a amamentação, como se uma amamentação prolongada fosse sinal de uma boa maternagem, de bons cuidados: *“ainda bem que vc é uma guerreira”*; *“Amamentar é um ato político, é informação, é persistência [...] por aqui estamos chegando aos 3 anos de alimentação em LD”*,<sup>14</sup> *“a minha U. segue aqui com 2 a9m firme e forte”*; *“O meu 3 anos e meio. Amamento mesmo”* (grifos nossos).

Além disso, nesse caso, parece-me que implicitamente há uma comparação/competição sobre quem amamenta por mais tempo. Ora, com essa abordagem, como se sente a integrante do grupo que presencia esses diálogos e que por vários motivos não

14 LD: livre demanda.

tenha conseguido amamentar seu filho? Será que essa rede de apoio virtual cumpre, de fato, a regra número um, que é a empatia?

É preciso lembrar que Winnicott (1968/2020a) não romantiza a amamentação como ocorre hoje no discurso social contemporâneo, em que há uma ditadura do peito. O autor considera a amamentação importante, porém também acredita que há outras formas de se criar intimidade entre mãe e bebê. Nos casos em que a mãe tinha dificuldades de amamentar seu bebê, era preferível que oferecesse a mamadeira a ter de forçar a mãe a amamentá-lo. Nesse ato, a mãe troca olhares com seu filho e segura-o com cuidado e segurança, estabelecendo um contato físico entre os dois.

Ao narrar suas dificuldades em amamentar, a Mãe 36 aconselha as mães do grupo a seguirem a sua intuição. Sobre a intuição, as outras mães não se manifestam, apenas se mostrando a favor da amamentação.

O material selecionado levou-nos a refletir sobre a ética implícita nos *posts*. Percebemos que há uma ética da partilha e do desabafo, na qual as mães se propõem a utilizar o espaço da internet (grupo de mães do Facebook) com fins de solicitar conselhos, informações, ajuda, dicas, atendendo à necessidade humana de se comunicar com o outro:

**Mãe 1:** “*Vim pedir conselhos e experiências de mães que escolheram parar de trabalhar para ficar com os filhos*” (grifos nossos).

**Mãe 6:** “*Me perdoem pelo texto enorme, mas estou MT angustiada e precisava desabafar*” (grifos nossos).

**Mãe 9:** “*Oi gente, venho triste, atrasada e sem chão pedir ajuda sobre uma falta de conexão entre mãe e filha. [...] queria apenas alguma luz sobre como fazer uma filha gostar de mim, [...] Alguém tem alguma dica de como criar algum laço?*” (grifos nossos).

**Mãe 20:** “*Hoje meu pedido é de orientação de como deixar a rotina menos pesada e principalmente dividir a atenção na medida certa, pois entendo que cada um dentro da sua idade tem uma necessidade diferente, mas quais?*” (grifos nossos).

**Mãe 23:** “*não consigo me posicionar não sei se por medo das críticas ou se por ainda errar muito [...] O que acham?*”

**Mãe 30:** “*Eu não sei qual grupo teria para falar sobre isso. Mas preciso colocar pra fora a frustração com meu corpo que estou sentindo. Eu tentei construir na minha cabeça a narrativa de aceitação de meu corpo, que ele só existe pq minha filha existe, mas na maior parte do tempo me sinto mal. Eu tenho vergonha de usar todas as minhas roupas. Não me sinto bem em mais nada*”.

**Mãe 33:** “*Gostaria de saber como vcs tem lidado com o ciúmes... Mas percebi que o ciúmes tem ficado mais intenso e não sei mais como lidar para ajudá-lo. Agradeço o espaço para desabafar...*” (grifos nossos).

**Mãe 36:** “*Olá grupo, queria deixa aqui meu relato e agradecimento. [...] Então mães que acabaram de ter seus bebês, SIGAM SUA INTUIÇÃO e saibam que toda nossa perseverança vale a pena. Obrigada grupo, seus concelhos têm me auxiliado a*

me sentir menos culpada, mais forte e me sentir mais acolhida na maternagem” (grifos nossos).

O grupo de mães exerce uma função de autoajuda para as mães, sendo uma rede de apoio mútuo em que as mulheres se posicionam de forma igualitária, expressando suas angústias e desabafando suas questões pessoais. Há uma troca de informações e experiências entre iguais (mães), o que de certa maneira as humaniza ao se depararem com as histórias umas das outras, que são semelhantes ou mais complicadas que as suas.

De outra parte, observamos que as perguntas das mães revelam um desespero, na tentativa de buscarem fora de si, no grupo, respostas que satisfaçam ao ideal de mãe completa e eliminem as angústias da maternidade, como se isso fosse possível.

As mães frustradas com a experiência da maternidade parecem buscar alguma validação, algum direcionamento do que é ser mãe no grupo, acreditando em soluções rápidas, completas e definitivas.

A competição e a comparação estabelecidas e retroalimentadas pelas próprias mães estão a serviço de uma onipotência materna, existe na maternidade a oportunidade de a mãe ser valorizada de alguma forma, já que socialmente é ainda tão desqualificada por ser mulher. Tanto é assim que algumas mulheres aternodefendem esse lugar de mãe como uma identidade fixa e definidora do que são, não aceitando opiniões de outras mulheres que não sejam mães.

É curioso notar que, muito embora estejamos considerando aqui a mulher-mãe contemporânea dos *posts*, alguns sofrimentos são comuns aos das mães da época de Winnicott, como : sentimento de culpa, idealização do amor materno, cansaço materno, insegurança, sensibilidade a críticas e julgamento, ciúmes e frustração.

Outra observação importante é como as mães estão impregnadas pelas práticas neoliberais de trabalho e performance, na medida em que o termo *burnout*, utilizado inicialmente no meio corporativo, é adotado aqui como efeito do exercício exaustivo da maternidade. Muito embora saibamos que cuidar de filhos é mesmo um trabalho intenso, constante e desafiador, há uma reprodução do modelo de trabalho atual, em que se exige performance e produtividade nos cuidados maternos.

Diante disso, é impossível hoje falar de mãe, maternidade e cuidados maternos sem considerar os ditames do social, do capitalismo e do patriarcado ainda vigente, além das influências das mídias digitais. Também não podemos esperar que as mães ofereçam para os filhos muita presença com os filhos, porque isso não se sustenta na contemporaneidade, tal como na época do pós-Segunda Guerra.

Talvez os desabafos maternos não encontrem solução e só sirvam como manutenção das queixas das mães. Talvez os desabafos maternos sejam a única possibilidade, ainda que incipiente, de alguma elaboração das angústias das mães. E, nesse sentido, o grupo pode ser um primeiro espaço ou um dos espaços possíveis para as mães construir a própria identidade materna, o seu percurso de aprendizado como mães ou mesmo a conscientização de que certas angústias fazem parte da maternidade e da vida.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Cultura é o nome daquilo que as pessoas estão interessadas, seus pensamentos, seus modelos, os livros que elas leem e os discursos que ouvem, suas conversas à mesa, fofoca, controvérsias, senso histórico e formação científica, os valores que apreciam, a qualidade de vida que admiram. Todas as comunidades têm uma cultura. É o clima de sua civilização. (Lippmann, 1982, p. 385, tradução nossa)*

Nesta obra, pretendemos demonstrar a comparação entre as culturas dos cuidados maternos veiculadas pelos dois meios de comunicação: o do rádio na Inglaterra no pós-Segunda Guerra e o das mídias digitais no Brasil na contemporaneidade.

No decorrer da pesquisa, pudemos observar as seguintes diferenças entre as palestras radiofônicas de Winnicott e o grupo de mães do Facebook:

## **QUANTO AO TIPO DE ÉTICA**

- Ética do cuidado nas palestras radiofônicas;
- Ética do compartilhamento/do desabafo e do consumo no grupo de mães.

Como vimos no Capítulo 3, por meio de suas palestras radiofônicas, Winnicott transmitia uma ética do cuidado, preocupando-se em dar um apoio às mães na criação de seus filhos, fazendo-as refletir sobre seus comportamentos e reforçando suas qualidades.

No grupo de mães do Facebook, verificamos uma outra ética, que denominamos como ética do compartilhamento, ou do desabafo, ou da exibição.

No grupo do Facebook, as mães compartilham informações, dúvidas e angústias sobre a maternidade, fazem desabafos, depoimentos das dificuldades cotidianas em lidar com seus filhos, desde bebês até os mais crescidos, e se submetem à lógica da exibição de si.

Como muito bem abordado por Bauman (2008), há um impulso das pessoas, independentemente da idade, de exibir publicamente o seu eu interior, a sua intimidade.

Antes, a vida interior do indivíduo, a intimidade representava algo a ser preservado para as pessoas mais próximas ou para aquelas com quem se tinha uma relação afetiva. Atualmente, observamos que os que resguardam sua intimidade são invisíveis e excluídos socialmente. Há uma exposição física, social e psíquica socialmente aceita e banalizada.

A exibição das mães feita na internet normalmente corresponde àquilo que gostariam de ser ou à fantasia que têm de como os outros gostariam de vê-las. E, assim, há uma imagem virtual fabricada, editada e falsificada das mães, diferentemente da apresentada por Winnicott, que propunha a espontaneidade destas.

## **QUANTO AO TIPO DE COMUNICAÇÃO COM AS MÃES**

- Empatia (de Winnicott) com as mães ouvintes da rádio.

Observamos em todas as palestras a capacidade de Winnicott de se identificar com as mães, compreender as suas necessidades, incentivando-as a assumir as próprias habilidades e capacidades de serem mães.

- Julgamentos e críticas (entre as mães) nas mídias digitais.

De outra parte, apesar de muitos comentários apresentarem palavras de acolhimento e compreensão, notamos também que julgamentos e críticas são muito frequentes no grupo de mães do Facebook. Uns são mais evidentes, como: “Vcs tem um tempo só pra ele? Tipo, vc fica com o pequeno e o pai vai ficar com ele, tomar banho com ele, jogar um joguinho com ele. Depois o pai fica com o pequeno e é a sua vez de tirar uma horinha só pra ele”. Outros são disfarçados de consideração, porém contêm julgamentos implícitos, como: “Toda vez que leio, histórias de amamentação é lindo demais. Amamentar é um ato político, é informação, é persistência. Lindo demais, por aqui estamos chegando aos 3 anos de amamentação em LD. Estamos juntas nessa!”.

### **Quanto ao saber do outro [sub1]**

- No rádio: um especialista em psicanálise (Winnicott).

No rádio, a cultura dos cuidados maternos era transmitida por um médico, pediatra, psicanalista, um profissional da área da saúde com conhecimentos teóricos e práticos devido à sua experiência clínica.

Seu modo de falar à audiência corresponde à atitude ética da psicanálise: de respeito ao outro e ao saber intuitivo da mãe devotada comum. Não privilegiava a transmissão de conhecimentos técnicos ou adotava um tom professoral.

- Nas mídias digitais: experiência de um igual (senso comum).

Nas mídias digitais, especialmente no grupo de mães do Facebook, verificamos um conjunto de mães que trocam experiências entre si, com outras mães, na maioria das vezes desconhecidas. Trata-se de uma interação eletrônica entre iguais, que se juntam para falar sobre um tema comum: a maternidade. Não há uma autoridade de saber no grupo. Todas as mães possuem igual direito de manifestação e expressão. Todavia, não há a preocupação de divulgarem informações com base científica, mencionando fontes. É uma conversa de achismos e opiniões.

## QUANTO AO TEMPO

- No rádio: hora marcada.

Os programas do rádio em que Winnicott apresentava suas palestras eram previamente agendados e respeitavam a programação da BBC de Londres, com horário e tempo de duração definidos.

- Nas mídias digitais: tempo real.

O grupo de mães do Facebook funciona em tempo real. Qualquer mãe pertencente ao grupo pode formular uma questão ou um comentário a qualquer hora do dia. Após formulado o *post*, ele é avaliado por uma das mediadoras do grupo antes de ser publicado. Na sequência, estará disponível para qualquer mãe do grupo responder ou comentar.

## QUANTO À EXPRESSÃO DA MULHER

- No rádio: participação como ouvinte e locutora de acordo com uma programação previamente planejada; contribuição de suas falas para o trabalho de Winnicott.

Apesar de o rádio ter sido um veículo muito importante para a introdução da mulher na sociedade, ainda assim a participação da mulher era reduzida a ser ouvinte ou locutora, conforme as programações com datas e horários fixos.

Todavia, foi a partir da fala das mulheres-mães, seja de atendimentos clínicos ou de grupos de mães, que Winnicott elaborou várias de suas palestras.

- Nas mídias digitais: oportunidade de dar voz aos seus sentimentos e angústias.

Nas mídias digitais, observamos uma maior expressividade das mães e das mulheres em geral ao manifestar seus desejos, fazer suas reivindicações, compartilhar sentimentos e angústias, que sempre foram tão reprimidos pela sociedade em geral.

Assim, podemos afirmar que as palestras radiofônicas possibilitavam às mães o pensar, encorajando-as a serem mães. Incentivavam-nas a estarem disponíveis para o filho. Divulgavam o cuidado suficientemente bom. De certa maneira, Winnicott tranquilizava as mães com suas palavras de cuidado.

A maternidade por si só é um estado que normalmente gera angústias e dúvidas. Temos observado que atualmente há uma ansiedade materna em obter uma resposta imediata para as questões. E o funcionamento das mídias digitais contribui para o aumento da ansiedade das mães, na medida em que se comparam com outras mães e tentam cumprir um ideal de maternidade impossível. Sabemos, também, que o bebê precisa de experiências calmas, sentir-se amorosamente acolhido, sem pressa, sem impaciência e sem tensão, até para poder construir uma relação de intimidade com a mãe.

Nesse cenário, as mídias digitais podem ter pontos negativos: deixar as mães desorientadas com tantas informações e opiniões contraditórias; desconectar as mães da própria intuição e deixá-las mais ansiosas e agitadas para o exercício da maternagem.

Ainda assim, as mídias digitais podem apresentar pontos positivos: algumas queixas e dúvidas urgentes das mães são respondidas prontamente pelas demais membros do grupo, o que alivia a angústia dessas mães; a troca de informações online entre as mães representa um instrumento de aproximação e um lugar de pertencimento, um recurso contra a solidão materna; suprem a necessidade das mães de se comunicar com outras mulheres-mães e, em se tratando de mundo contemporâneo, a necessidade de conexão com o outro; é um espaço em que as mães podem ter contato com suas próprias angústias e podem se conscientizar de seus sofrimentos para eventualmente buscar uma análise.

Além de tudo o que foi relatado, parece que as respostas para as perguntas no grupo do Facebook são insuficientes e superficiais, não atendendo às reais necessidades das mães. Assim, consideramos que as contribuições de Winnicott às mães transmitiam mais segurança e confiabilidade, o que não encontramos nas conversas do grupo de mães do Facebook.

Sendo assim, pensamos em uma proposta de intervenção terapêutica com o projeto de um grupo terapêutico presencial para mães, que vise o cuidado e a promoção de saúde mental. Esse trabalho será realizado por meio de rodas de conversas conduzidas por esta pesquisadora e psicanalista, com uma comunicação afetiva e em um ambiente suficientemente bom, que inicialmente proporá um tema como gatilho dos diálogos entre as mães. Nos encontros seguintes, serão abordados temas sugeridos pelas próprias mulheres-mães nos encontros anteriores, com a mediação desta pesquisadora. Usar alguma mediação de materialidade que desperte o lado lúdico e prazeroso das mulheres envolvidas é uma possibilidade.

Haverá também palestras ministradas por esta pesquisadora e psicanalista com temas relacionados à maternidade, uma vez que é um acontecimento transformador para a mulher.

Assim, essa proposta de intervenção terapêutica favorecerá não apenas as mães e suas famílias, como também a sociedade, visto que os cuidados maternos têm uma função social por promoverem um amadurecimento saudável do indivíduo e, conseqüentemente, uma sociedade melhor. Para que haja um desenvolvimento em nível civilizatório, os países devem investir mais na visibilidade, na conscientização e no reconhecimento social das mães, da função materna, dos cuidados com os filhos. E, para isso, é preciso também que sejam repensadas as redes de apoio às mães: a familiar, a doméstica, a profissional e a estatal.

Lembrando as palavras de Winnicott ([1957/2011, p. 119) ao enfatizar a importância dos cuidados maternos suficientemente bons tanto para a saúde mental do indivíduo como para a sociedade:

*toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher. [...] Eu enfatizaria, uma vez mais, que o resultado de tal reconhecimento – quando ele aparece – não vai ser a gratidão, nem elogios. O resultado vai ser a diminuição em nós mesmos de um medo. Se nossa sociedade retardar o reconhecimento pleno dessa dependência, que é um fato histórico no estágio inicial do desenvolvimento de cada indivíduo, haverá um bloqueio tanto no progresso quanto na regressão, um bloqueio que se baseia no medo. Se o papel da mãe não for verdadeiramente reconhecido, então permanecerá um medo vago da dependência.*

Por fim, entendemos que, muito embora os meios de comunicação mais utilizados de determinada época contribuam para divulgar a cultura dos cuidados maternos, as mães podem ser mães suficientemente boas se se entregarem à experiência da maternagem de forma espontânea. É pela experiência que elas podem acreditar em si mesmas, evoluir como seres humanos e tornar rica a personalidade de seus filhos. Para isso, é preciso que as mães tenham um tempo suficientemente bom com o bebê ou a criança, um tempo tranquilo, calmo e prazeroso.

Concluimos também que a maternidade exige mais que cuidados terapêuticos; é necessário ser compreendida como uma função de qualquer adulto que tenha capacidade de se responsabilizar por uma criança, e não somente ser atribuída à mulher que gesta. Apesar de Winnicott ter dirigido suas palestras às mães, vez ou outra mencionava pai e mãe. Mas, naquela época, os cuidados maternos se concentravam muito na figura da mãe. Na cultura brasileira, é possível visualizar maior interesse dos pais em exercer a função materna. No entanto, as mulheres ainda são as mais responsabilizadas, cobradas, sobrecarregadas e solitárias nos cuidados dos filhos. Pensamos que a cultura de “o filho é da mãe” contribui para o desamparo, o arrependimento, a exaustão, a frustração e a desistência das mães da maternidade.



## REFERÊNCIAS

- ABUNDANCIA, R. Carga mental: a tarefa invisível das mulheres de que ninguém fala. **El País**. 7 mar. 2019. Seção Brasil. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732\\_315309.html?prm=enviar\\_email](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/01/politica/1551460732_315309.html?prm=enviar_email). Acesso em: 1 jan. 2021.
- ADÈS, ROBERT, and Robert Adès (eds), 'Index of Available Audio Recordings', in Robert Adès (ed.), *The Collected Works of D. W. Winnicott: Volume 12, Appendices and Bibliographies*. Disponível em: <https://www.oxfordclinicalpsych.com/view/10.1093/med:psych/9780190271442.001.0001/med-9780190271442-chapter-11>. Acesso em: 11 jan. 2022.
- AMARAL, A. C. D. A grande dificuldade dos pais é assumir que são aprendizes. [Entrevista cedida a] **Revista Encontro**, Minas Gerais, 11 fev. 2021.
- ANTONIADES, P. A new kind of mother. Meet the digital moms. **Medium**, jun 29, 2018. Disponível em: <https://medium.com/hivebreed-stories/a-new-kind-of-mother-meet-the-digital-moms-233ae4c9c427>. Acesso em: 4 abr. 2022.
- ANZIEU, D. **O Eu-pele**. Tradução: Zalkie Yazigi Rizkallah e Rosaly Mahfuz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1989.
- Archer, C. (2019). How influencer 'mumpreneur' bloggers and 'everyday' mums frame presenting their children online. *Media International Australia*, 170(1), 47–56. <https://doi.org/10.1177/1329878X19828365>
- ARKANGEL. (Temporada 4, Episódio 2). **Black Mirror** (série). Direção: Jodie Foster. Channel 4/Netflix: EUA, 29 dez. 2017. (52 min).
- AYOUCH, T. Genealogia da intersubjetividade e figurabilidade do afeto: Winnicott e Merleau-Ponty, **Psicologia USP**, São Paulo, v. 23, n. 2, pp. 253-274, 2012.

- BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Tradução: Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. 8. ed. Tradução: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BAILEY, M. The Angel in the Ether: early Radio and the constitution of the Household. In: BAILEY, M. (ed.). **Narrating Media History**. London: Routledge, 2009. p. 52-65.
- BARROS, M. D. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Tradução: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BBC LIGHT PROGRAMME. [S. l.: s. n.]. Mrs Dale's Diary – Episode 1. 2021. 1 vídeo (12 min.). Publicado pelo canal RandomRadioJottings. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Br5tVtS9W3A>. Acesso em: 18 out. 2021.
- BONDÍIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução: João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, pp. 20-28, jan., fev., mar., abr. 2002.
- BRUNO, F. A economia psíquica dos algoritmos: quando o laboratório é o mundo. **Nexo**, 12 jun. 2018. Disponível em: [https://www.nexojornal.com.br/ensao/2018/A-economia-ps%C3%ADquica-dos-algoritmos-quando-o-laborat%C3%B3rio-%C3%A9-o-mundo?fbclid=IwAR15jcmc9uNFO\\_uXAvCb-dA0ZujJyFO42BiBmx7dMgzgRisZuvIst1Y-Info](https://www.nexojornal.com.br/ensao/2018/A-economia-ps%C3%ADquica-dos-algoritmos-quando-o-laborat%C3%B3rio-%C3%A9-o-mundo?fbclid=IwAR15jcmc9uNFO_uXAvCb-dA0ZujJyFO42BiBmx7dMgzgRisZuvIst1Y-Info). Acesso em: 8 out. 2020.
- CARLETTI, R; SAFRA, G. Intimidade em tempos digitais: o esquecimento da relação face a face, **Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XXVII-01, pp. 37-45, 2021. DOI 10.18065/2021v27n1.4
- CHARLES, S; LIPOVETSKY, G. **Os tempos hipermodernos**. Tradução: Luís Filipe Sarmiento. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2019.
- CHARLES, LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2004.
- CHARLES, LIPPMANN, W. **The Essential Lippmann**: A Political Philosophy for Liberal Democracy. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1982.
- CHARLES, LIPOVETSKY, G. **A era do vazio**: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2004.
- CHARLES, LIPOVETSKY, G; SERROY, J. **A estetização do mundo**: viver na era do capitalismo artista. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- CLASSIC BBC RADIO THEME: HOUSEWIVES CHOICE. [S. l.; s. n.]. 2009. 1 vídeo (2 min.). Publicado pelo canal Mark Holding. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qqsp413SXuQ>. Acesso em: 18 out. 2021.

- COULDRY, N. Making data colonialism liveable: how might data's social order be regulated? *Internet Policy Review*, v. 8, n. 2, 30. jun. 2019. DOI: 10.14763/2019.2.1411
- COWAN, D. "Modern" parenting and the uses of childcare advice in post-war England, *Social History*, v. 43, n. 3, pp. 332-355, 2018. DOI: 10.1080/03071022.2018.1472885
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DIAS, E. O. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. 3. ed. São Paulo: DWW Editorial, 2014. *E-book*.
- DIAS, F. C. **Winnicott e a identidade feminina: uma análise histórico-crítica**. 2021. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de Psicologia, São Paulo, 2021.
- DONATH, O. **Mães arrependidas: uma outra visão da maternidade**. Trad. Marina Vargas. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- FAMÍLIA: O bom lar comum. São Paulo: Winnicott Urgente, 2021. (1:35:19). Refere-se a uma palestra nesse link: <https://www.youtube.com/watch?v=H2haN2fsiP4>
- FAZZIO, F. E. **O tempo e o impacto da experiência estética na era da pre(s)sa: psicanálise e teatro performático**. 2019. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.
- FERRANTE, E. **A filha perdida**. Tradução: Marcello Lino. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.
- FERRAZ, M. C. F. Estatuto paradoxal da pele e cultura contemporânea: da porosidade à pele teflon, *Galaxia*, São Paulo, n. 27, pp. 61-71, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-25542014115910>. Acesso em: 6 ago. 2021.
- FERREIRA, T. H. O tempo de qualidade na parentalidade. **Revista da Associação Portuguesa de Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica**, v. 9, dez. 2018.
- FIDALGO, A. Novas massas e novos poderes: massas na era da Internet. In: LOPES, M. I. V.; KUNSCH, M. M. K. (org.). **Comunicação, cultura e mídias sociais**. São Paulo: ECA-SP, 2015, pp. 23-32.
- FIGUEIREDO, L. C. [S. l.: s. n.]. A virtualidade do dispositivo psicanalítico. Setting virtual. Anna Silvia Rosal de Rosal recebe Luis Cláudio Figueiredo (PARTE 01). 2020. 1 vídeo (15 min.). Publicado pelo canal Anna Silvia Rosal de Rosal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=n10G82KjRyE&t=10s>. Acesso em: 2 out. 2020.
- FONTES, I. **Psicanálise do sensível: fundamentos e clínica**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2010.
- FOSSILIEEN, L; DUFFY, M. W. How to Combat Zoom Fatigue. **Harvard Business Review**, April 29, 2020.

- FREUD, S. (1923). O eu e o id. *In: Obras Completas*. Tradução: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. pp. 9-64.
- FULGENCIO, L. A mãe possível. [Entrevista cedida a] Deborah de Paula Souza. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 5 jun. 2012. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/fsp/equilibrio/46856-a-mae-possivel.shtml>. Acesso em: 6 jan. 2022.
- FULGENCIO, L. **Psicanálise do ser**: a teoria winnicottiana do desenvolvimento emocional como uma psicologia de base fenomenológica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2020.
- FUREDI, F. **Paranoid parenting**: why ignoring the experts may be best for your child. London, New York: Continuum, 2008.
- FUREDI, F. **Why Borders Matter**: Why Humanity Must Relearn the Art of Drawing Boundaries. London, New York: Routledge, 2021.
- GARRAFA, T. Primeiros tempos da parentalidade. *In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. (org.). Parentalidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. pp. 55-69. (Col. Parentalidade & Psicanálise).
- GUERRA, V. El ritmo y la ley materna en la subjetivación y en la clínica in-fantil. **Revista Uruguaya de Psicoanálisis**, v. 120, pp.133-152, 2015.
- HAN, B.-C. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água Editores, 2018a.
- HAN, B.-C. **Agonia do eros**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017a.
- HAN, B.-C. **El Aroma del Tiempo**. Tradução: Paula Kuffer. Barcelona, S. L., Espanha: Herder Editorial, 2015.
- HAN, B.-C. **Hiperculturalidade**: cultura e globalização. Tradução: Gabriel Salvi Philipson. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.
- HAN, B.-C. **No enxame**: perspectivas do digital. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018b.
- HAN, B.-C. **Psicopolítica**: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018c.
- HAN, B.-C. **Sociedade da transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017c.
- HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2. ed. ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017b.
- HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. Tradução: Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- HARTOG, F. **Regimes de historicidade**: presenteísmo e experiências do tempo. Tradução: Andréa Souza de Menezes *et al.* Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

- HESSEN, J. **Teoria do conhecimento**. Tradução: João Vergílio Gallerani Cuter. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HOMEM, M. [S. l.; s. n.]. Existe semelhança entre Ano Novo e fake news? 2019. 1 vídeo (9 min.). Publicado pelo canal Maria Homem. Disponível em: youtube.com/watch?v=A2w-OqiHN0. Acesso em: 30 dez. 2019.
- IACONELLI, V. **Criar filhos no século XXI**. São Paulo: Contexto, 2019.
- IACONELLI, V. [S. l.; s. n.]. Reflexões: Teórico-Clínicas: Maternalismo na psicanálise: ponto surdo da clínica com... – 26.03.2021. 2021. 1 vídeo (2 h.). Publicado pelo canal CEP – Centro de Estudos Psicanalíticos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tdOB2jQKvoE&list=WL&index=2&t=473s>. Acesso em: 26 mar. 2021.
- JACKSON, M. Stress in Post-War Britain: An Introduction. In: JACKSON, M. **Stress in Post-War Britain, 1945-1985**. London and New York: Routledge, 2016. pp. 1-15.
- JERUSALINSKY, J. *et al.* **Intoxicações eletrônicas**: o sujeito na era das relações virtuais. Salvador: Ágalma Psicanálise, 2017.
- KERCKHOVE, D. D. **A pele da cultura**: investigando a nova realidade eletrônica. São Paulo: Annablume, 2009.
- KHEL, M. R. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2015.
- KRISTEVA, J. **As novas doenças da alma**. Tradução: Joana Angelica D'Avila Melo. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- LAZER, D. M. *et al.* The science of fake news: addressing fake news requires a multi-disciplinary effort. **Science**, v. 359, n. 6380, pp. 1094-1096, 9 march 2018. DOI 10.1126/science.aao2998
- LE BRETON, D. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Tradução: Marina Appenzeller. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.
- LE BRETON, D. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Tradução: Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- LEMMA, A. A psicanálise em tempos de tecnocultura: algumas reflexões sobre o destino do corpo no espaço virtual. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 49, n. 1, pp. 67-84, 2015.
- LEVY, P. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2018.
- LEVY, P. **O que é o virtual?** Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LOBO, S. **Mães que fazem mal**. São Paulo: Pasavento, 2018.
- LOPARIC, Z. Do colo materno ao convívio social na psicologia de Winnicott. **Folha de S.Paulo**, Ilustríssima, 8 maio 2016.

- LOPARIC, Z. **Winnicott e a ética do cuidado**. São Paulo: DWW Editorial, 2013. *E-book*.
- LUKIANOFF, G; HAIDT, J. The Codling of The American Mind. **The Atlantic**, Education, September 2015.
- LYOTARD, J-F. **A condição pós-moderna**. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- MARÍAS, J. As tias solteiras. **El País**, 9 ene. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/09/opinion/1483991387\\_847667.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/09/opinion/1483991387_847667.html). Acesso em: 4 abr. 2021.
- McKIBBIN, R. **Classes and Cultures: England 1918-1951**. United Kingdom: Oxford University Press, 1998.
- MERUANE, L. **Contra os filhos: uma diatribe**. Tradução: Paloma Vidal. São Paulo: Todavia, 2018.
- MURPHY, K. Women's Programmes: Programmes for women, by women. **BBC**. Disponível em: <https://www.bbc.com/historyofthebbc/100-voices/pioneering-women/womens-programmes/>. Acesso em: 21 out. 2021.
- NAFFAH NETO, A. A pesquisa psicanalítica. **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, v. 39, n. 70, pp. 279-288, jun. 2006.
- NICHOLAS, S. The People's Radio: The BBC and its Audience, 1939-1945. In: HAYES, N.; HILL, J. (ed.). **Million like us? British Culture in the Second World War**. Liverpool University Press, 1999. pp. 62-92.
- OLIVEIRA, A. Violência contra crianças e adolescentes representa 30% do total de denúncias recebidas, diz ministério, **Revista Crescer**, 18 maio 2021. Disponível em: <https://revistacrescer.globo.com/Educacao-Comportamento/noticia/2021/05/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-representa-30-do-total-de-denuncias-recebidas-diz-ministerio.html>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Entenda a infodemia e a desinformação na luta contra a COVID-19**. *E-book*. Disponível em: [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic\\_por.pdf?sequence=16&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52054/Factsheet-Infodemic_por.pdf?sequence=16&isAllowed=y). Acesso em: 6 dez. 2021.
- PACHECO, D. Novo colonialismo não explora apenas riquezas naturais, explora nossos dados. **Jornal da USP**, Universidade de São Paulo, São Paulo, 20 maio 2019. Disponível em: <https://jornal.usp.br/universidade/novo-colonialismo-nao-explora-apenas-riquezas-naturais-explora-nossos-dados/?fbclid=IwAR1dmksvSN0kWluh2fjbq-q4Q8mbL1KvydbvLJ2Y0TvsDtR9apANmYtR1WV0> Acesso em: 8 out. 2020.
- PESQUISA aponta impacto na saúde mental das mulheres. [S. l.; s. n.]. 2021. 1 vídeo (3 min.). Publicado pelo canal Jornalismo TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ibySrmHIMXE&t=5s> Acesso em: 3 ago. 2021.

- PESSOA, F. Mensagem. A Brasileira. Editor Grupo O Valor do Tempo: Lisboa, 2021.
- PETRILLO, K. What you need to know about digital moms. **Punchbowl**, Dec. 5 2013. Disponível em: <https://www.punchbowl.com/trends/blog/post/what-you-need-to-know-about-digital-moms>. Acesso em: 4 abr. 2021.
- PITLIUK, L. Sustentar uma clínica psicanalítica em-linha (online)? **Percursos** 64, ano XXXII, pp.1-7, jun. 2020.
- PRESTES, R. B. Zapping, Navegación, Nomadismo y Cultura Digital. **Cultura Digital y Vida Cotidiana en Iberoamérica** – una revisión crítica más allá de la comunicación, n. 73, ago.-oct. 2010. Disponível em: <http://www.razonypalabra.org.mx/N/N73/MonotematicoN73/11-M73Balaguer.pdf>. Acesso em: 21 set. 2020.
- RAHALI, M. Tiger Mom 2.0: (over)parenting for a digital future? **Parenting for a Digital Future**, The London School of Economics and Political Science, June 6<sup>th</sup> 2017. Disponível em: <https://blogs.lse.ac.uk/parenting4digitalfuture/2017/06/06/tiger-mom-2-0-overprinting-for-a-digital-future/>. Acesso em: 5 jan. 2022.
- RIBEIRO, N. A emergência da rádio e a vulgarização do entretenimento no lar. **Comunicação & Cultura**, v. 10, pp. 115-131, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2010.548>. Acesso em: 9 set. 2021.
- RICHARDSON, P. From war to peace: families adapting to change. In: JACKSON, M. (ed.). **Stress in Post-War Britain, 1945-1985**. London and New York: Routledge, 2016. pp. 17-29.
- ROSA, H. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade**. Tradução: Rafael H. Silveira. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- SAFRA, G. A clínica em Winnicott. **Natureza humana**, São Paulo, v. 1, n. 1, pp. 91-101, jun. 1999. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24301999000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 14 fev. 2021.
- SAFRA, G. O corpo. In: **Desvelando a memória do humano: o brincar, o narrar, o corpo, o sagrado, o silêncio**. São Paulo: Edições Sobornost, 2006. pp. 34-51.
- SANTAELLA, L. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2018. *E-book*.
- SCANNELL, P; CARDIFF, D. **A Social History of British Broadcasting**. Volume I, 1922-1939. Oxford: Basil Blackwell, 1991.
- SHAPIRA, M. Psychoanalysts on the radio and peace: from collective to domestic citizenship. In: KIRCHER, M. **The War Inside**. Cambridge University Press, 2013. pp. 112-137. DOI: <http://doi.org/10.1017/CBO9781139547314.005>
- SIBILIA, P. Em busca del aura perdida: espetacularizar la intimidad para ser alguien. **Perspectivas**, Chile, v. VIII, n. 2, pp. 309-329, 2009.

- SIBILIA, P. **O homem pós-orgânico**: a alquimia dos corpos e das almas à luz das tecnologias digitais. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.
- SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.
- SIBILIA, P. Os diários íntimos na internet e a crise da interioridade psicológica. **Anais do 11º Encontro da COMPÓS (Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação)**, 2003. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1049.PDF](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1049.PDF). Acesso em: 3 ago. 2021.
- TEPERMAN, D. *et al.* **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Col. Parentalidade & Psicanálise.
- TOSTA, R. O fazer do pesquisador e a pesquisa psicanalítica. In: KUBLIKOWSKI, I.; KAHHALE, E. M. S. P.; TOSTA, R. M. (org.). **Pesquisas em psicologia clínica**: contexto e desafios. São Paulo: EDUC, 2019. *E-book*. pp. 285-304.
- WINNICOTT, D. W. (1939). A mãe separada do filho. In: **Privação e delinquência**. Tradução: Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. pp. 31-39.
- WINNICOTT, D. W. (1945). Conhecendo seu bebê. In: **Os bebês e suas mães**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020a. pp.134-141.
- WINNICOTT, D. W. (1945). De novo em casa. In: **Privação e delinquência**. Tradução: Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. pp. 53-58.
- WINNICOTT, D. W. (1945). Esperando pela chegada do bebê. In: **Os bebês e suas mães**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020b. pp.127-133.
- WINNICOTT, D. W. (1947). O ódio na contratransferência. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. pp. 277-287.
- WINNICOTT, D. W. (1948). Pediatria à psicanálise. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. pp. 233-253.
- WINNICOTT, D. W. (1949). A mente e sua relação com o psicossoma. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. pp. 332-346.
- WINNICOTT, D. W. (1949). O bebê como organização em marcha. In: **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2013. pp. 26-30.
- WINNICOTT, D.W. (1950). Saber e aprender. In: **Os bebês e suas mães**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020. pp. 29-35.
- WINNICOTT, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. pp. 316-331.
- WINNICOTT, D. W. (1951/1953). Resenha de Maternal Care and Mental Health. In: **Explorações psicanalíticas**. Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu. São Paulo: Artmed, 2005. pp. 323-325.

- WINNICOTT, D. W. (1952). Cartas das minhas ouvintes. In: **Os bebês e suas mães**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020. pp. 142-147.
- WINNICOTT, D. W. (1954). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto analítico. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. pp. 374-398.
- WINNICOTT, D. W. (1955). Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar. In: **Privação e delinquência**. Tradução: Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. pp. 215-226.
- WINNICOTT, D. W. (1955). Madrastras e padrastos. In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 9-17.
- WINNICOTT, D. W. (1956). A tendência anti-social. In: **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000. pp. 406-416.
- WINNICOTT, D. W. (1956). O que sabemos a respeito de bebês que chupam pano? In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 19-25.
- WINNICOTT, D. W. (1958). **Da pediatria à psicanálise**. Tradução: Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- WINNICOTT, D. W. (1960). Ciúme. In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999a. pp. 49-75.
- WINNICOTT, D. W. (1960). O que irrita? In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. pp. 77-100.
- WINNICOTT, D. W. (1960). Segurança In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b. pp. 101-108.
- WINNICOTT, D. W. (1960). Teoria do relacionamento paterno-infantil. In: **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. pp. 38-54.
- WINNICOTT, D. W. (1960) Dizer “não”. In: *Conversando com os pais*. Trad. Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 27-48.
- WINNICOTT, D. W. (1961). Sentimento de culpa. In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 109-119.
- WINNICOTT, D. W. (1962). O desenvolvimento do sentido de certo e errado de uma criança. In: **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 121-126.
- WINNICOTT, D. W. (1962). Provisão para a criança na saúde e na crise. In: **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. pp. 62-69.

- WINNICOTT, D. W. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. *In: O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983. pp. 79-87.
- WINNICOTT, D. W. (1964). **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2013a.
- WINNICOTT, D. W. (1964). Mais ideias sobre os bebês como pessoas. *In: A criança e o seu mundo*. 6. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2013b. pp. 95-103.
- WINNICOTT, D. W. (1964). O filho único. *In: A criança e o seu mundo*. 6. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2013c. pp.148-153.
- WINNICOTT, D. W. (1964). Para onde vai o alimento. *In: A criança e o seu mundo*. 6. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: LTC, 2013d. pp. 37-42.
- WINNICOTT, D.W. (1965) **A família e o desenvolvimento individual**. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- WINNICOTT, D. W. (1965). A criança de cinco anos. *In: A família e o desenvolvimento individual*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. pp. 49-57.
- WINNICOTT, D. W. (1965). Aconselhando os pais. *In: A família e o desenvolvimento individual*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011b. pp.164-175.
- WINNICOTT, D. W. (1965). **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Tradução: Irineo Constantino Schuch Ortiz. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- WINNICOTT, D. W. (1965). O relacionamento inicial entre uma mãe e seu bebê. *In: A família e o desenvolvimento individual*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011c. pp. 21-28.
- WINNICOTT, D. W. (1965). Segurança. *In: A família e o desenvolvimento individual*. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011d. pp. 43-48.
- WINNICOTT, D.W. (1965). Fatores de integração e desintegração na vida familiar. *In: A família e o desenvolvimento individual*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011e. pp. 59-72.
- WINNICOTT, D. W. (1968). A comunicação do bebê com a mãe e a da mãe com o bebê, comparada e contrastada. *In: Os bebês e suas mães*. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. pp. 104-120.
- WINNICOTT, D. W. (1968). A comunicação do bebê com a mãe e a da mãe com o bebê, comparada e contrastada. *In: Os bebês e suas mães*. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020. pp. 104-123.

- WINNICOTT, D. W. (1968). Amamentação como forma de comunicação. *In: Os bebês e suas mães*. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020b. pp. 36-46.
- WINNICOTT, D. W. (1968). O aprendizado infantil. *In: Tudo começa em casa*. Tradução: Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 137-144.
- WINNICOTT, D. W. (1969). A construção da confiança. *In: Conversando com os pais*. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. pp. 139-152.
- WINNICOTT, D. W. (1970). A cura. *In: Tudo começa em casa*. Tradução: Paulo Sandler. 5a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. pp. 105-114.
- WINNICOTT, D. W. (1970). Assistência residencial como terapia. *In: Privação e delinquência*. Tradução: Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. pp. 249-258.
- WINNICOTT, D. W. (1971). A localização da experiência cultural. *In: O brincar e a realidade*. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019a. pp. 154-166.
- WINNICOTT, D. W. (1971). **O brincar e a realidade**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019b.
- WINNICOTT, D. W. (1971). O lugar em que vivemos. *In: O brincar e a realidade*. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019c. pp. 167-176.
- WINNICOTT, D. W. (1984). **Privação e delinquência**. Tradução: Álvaro Cabral. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- WINNICOTT, D. W. (1986). **Tudo começa em casa**. Tradução: Paulo Sandler. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- WINNICOTT, D. W. (1987). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. *In: O brincar e a realidade*. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019. pp. 177-188.
- WINNICOTT, D. W. (1987). **Os bebês e suas mães**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- WINNICOTT, D. W. (1987). **Os bebês e suas mães**. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- WINNICOTT, D. W. (1987). Saber e aprender. *In: Os bebês e suas mães*. Tradução: Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2020. pp. 29-35.
- WINNICOTT, D. W. (1988). **Natureza humana**. Tradução: Davi Litman Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- WINNICOTT, D. W. (1993). **Conversando com os pais**. Tradução: Álvaro Cabral. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- WOMAN'S HOUR. Disponível em: <https://www.bbc.co.uk/programmes/b007qlvb>. Acesso em: 18 out. 2021.
- WOOLF, V. **Um teto todo seu**. Tradução: Vera Ribeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- WORLD ECONOMIC FORUM; VISUAL CAPITALIST. **This is what happens in a minute on the internet**. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2019/03/what-happens-in-an-internet-minute-in-2019/>. Acesso em: 11 nov. 2021.
- YARAK, A. Parto domiciliar: quando o risco não é necessário. **Revista Veja**, Saúde, 16 set. 2011.
- YEARS AND YEARS. (série, temporada 1, episódio 2). Direção: Simon Cellan Jones, Lisa Mulcahy. Red Production Company, StudioCanal/ BBC One: Inglaterra, 14 de maio de 2019 (1h 2m).



Este livro tem como objetivo comparar a transmissão da cultura atual dos cuidados maternos com a que prevalecia na época em que Winnicott falava pelo rádio para as mães na BBC Londres. Inicialmente, contextualizamos o interlocutor na cultura do rádio na Inglaterra pós-Segunda Guerra Mundial. Descrevemos, então, a cultura das mídias digitais na contemporaneidade, demonstrando seu funcionamento e suas repercussões no comportamento do sujeito contemporâneo. Em seguida, analisamos as palestras radiofônicas de Winnicott dirigidas às mães entre 1939 e 1965, bem como trechos das falas de uma mídia digital, um grupo de mães no Facebook, de 2019 a 2021. Por fim, apontamos algumas diferenças em relação às culturas mencionadas, sendo proposta uma possível intervenção terapêutica destinada às mães que cuidam de seus filhos.



[openaccess.blucher.com.br](https://openaccess.blucher.com.br)

**Blucher** Open Access